

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

**O IMPACTO DA COBERTURA DAS
OLIMPIADAS DE BEIJING NA CONSTRUÇÃO
DA NOVA IDENTIDADE INTERNACIONAL DA CHINA**

CIBELE RESCHKE DE BORBA

RIO DE JANEIRO

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

**O IMPACTO DA COBERTURA DAS
OLIMPIADAS DE BEIJING NA CONSTRUÇÃO
DA NOVA IDENTIDADE INTERNACIONAL DA CHINA**

Monografia submetida à Banca de Graduação como
requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social/ Jornalismo.

CIBELE RESCHKE DE BORBA

Orientadora: **Prof^a. Dr^a. Ilana Strozenberg**

RIO DE JANEIRO

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **O impacto da cobertura das Olimpíadas de Beijing na construção da nova identidade internacional da China**, elaborada por Cibele Reschke de Borba.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia 04 de março de 2013.

Comissão Examinadora:

Orientadora: **Profª. Drª. Ilana Strozenberg**

Doutora em Comunicação | ECO-UFRJ

Departamento de Comunicação - UFRJ

Profª. Drª. Cristiane Costa

Doutora em Comunicação | ECO-UFRJ

Departamento de Comunicação - UFRJ

Profª. Drª. Cristina Rego Monteiro

Doutora em Comunicação e Cultura | ECO-UFRJ

Departamento de Comunicação - UFRJ

Aos meus pais
Heliete Beatriz Reschke e Carlos Alberto Borba,
e às minhas irmãs
Cintia Reschke de Borba Hoskinson e Catlyn Zagulski Borba,
por serem os pilares da minha vida.

AGRADECIMENTOS

À querida professora Ilana Strozenberg, minha orientadora nesta monografia, por todas as brilhantes e pertinentes considerações, por todo o apoio, compreensão e estímulo em todos os momentos, por toda a base teórica que me proporcionou e por ser uma referência de competência profissional que sempre inspirou minha formação acadêmica e profissional.

Às queridas professoras Cristiane Costa e Cristina Rego Monteiro da Luz, por terem me ensinado a enxergar o jornalismo de forma crítica e pensar “fora da caixinha”; e por terem sido as minhas melhores referências de jornalistas de sucesso dentro do mundo acadêmico.

Ao professor Marcio Tavares D’Amaral pela honra de ter sido sua aluna, por todo o conhecimento não só acadêmico, mas também humano que me passou.

À amiga Larissa Wachholz Cabral pela amizade e por todo o apoio crucial que me deu para a realização deste trabalho.

À minha família: Minha mãe, Heliete; meu pai, Carlos Alberto; minhas irmãs, Cintia e Catlyn; meus avós, Neusa, Élio, Ilza (*in memoriam*) e Carlos (*in memoriam*); meus tios, Lia, Luiz e Paulo; e meu primos, Laís e Daniel, e meu cunhado Tom. E ao meu amor João Vinícios. Obrigada por serem tudo na minha vida.

A Deus, pelo dom da vida e por ter me permitido chegar até aqui.

*Se todos na Terra reconhecerem a beleza como bela,
desta forma já se pressupõe a feiura.
Se todos na Terra reconhecerem o bem como o bem,
deste modo já se pressupõe o mal.
Porque Ser e Não-ser geram-se mutuamente.
O fácil e o difícil se completam.
O longo e o curto se definem um ao outro.
O alto e o baixo convivem um com o outro.
A voz e o som casam-se um com o outro.
O antes e o depois seguem mutuamente.*

*Assim também o Sábio :
Permanece na ação sem agir, ensina sem nada dizer.
A todos os seres que o procuram Ele não se nega.
Ele cria, e ainda assim nada tem.
Age e não guarda coisa alguma.
Realiza a obra, não se apega a ela.
E, justamente por não se apegar, não é abandonado.*

*Por isso é que o sábio governa da seguinte maneira:
Esvazia os corações e enche os estômagos.
Enfraquece as vontades e revigora os ossos,
e faz com que o povo fique sem conhecimento
e sem desejos.
E providencia para que os doutos não ousem agir.
Ele pratica a não-ação,
e em tudo reina a ordem.*

Poema que revela muito da cultura chinesa, é integrante do antigo livro chinês *Tao Te Ching*, atribuído a Lao Tsé, um filósofo cujo nome real era Erh Dan Li e que teria nascido no Sul China numa região chamada Ch'u, em torno do ano 604 a.C.

RIO DE JANEIRO

2013

FICHA CATALOGRÁFICA

BORBA, Cibeles Reschke de.

O impacto da cobertura das Olimpíadas de Beijing na construção da nova identidade internacional da China. Rio de Janeiro, 2013.

Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) –
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação –
ECO.

Orientadora: Ilana Strozenberg

BORBA, Cibele Reschke de. **O impacto da cobertura das Olimpíadas de Beijing na construção da nova identidade internacional da China.** Orientadora: Ilana Strozenberg.
Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

RESUMO

A magnífica organização chinesa das Olimpíadas de 2008 impressionou o mundo pela competência e qualidade com que foi realizada e projetou uma imagem da China como potência econômica mundial, atributo que, nos anos anteriores, não era creditado àquele país. Este trabalho investiga o papel do trabalho dos jornalistas chineses na cobertura chinesa oficial dos Jogos na mídia voltada para o exterior, na construção da identidade internacional do seu país como potência global da atualidade. Inicialmente, é apresentada uma análise do discurso da cobertura chinesa nos principais jornais veiculados na internet, buscando detectar os sentidos de identidade nacional presente em suas mensagens. As seguir, dadas as semelhanças de momentos pré-olímpicos vividas pelos dois países e o estreitamento das relações entre ambos - que são duas das maiores potências do BRICS – nos últimos anos, o trabalho propõe uma análise comparativa entre a cobertura chinesa e a cobertura das Olimpíadas feita por alguns dos jornais brasileiros de maior circulação. Com isso se busca perceber como, no discurso produzido sobre Beijing, os jornalistas brasileiros constroem implicitamente, por contraste, uma imagem do Brasil, que sediará as Olimpíadas em 2016. Nesse sentido, nota-se uma ênfase no tema da liberdade de expressão e da democracia. Para a realização deste trabalho, foram feitas entrevistas com sinólogos e jornalistas que participaram da cobertura dos Jogos de Beijing, além de uma vasta pesquisa bibliográfica relacionada ao tema, e um amplo levantamento documental das matérias chinesas e brasileiras acerca dos Jogos Olímpicos.

Palavras chave: China; Brasil; Olimpíadas; cobertura jornalística; mídia chinesa; mídia brasileira; nacionalismo; BRICS, cenário global

ABSTRACT

The magnificent Chinese organization of the 2008 Olympics impressed the world with the competence and quality with which it was held; and it showcased an image of China as being a world economic power, an attribute that, in the previous years, was not given to China. This paper researches the role of the Chinese journalists in the official Chinese journalistic coverage of the Olympic Games in media aimed at the foreign public, in the creation of an international identity for their country as a current global power. Initially, an analysis of the discourse of the Chinese coverage in the main internet newspapers is presented, seeking to detect the senses of national identity that their messages contain. Following, given the similarities of both countries' pre-Olympic moments and the strengthening of their relationship between them in the past years – which are the BRICS' two most powerful countries -, this research proposes a comparative analysis between the Chinese coverage and the coverage done by some of the largest Brazilian newspapers. The intention with this is to show how, in the discourse made about Beijing, the Brazilian journalists implicitly build, in contrast, an image of Brazil - which will host the Olympics in 2016. In this sense, we note an emphasis on the subjects of freedom of speech and democracy. For this paper, interviews were held with specialists on China and journalists who took part in the opening ceremony of the Beijing Olympic Games, in addition to a wide bibliographical research related to the topic, and an in-depth research on Chinese and Brazilian news coverage about the Olympic Games.

Keywords: China; Brazil; Olympics; news coverage, Chinese media; Brazilian media; nationalism; BRICS, global scenario

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. BRASIL E CHINA: SEMELHANÇAS NO CRESCIMENTO, DIFERENÇAS NOS CONTEXTOS POLÍTICOS E MIDIÁTICOS	17
2.1 O novo papel dos BRICS no cenário internacional	17
2.2 Consolidação da China como 2ª maior potência mundial	19
2.3 A importância das relações entre o Brasil e a China	22
2.4 Diferentes contextos midiáticos nos dois países	25
2.5 A relação entre Olimpíadas, esporte e identidade nacional	28
3. RELAÇÃO ENTRE A COBERTURA CHINESA DOS OLIMPÍADAS, O NACIONALISMO E A POLÍTICA EXTERNA DA CHINA	31
3.1 O nacionalismo chinês	31
3.2 Breves considerações sobre o modo de pensar chinês face ao Ocidente	38
3.3 A importância das Olimpíadas nas políticas interna e externa da China	42
3.4 Cobertura chinesa das Olimpíadas voltada para o exterior: construção da imagem internacional da China através do jornalismo	44
4. A INTERPRETAÇÃO BRASILEIRA DO MOMENTO VIVIDO PELA CHINA	57
4.1 Nacionalismo brasileiro X nacionalismo chinês	57
4.2 Cobertura brasileira dos Jogos de Beijing: o abismo em relação à cobertura oficial chinesa	62
4.3 Perspectivas da mídia brasileira para 2016	70
5. CONCLUSÃO	74
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	76
6.1 Livros	76
6.2 Websites	79
7. ANEXOS	81
7.1 Parte I. Íntegras das reportagens citadas no trabalho	81
7.2 Parte II. Íntegras das entrevistas feitas pela autora	103
7.3 Parte III. Tabelas, mapas e figuras com dados relevantes acerca do tema	123

1. INTRODUÇÃO

Engana-se quem pensa que grandes eventos como as Olimpíadas sejam organizados por meras questões de espírito esportivo. Os Jogos Olímpicos, em sua história, são marcados por disputas de poder político. A começar pela nação escolhida para sediar a competição. Em geral, tratam-se de países que dispõem de uma situação econômica estabilizada, de um certo status perante os outros países, e que sejam capazes de arcar com os custos e receber milhões de convidados. Em geral, uma boa recepção pode resultar em sucesso, reconhecimento e prestígio entre a comunidade de países que participam dos Jogos. É por isso que a China, em 2008, preocupou-se tanto em realizar as maiores Olimpíadas da história. Foi por isso, também, que o Brasil se empenhou tanto, nos anos seguintes, na candidatura para sediar os Jogos de 2016, e comemorou tanto a vitória.

Os Jogos de Beijing consolidaram um marco importantíssimo na história das Olimpíadas, uma vez que vieram a ser o mais caro evento esportivo já realizado, e também o mais assistido. Foram gastos 41 bilhões de dólares no evento, e cerca de 4,7 bilhões de espectadores assistiram a mais de 500 horas de transmissão, em aproximadamente 220 países. Mais do que isso, por ter sido a primeira vez que a China sediou o evento, depois de várias candidaturas sem sucesso, as Olimpíadas de Beijing representaram, para os chineses e a comunidade internacional, um resultado do desenvolvimento, enorme crescimento econômico e a modernização do país. E os maiores interessados em mostrar ao mundo essas conquistas foram os próprios chineses.

O século XIX, para a China, foi marcado por uma série de ofensivas e humilhações imperialistas, o que criou uma mentalidade de vítima entre a população chinesa - mentalidade essa que foi fortemente enfatizada pelo Partido Comunista Chinês (PCC) no século XX, a fim de instaurar um nacionalismo que legitimasse o poder do Partido, enquanto promotor do desenvolvimento do país contra as ameaças ocidentais (GRIES, 2004).

Dessa mentalidade vitimizada surge o ferrenho interesse de mostrar ao Ocidente todo o crescimento da China, que em pouco mais de três décadas, saiu da extrema pobreza e tornou-se a segunda maior economia do mundo, atrás apenas dos Estados Unidos. E as Olimpíadas seriam o momento propício de projetar essa imagem da nova China para todo o mundo. Com esse intuito, o Governo chinês não poupou nem esforços, nem gastos.

Mas apesar de toda a exuberância do evento organizado pelos chineses, algumas questões políticas e sociais bastante sensíveis, como a repressão, o desrespeito aos direitos humanos e à liberdade de expressão, entre outros, continuam assombrando o país. E durante os Jogos, essas questões vieram à tona na forma de protestos - muitos dos quais foram reprimidos pelo Governo - e de denúncias por parte da mídia internacional, o que mostra que, aos olhos do Ocidente, a China ainda tem um longo caminho a percorrer no quesito democracia.

Além disso, os Jogos Olímpicos seriam a chance de o Governo Comunista reafirmar seu poder dentro da própria China, já que a população há tempos tem estado insatisfeita com o regime político e com a ainda enorme desigualdade social existente no país, entre outros fatores. Ao realizar as mais belas Olimpíadas da história, o Governo tenta demonstrar ao povo a potência que a China se tornou e instiga o patriotismo e o nacionalismo.

O sistema midiático chinês difere bastante do brasileiro, por ser quase totalmente controlado pelo Governo, pois ainda que hoje em dia existam jornais privados, além dos veículos oficiais do partido - que são a maioria - a mão fiscalizadora do PCC não deixa de censurar determinadas publicações e até punir, das mais diversas maneiras, os jornalistas dissidentes. No caso das Olimpíadas, por haver o intuito do Governo de projetar a imagem da China como potência econômica mundial, houve uma preocupação especial com as versões em inglês, voltadas para o exterior, das coberturas de determinados veículos oficiais chineses.

Pretende-se, neste trabalho, mostrar qual foi o papel dessa imprensa oficial chinesa, voltada para os estrangeiros, na consolidação da identidade internacional da China, enquanto país modernizado, civilizado, desenvolvido e rico. Afinal, a desenvoltura de Beijing ao sediar os Jogos - que exprimiram os avanços da China, bastante enfatizados desde cerimônia de abertura do evento - chocou o mundo. E a imprensa chinesa soube se aproveitar desse momento para projetar a imagem da China para o exterior.

Num segundo momento é feita uma comparação entre a cobertura chinesa e a que foi veiculada pelos principais órgãos de imprensa no Brasil, visando discutir como os jornalistas brasileiros interpretaram o momento vivido pela China. Por outro lado, a análise permite perceber como, através do discurso sobre a China, se constrói, por comparação, uma imagem de Brasil, levando-se em conta que ambos os países vivem situações semelhantes de desenvolvimento, mas têm regimes políticos bastante distintos, que repercutem sobre o tema da democracia e da liberdade de expressão.

É importante fazer essa comparação entre os momentos olímpicos do Brasil e da China, porque eles representam a ascensão de dois países do BRICS em um cenário de crise econômica mundial, o que em outras palavras significa que a atual ordem mundial, dominada por grandes potências ocidentais como Estados Unidos e União Europeia, pode ser modificada ao longo da primeira metade do século XXI. E a tendência é que os BRICS, especialmente China e Brasil - que atualmente ocupam, respectivamente, o 2º e o 7º lugar no *ranking* das maiores economias do mundo - tenham um peso cada vez maior entre as lideranças da comunidade internacional.

Ambos os países têm um grande potencial de troca. O Brasil possui uma economia relativamente estável, baixo nível de desemprego e grande potencial tecnológico, e goza de um estatuto de democracia que se insere nos padrões ocidentais de civilização, patamar que a China ainda não alcançou, por viver um regime autoritário. Já a China vive um milagre econômico impulsionado por sua imensa força de trabalho - e hoje cresce mais de 8% ao ano, além de estar na frente do Brasil no quesito educação e no desenvolvimento de novas tecnologias.

Mais ainda, é fundamental perceber os pontos em comum que o Brasil tem com a China, pois o gigante asiático é, hoje em dia, o maior parceiro comercial da potência latina, e também seu maior investidor. A compreensão da importância da aproximação entre os dois países pode contribuir, portanto, para o crescimento do Brasil. E por ser o próximo dos BRICS a sediar as Olimpíadas, o Brasil tem muito a se espelhar no sucesso dos Jogos de Beijing.

Para a realização deste trabalho, a autora fez uma ampla pesquisa documental nos sites de dois dos principais veículos midiáticos oficiais da China: a CCTV e o China Daily, que são os veículos chineses de maior visibilidade no exterior. O foco da busca foram matérias escritas por jornalistas da China em língua inglesa, ou seja, voltadas para os estrangeiros que desejassem se informar sobre os Jogos de Beijing e o momento econômico e político que a China vivia. Em seguida, a autora fez uma extensiva pesquisa em dois dos maiores veículos de jornalismo no Brasil - análogos à CCTV e ao China Daily na China - sobre as coberturas que fizeram do evento: os sites do G1 e do Jornal O Globo.

A realização de ambas as pesquisas teve o objetivo de entender e comparar as diferenças das coberturas e o que esteve por trás do discurso jornalístico desses veículos: questões que vão de política a cultura, passando por economia e curiosidades. O mais

importante, nesse caso, seria a percepção do tom de discurso governamental presente nas matérias chinesas, e o tom de denúncia a questões sensíveis ao PCC, presente nas matérias brasileiras.

Com o objetivo de ter um respaldo teórico considerável, a autora também realizou uma vasta pesquisa bibliográfica, e cerca de 30 autores serviram como referência. Além disso, por se tratar de um tema bastante atual e pouco repercutido no Brasil, a autora recorreu a entrevistas com quatro especialistas que foram pontuais para a maior compreensão do universo chinês. Na ordem que vamos apresentá-los a seguir, o primeiro entra na discussão teórica dentro do campo da Comunicação e das Ciências Sociais acerca do nacionalismo e do discurso jornalístico, enquanto os outros três discutem a situação atual vivida pela China e a cobertura das Olimpíadas, embora os temas entre os quatro entrevistados se misturem.

O especialista em China moderna e contemporânea da Universidade de Stanford, Eric Vanden Bussche, é dos únicos sinólogos fluentes em mandarim e português brasileiro. O estudioso é belga-canadense, graduou-se na USP, morou anos no Brasil e tem mais de uma década de experiência na China, além de ter trabalhado como jornalista em um veículo chinês. A entrevista via Skype com Bussche, direto da Califórnia, rendeu grandes contribuições sobre o nacionalismo chinês e sobre a situação política, econômica e social da China, que foram cruciais para a fundamentação deste trabalho.

Uma longa conversa por e-mail direto de Beijing com o correspondente internacional do Sportv na China, Edgar Alencar - que em 2008 esteve dentro da redação do canal, no Brasil, cobrindo os Jogos - rendeu depoimentos importantíssimos sobre o trabalho dos jornalistas brasileiros na China e proporcionou, novamente, uma maior compreensão do choque cultural entre brasileiros e chineses. Da mesma forma, conversamos com o ex-correspondente da agência chinesa de notícias Xinhua no Brasil e vice-diretor do Instituto Confúcio da UNB, Chen Jiaying, e assim pudemos perceber melhor a realidade do sistema midiático chinês.

Entrevistamos pessoalmente o especialista em estudos afro-asiáticos da Universidade Cândido Mendes e fundador do Instituto Brasileiro de Estudos da China, Ásia e Pacífico, Severino Cabral, que com sua vasta experiência, nos deu um apanhado geral da importância das relações entre o Brasil e a China, além de nos proporcionar uma aula de história chinesa.

Espera-se, com essas fontes de informação, apresentar uma visão ampla dos impactos - se houve impactos - da cobertura chinesa das Olimpíadas de 2008 na visão que o mundo tem

hoje sobre a China, e entender como esses possíveis impactos, intrinsecamente, atingem o Brasil. Para isso, dividiremos o trabalho em três capítulos.

No primeiro capítulo, vamos contextualizar a atual ordem mundial e a emergência dos BRICS nesse cenário, mostrando a emergência da China e do Brasil como novos líderes regionais e globais. Em seguida, falaremos sobre as mudanças e reformas econômicas pelas quais a China passou nos últimos 30 anos até consolidar-se como 2ª maior economia mundial. E então entraremos na questão da importância das relações entre o Brasil e a China para o crescimento mútuo dos dois países, mas ressaltando os diferentes contextos midiáticos e diferentes realidades políticas, que marcam diferenças cruciais nos discursos jornalísticos sobre as Olimpíadas. Por fim, vamos aprofundar a questão da relação entre Olimpíadas, esporte e identidade nacional, e como as Olimpíadas são um espaço de disputa política.

No segundo capítulo, falaremos da origem do nacionalismo chinês contemporâneo e de como o Governo Comunista se apropriou de um discurso vitimizado, relacionado ao “século de humilhações”, para estimular o nacionalismo de partido na China. Nesse contexto, o nacionalismo de partido passa a ser confundido com o nacionalismo individual, e também passa a ser visto como a única forma legítima de nacionalismo na China. Posteriormente, surge o nacionalismo popular crítico ao regime, mas com o qual o Governo sempre tentou se relacionar para, de uma forma ou de outra, manter o controle da situação política do país.

Em seguida, mostraremos certas diferenças culturais entre os chineses e os Ocidentais, ao abordar a forma de pensar chinesa face ao Ocidente: como os chineses enxergam seu lugar no mundo e como enxergam as potências ocidentais. Como eles se relacionam com o Ocidente, não só em termos interpessoais, mas também mercadológicos, e como ele se apropriam de elementos presentes nos produtos do Ocidente para melhorar os produtos chineses.

Mais ainda, iremos aprofundar a questão da importância estratégica dos Jogos Olímpicos para as políticas externa e interna do país, para entrar em uma das principais discussões deste trabalho: a cobertura oficial chinesa dos Jogos de Beijing, voltada para fora do país, mostrando os erros e os acertos, a censura e a abordagem que teve em relação a assuntos sensíveis ao Governo Comunista- lembrando que não analisaremos a cobertura esportiva. Iremos nos ater às coberturas política, econômica e cultural.

No terceiro e último capítulo, falaremos das origens imperiais e elitistas do nacionalismo brasileiro e da formação da cidadania no Brasil, mostrando como as marcas do

passado colonial interferem no nacionalismo contemporâneo. Faremos também uma breve comparação entre os nacionalismos da China e do Brasil, para entender melhor as diferentes formas de engajamento das populações para com seus respectivos Jogos Olímpicos.

Por fim, vamos analisar a cobertura brasileira dos Jogos de 2008, mostrando as diferenças cruciais em relação à cobertura chinesa. Os jornalistas brasileiros, em geral, tendem a ser bastante críticos não apenas às questões exteriores, mas também - e principalmente - aos problemas do próprio país. Assim, traçaremos o perfil da cobertura brasileira, erros, acertos e a forma como o país se viu através da China nesse momento, para então prever o que poderá acontecer com as coberturas interna e externa dos Jogos de 2016.

2. BRASIL E CHINA: SEMELHANÇAS NO CRESCIMENTO, DIFERENÇAS NOS CONTEXTOS POLÍTICOS E MIDIÁTICOS

Quanto maior a crise, mais creio nos BRICS. Os BRICS não têm coerência como grupo político, por serem países muito diferentes. Porém, precisam fazer parte da governança global. Apesar de não ter muita lógica política, eles têm tanta legitimidade quanto o G-7, senão mais.

Jim O'Neil, Economista-chefe do Goldman Sachs, que criou o termo BRICS.

Vamos discutir neste capítulo a emergência dos BRICS no cenário internacional, focando nas duas principais potências econômicas do bloco: a China e o Brasil, para entender a importância do fortalecimento das relações entre os dois países. A partir disso, e de uma análise das relações entre Jogos Olímpicos e poder político e econômico, teremos uma compreensão mais ampla do impacto que a escolha dessas duas nações em desenvolvimento para sediar as Olimpíadas de 2008 e 2016 pode produzir na nova ordem mundial e nos próprios regimes internos. Os Jogos são vistos como a oportunidade de os dois países, ora subdesenvolvidos, mostrarem-se fortes e ricos face a um Ocidente em crise, e também de justificar às respectivas populações as reformas internas que têm ocorrido nos últimos anos. Mais especificamente no caso chinês, a população passou por um processo intenso de mudanças de hábitos (JABBOUR, 2010) para fazer da China uma nação mais “moderna”, mas a proteção da própria tradição cultural chinesa e do nacionalismo foi alvo de preocupação constante dos líderes do Partido de regime fechado, no intuito de manter sua legitimidade política.

2.1 O novo papel dos BRICS no cenário internacional

Os sinais de saturação da economia americana, mais visíveis desde a eclosão da crise econômica que se espalhou pelo mundo, em 2008, abriram espaço para uma nova ordem mundial, na qual emergem países com alto potencial de desenvolvimento. Os BRICS, bloco formado pelo Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul, surgem nesse contexto. As projeções de crescimento desses países são bastante promissoras, e até chocantes, se

comparadas às projeções dos países desenvolvidos. Como já assinalou Dominic Wilson, no artigo “*Dreaming with BRICS: the path to 2050*”:

Durante os próximos 50 anos, Brasil, Rússia, Índia e China – as economias do BRIC – poderiam se tornar uma força muito maior na economia mundial. Utilizando as últimas projeções demográficas e um modelo de acumulação de capital e crescimento de produtividade, nós mapeamos o crescimento do PIB, renda per capita e movimentos cambiais nas economias do BRIC até 2050. [...] A lista das dez maiores economias do mundo pode parecer bem diferente em 2050. As maiores economias no mundo (de acordo com o PIB) podem não mais ser as mais ricas (de acordo com a renda per capita), tornando mais complexas as escolhas estratégicas das empresas. (WILSON, 2003: 2)¹

O século XXI assinala um momento de transição na ordem global até então conhecida. Um novo balanço na distribuição de poder, antes dominado pelos Estados Unidos e as maiores potências da Europa, já é visível. Tendo em vista a estagnação da Europa depois de severas crises econômicas, que enfraqueceram a produção industrial e deixaram milhares de pessoas sem emprego, economistas prevêem que os BRICS se tornem os novos pilares do desenvolvimento no século XXI (WILSON, 2003). Primeiro porque são países com indústrias bastante desenvolvidas e capacidade cada vez maior de produzir e exportar tecnologia de ponta. Segundo por disporem de dimensões continentais, alto potencial demográfico e recursos naturais inexauríveis.

Ao mesmo tempo que representam uma “ameaça” à hegemonia norte-americana e europeia (BROOMFIELD, 2003; COX, 2011), os BRICS são a esperança de reconstrução das economias em crise, uma vez que continuam crescendo, enquanto o mundo desenvolvido decai. Existem muitas teorias que tentam prever qual será a nova ordem mundial, no século XXI. Nenhuma delas tem conclusão definitiva, mas o consenso entre todas as hipóteses é de que o mundo, tal como foi configurado no século XX, deixará de existir no século XXI. E os países em desenvolvimento, sobretudo a China, terão papel fundamental nesse jogo. Sobre isso, diz Michael Cox, professor da London School of Economics, no artigo “*21 Century power shift? Myths, realities and economists*”:

¹ Tradução feita pela autora. Original: *Over the next 50 years, Brazil, Russia, India and China — the BRICS economies — could become a much larger force in the world economy. Using the latest demographic projections and a model of capital accumulation and productivity growth, we map out GDP growth, income per capita and currency movements in the BRICS economies until 2050. [...] The list of the world's ten largest economies may look quite different in 2050. The largest economies in the world (by GDP) may no longer be the richest (by income per capita), making strategic choices for firms more complex.* (WILSON, 2003: 2)

Mas para onde estará indo o mundo? Até o momento, pelo menos três cenários foram sugeridos com relação à nova ordem internacional que está se formando. O primeiro, o qual pode ser cruamente rotulado de “realista”, defende que o futuro contém toda a sorte de perigos – especialmente na própria Ásia (Emmott, 1987). Um segundo sugere que a globalização foi tão longe que, até mesmo se novas tensões surgirem (na Ásia ou outro lugar), elas ocorrerão em um mundo onde os incentivos econômicos para a paz são destinados, por definição, a reduzir ao mínimo qualquer conflito sério. Por último, há uma visão – recentemente anunciada por Barry Buzan – de que nós estamos realmente caminhando em direção a um novo conjunto de ordens regionais no qual, de fato, não haverá nenhum tipo de super potências. (COX, 2011: 18)²

2.2 Consolidação da China como 2ª maior potência mundial

A China, nesse contexto de expansão dos BRICS, vai além. Em apenas 10 anos, passa de 6ª maior economia do mundo para 2ª³, atrás apenas dos Estados Unidos. (WILSON, 2003) E torna-se o novo “combustível” do planeta. Ao longo das últimas duas décadas, o crescimento abrupto do país asiático abriu os olhos do Ocidente para o potencial de liderança não apenas local, mas também global da China. Só no período das últimas reformas econômicas, entre 1992 e 2008 - ano das Olimpíadas de Beijing - o crescimento médio do Produto Interno Bruto (PIB) anual do país foi de 10,36%. Mais especificamente em 1992, o crescimento foi de 14,2%. Enquanto isso, nos países desenvolvidos era impossível pensar em um crescimento anual que chegasse a dois dígitos. Por essa razão, teorias sobre uma possível “ameaça chinesa” à atual ordem global começaram a surgir.

Uma das civilizações mais antigas do mundo começou a se reinventar em uma busca para restabelecer sua posição outrora preeminente no mundo como o “Reino do Meio”. A percepção da China de que seu grande legado histórico não foi cumprido criou uma necessidade psicológica de construir um vasto poder para o século XXI. Insatisfeita com seu *status quo*, a China busca usar seu motor de crescimento econômico para expandir sua influência na região e desafiar o Ocidente em um nível global. A ditadura totalitária do Partido Comunista Chinês, com seus objetivos expansionistas e políticas

² Tradução feita pela autora. Original: *But where might the world be heading? Thus far at least three scenarios have been suggested about the new international order in the making. The first, which might crudely be labelled ‘realist’, argues that the future contains all sorts of dangers – especially in Asia itself (Emmott, 1987). A second suggests that globalization has gone so far that even if new tensions do arise (in Asia or elsewhere) these will take place in a world where the economic incentives for peace are bound, by definition, to reduce any serious conflict to a minimum. Lastly, there is a view – recently articulated by Barry Buzan – that we are in effect moving towards a new set of regional orders in which there will in fact be no superpowers at all. (COX, 2011: 18)*

³ Ver Tabela 03 no Anexo – Parte I.

cruéis, não pode coexistir em paz com os Estados Unidos e seus ideais de liberdade e auto-determinação. (BROOMFIELD, 2003: 265)⁴

O “país do meio”, tradução de “中国” (*zhong guo*), que no mandarim significa China, ao longo dos séculos, viveu períodos de glória e miséria. As guerras do século XIX contra o imperialismo ocidental criaram uma mentalidade vitimada entre os chineses (MORENA, 2010), que por anos lutaram para restabelecer a independência e a soberania do seu país. Embora tenha permanecido por anos em regime fechado, durante a Guerra Fria, a necessidade de aceitação internacional e a incansável pressão do Ocidente levaram o então líder reformista do Partido Comunista da China (PCC), Deng Xiaoping, a instaurar a política de “portas abertas”, em 1978. A projeção internacional do gigante asiático, aliada ao crescimento econômico, tornou-se uma das principais metas do Partido.

Mas o surpreendente crescimento econômico não foi o suficiente para a China alcançar a reputação desejada perante a comunidade internacional (CABESTAN, 2010). Primeiro por ser uma ordem ocidental dominada pelos Estados Unidos, com quem a China sempre teve divergências, por questões como a soberania de Taiwan, o respeito aos direitos humanos e à democracia, e as polêmicas posturas de mercado (CLARK, apud COX, 2011). Segundo, por divergências ideológicas e políticas, principalmente no tocante ao rigoroso controle do PCC em todas as esferas socioeconômicas da China. O Ocidente sempre duvidou das capacidades do PCC de tornar a China um país “civilizado” nos moldes ocidentais de mercado.

Com a ampla difusão do Socialismo de Mercado chinês (JABBOUR, 2010) - sistema pelo qual a política permanece socialista, fechada e inflexível, e a economia é cada vez mais aberta e com características tipicamente capitalistas - mais intenso nas últimas duas décadas, a China só fez crescer. E quando esse crescimento “tocou na ferida” do Ocidente, a ponto de o dinamismo de diversas economias terem ligação direta com o dinamismo da economia chinesa, o anterior “descaso” com o apelidado “gigante adormecido” se transformou em preocupação. O mundo precisa demais da China para ignorá-la, ou até mesmo tentar derrubá-la, como já disse Danny Quah no artigo “*The shifting global balance of power*”:

⁴ Tradução feita pela autora. Original: *One of the oldest civilizations in the world has begun to reinvent itself in a quest to restore itself to its once pre-eminent position in the world as the ‘Middle Kingdom’. China’s unfulfilled sense of its grand historical legacy has created a psychological need to build a vast power for the twenty-first century. Unhappy with the status quo, it seeks to use its engine of economic growth to expand its influence in the region and challenge the West on a global level. The totalitarian dictatorship of the Chinese Communist Party with its expansionist goals and ruthless policies cannot co-exist in peace with the United States and its ideals of freedom and self-determination.* (BROOMFIELD, 2003: 265)

Nos últimos 30 anos, a China retirou 600 milhões de pessoas da extrema pobreza. Isto é o dobro da população dos Estados Unidos ou da União Europeia, e dez vezes a população do Reino Unido. Nas últimas três crises econômicas globais, a China propiciou um impulso de crescimento para a economia mundial muitas vezes maior do que os Estados Unidos. Que bem faria ao mundo se o Ocidente rompesse tão bem-sucedida máquina de redução de pobreza, uma influência estabilizadora tão eficaz na economia global? (QUAH, 2011: 3)⁵

Um dos marcos da nova postura ocidental em relação à China (“se não podemos vencê-los, juntemo-nos a eles”) foi a admissão do país na Organização Mundial de Comércio (OMC), em 2001. A China passou, dessa forma, a assumir cada vez mais uma economia de mercado, cujas barreiras impostas pelo Estado também se tornam progressivamente menores.

As candidaturas da China para sediar as Olimpíadas podem exemplificar a evolução no processo de reinserção do país na comunidade internacional, enquanto superpotência. O movimento olímpico do país foi iniciado por Deng Xiaoping, em 1980. Em 1993, a China se candidatou pela primeira vez, para ser anfitriã dos jogos de 2000. Mas recebeu fortes críticas de muitos países, inclusive os Estados Unidos, pelo desrespeito aos direitos humanos, especialmente depois do massacre da praça Tiananmen⁶, em 1989, quando centenas de pessoas que protestavam contra o regime foram mortos por soldados em Beijing.

Depois de perder para Sidney, Beijing decidiu não se candidatar para as Olimpíadas de 2004. Foi uma jogada estratégica para sair do foco da imprensa internacional e fazer algumas mudanças internas, para reconstruir a legitimidade do Partido Comunista dentro do país e recuperar o prestígio no exterior. E assim, em 2001, a China se candidatou novamente para sediar os jogos de 2008 e ganhou. Beijing foi escolhida por sua importância estratégica para a economia local e global, como assinalou Fernanda Morena, no artigo *Break out of Asia in advance into the world: the 2008 Olympics - what have the Games demanded from China's Foreign Policy and Nationalism*:

Concorrer para os Jogos Olímpicos foi uma manobra circunstancial para a China em 1999, uma vez que se seguiu à crise financeira asiática de 1997, quando a China surgiu como uma importante potência local. Quando Beijing

⁵ Tradução feita pela autora. Original: *In the last 30 years China has lifted over 600 million people from extreme poverty. That is double the population of the US or the EU, and ten times the population of the UK. In the last three global economic downturns, China has provided a growth boost to the world economy many times higher than the US. What good would it do the world if the West were to disrupt such a successful poverty-reducing machine, so effective a stabilizing influence on the global economy?* (QUAH, 2011: 3)

⁶ Ver Tabela 01 no Anexo - Parte III.

finalmente teve a chance de sediar os Jogos, em 2008, a China estava novamente desempenhando um dos papéis de liderança em mais uma crise econômica – desta vez, global. Os Jogos inseriram a China, nas duas vezes, na agenda internacional, com a participação da China e as preparações necessárias ajudando a “estabilizar a economia e diminuir o impacto da crise global” (*Ludwig and Turner, 2010: 369*) internamente. (MORENA, 2010: 4)⁷

2.3 A importância das relações entre o Brasil e a China

É importante pensar no peso das relações entre a China e o Brasil - atualmente a 2ª e a 7ª maiores economias do mundo - no novo cenário internacional. O fato de serem dois dos três únicos países em desenvolvimento escolhidos (junto com o México em 1968) para sediar os Jogos Olímpicos da era moderna, nas duas primeiras décadas do século XXI, já demonstra a ascensão dessas duas nações, que têm muito em comum. Ambas possuem territórios continentais e são altamente populosas, assumem lideranças regionais, possuem abundantes recursos naturais, são culturalmente riquíssimas e têm a mesma missão: crescer, desenvolver-se, modernizar-se e mostrar ao mundo a sua capacidade de civilização.

A China é o principal parceiro comercial do Brasil, tanto em importação quanto em exportação, e também o maior investidor. Já o Brasil ocupa a 10ª posição no ranking dos principais parceiros comerciais da China. A relação entre os dois ainda é um pouco desigual, mas a tendência ao fortalecimento - tendo em vista o admirável crescimento dos dois países - é inegável. O sinólogo brasileiro Severino Cabral aprofundou este assunto, em entrevista concedida à autora deste trabalho:

A crise intensificou a relação entre o Brasil e a China, porque os países precisaram cooperar para se manter crescendo em meio à crise. Essa união é importante para o sonho chinês e para o sonho brasileiro. Os recursos brasileiros, que precisam ser mantidos elevados, virão da capacidade de produzir, exportar e gerar reservas financeiras, a partir da construção de uma nova base técnico-industrial. O Brasil é um país encapsulado num sistema facilmente integrável: a América do Sul. Os países da Europa e EUA diminuem sua força global por causa da crise, e dão maior espaço à liderança dos BRICS. O Brasil, para crescer, precisa do crescimento da economia

⁷ Tradução feita pela autora. Original: *Bidding for the Olympics was a circumstantial maneuver for China in 1999, since it followed the Asian financial crisis of 1997, when China rose as an important local power. When Beijing finally got a chance to host the games, in 2008, China was again in the place of one of the leading roles in yet another economic crisis – this time a global one. The Games were to put China, both times, in the international agenda, with China's participation and the needed preparations helping to “stabilize the economy and soften the blow of the global crisis” (Ludwig and Turner, 2010: 369) domestically.* (MORENA, 2010: 4)

global, que por sua vez depende do crescimento da China. (CABRAL, 2012)

De acordo com a Doutora em Relações Internacionais pela Universidade de Brasília e professora, Danielly Silva Ramos Becard, no artigo *O que esperar das relações Brasil-China* (2011), o relacionamento entre a China e o Brasil começou na década de 50, logo após a fundação da República Popular da China. Os interesses eram mútuos: do lado brasileiro, a vontade de aumentar sua lista de parceiros comerciais e aumentar o prestígio internacional e, do lado chinês, a necessidade de se desvencilhar do vínculo com a União Soviética - em uma política de libertação nacional - reconstruir o país, aumentar a segurança e ser aceito mundialmente. O ex-presidente Jânio Quadros foi, em 1961, o primeiro governante brasileiro a fazer visita oficial à China - uma aproximação não-ideológica.

Mas essa amizade foi enfraquecida com a implantação da ditadura militar no Brasil, em 1964, quando o país abandonou a chamada “política externa independente” e alinou-se às potências ocidentais, principalmente aos Estados Unidos, que repudiavam práticas comunistas revolucionárias. A partir do início da década de 70, o Brasil e a China finalmente voltaram a se relacionar. Foi quando a China assumiu uma postura não-intervencionista em assuntos internos de outros países, não-ideológica e mais focada no desenvolvimento e na segurança; e o Brasil retomou a política nacional-desenvolvimentista, menos ideológica e mais focada em aumentar o leque de parceiros comerciais.

O primeiro acordo comercial entre Brasil e China foi assinado em 1978, no governo de Ernesto Geisel. As grandes possibilidades de cooperação lucrativa nas áreas científica e tecnológica levaram à assinatura de mais de 20 atos bilaterais ao longo da década de 80. Mas até a década de 90, a efetivação desses acordos era bastante medíocre. Os motivos são muitos: no Brasil, a democratização do regime, o grande endividamento externo, uma política externa pouco diversificada, entre outros; e na China, a aproximação maior com parceiros asiáticos e a contenção de compras devido aos ajustes no programa de reformas econômicas do país. Os dois também encontravam dificuldades em diversificar a pauta de exportação.

Em 1993, com o presidente Itamar Franco, as relações se fortaleceram. Foi acordada com o presidente chinês Jiang Zemin a primeira parceria estratégica da China com um país estrangeiro: o Brasil. A colaboração tecnocientífica, comercial e cultural passou a se efetivar em várias esferas e níveis de profundidade. E a partir de 2000, com a superação da crise asiática e o controle da inflação no Brasil, além do surgimento de maiores fluxos de

crescimento na Ásia e na América Latina, a corrente sino-brasileira foi se intensificando cada vez mais, transformando-se em uma relação madura, principalmente no governo do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que a partir de 2003 e mais intensamente a partir de 2004, remodelou a política externa brasileira, dando ao Brasil uma identidade de *global trader* e *player*, além de importante liderança regional.

Tanto o Brasil quanto a China buscavam dinamizar e multiplicar as práticas de relações internacionais, de modo a intensificar as políticas desenvolvimentistas. O Brasil queria mostrar a enorme importância estratégica e comercial que conferia à China. E a China, já consolidada como uma das maiores potências econômicas do mundo, tinha plenas condições de contribuir para o desenvolvimento do Brasil, através de investimentos em infraestrutura e aquisição de produtos brasileiros.

Em 2011, a presidente Dilma Rousseff prolongou o plano de ação conjunta 2010 - 2014, cancelado pelo ex-presidente Lula e o presidente Hu Jintao. O acordo de Dilma se transformou em plano decenal, estendendo-se até 2021. No entanto, a presidente brasileira buscou diversificar a cooperação para além do viés econômico/comercial, visando principalmente os investimentos em alta tecnologia, a pesquisa, a comercialização de bens de alto valor agregado, os intercâmbios culturais... e não apenas venda de matéria-prima brasileira para a China e compra de produtos de maior valor agregado, como ocorria em grandes escalas até então. Como mostrou Danielly Becard, ainda no artigo *O que esperar das relações Brasil-China*:

Percebe-se que, devido aos constantes e crescentes desequilíbrios no comércio com Pequim e de dificuldades de realizar investimentos e inserir produtos de alto valor agregado no mercado chinês, a postura brasileira tornou-se, nos últimos anos, mais crítica e exigente. Ademais, a partir da viagem à China, a Presidente Dilma passou a afirmar que, apesar de a China ser um parceiro-chave nas relações internacionais do Brasil, serão incentivados no futuro próximo apenas as operações pautadas pela reciprocidade e que levem a uma maior simetria entre os dois países. (BECARD, 2011: 13)

2.4 Diferentes contextos midiáticos nos dois países

Embora tenham muito em comum em termos de crescimento econômico, modernização e riqueza cultural, Brasil e China diferem muito quando o assunto é mídia. Enquanto o Brasil dispõe de um sistema democrático de direito, em que os cidadãos são livres

para fazer qualquer tipo de publicação e a censura funciona mais no campo da moral, na China a censura é garantida pelo Estado Comunista e as punições para quem publica críticas a assuntos polêmicos no país podem ser severas.

No Brasil, a liberdade de expressão está garantida no artigo 5º da Constituição Federal de 1988, estabelecida depois do fim da Ditadura Militar (1964) e vigente até os dias de hoje. A atividade jornalística, conseqüentemente, está enquadrada no capítulo de direitos e garantias fundamentais da Constituição, bem como o direito à liberdade de pensamento e o direito à informação. A autora Bianca Botter Zanardi, no texto *A imprensa e a liberdade de expressão no Estado Democrático de Direito: análise da concepção de justiça difundida pelos meios de comunicação em massa*, aponta para o dever no jornalista, de acordo com as próprias leis brasileiras:

Entende-se que a função da imprensa é comunicar informações e dados capazes de estabelecer a realidade das instituições sociais, de firmar as esferas públicas e de fiscalizar e controlar o Estado e a sociedade. Assim, a liberdade de manifestar opiniões faz parte de um aspecto vital para o Estado Democrático de Direito. (...) Na prática, podemos dizer que a imprensa tem o papel de fiscalizar o Poder Público e denunciar abusos e irregularidades cometidas pelas entidades públicas. (ZANARDI, 2010: 18)

Diferentemente dos períodos de regime autoritário, em que o governo detinha o controle total sobre todas as publicações no país, e que desvios de conduta ou publicações consideradas “ilegais” seriam o suficiente para que qualquer cidadão fosse preso, hoje todos podem dizer o que quiserem, da maneira que quiserem. Qualquer veículo de imprensa pode, por exemplo, falar mal do governo, denunciar fraudes e escândalos de corrupção. A mídia é vista no Brasil, portanto, como um espaço de diálogo, críticas e trocas de opinião.

Existem, no Brasil, posições críticas ao papel da imprensa e seus interesses, as quais apontam para a existência de grandes e poderosos conglomerados de comunicação, o que comprometeria a pluralidade de opiniões. Esses monopólios gerados pelas concessões de mídia, segundo críticos, enfraqueceriam o poder e a voz dos jornais comunitários. Mas, ao contrário da China, a liberdade de expressão é um direito constitucional, garantido por lei, e não há qualquer restrição quanto ao debate plural de quaisquer temas polêmicos, conforme Marcelo Salles indicou no artigo “Brasileiros não confiam no monopólio da imprensa”, publicado no site “A nova democracia”:

A desconfiança do público em relação às notícias veiculadas pelo monopólio dos meios de comunicação incide diretamente sobre sua credibilidade. Em lugar da auto-apregoadada imparcialidade, fica cada vez mais evidente que a imprensa privada busca satisfazer os interesses dos patrões imperialistas — e os seus próprios — antes do interesse público. (A NOVA DEMOCRACIA)⁸

De toda sorte, a eficácia de nosso sistema jornalístico - e de nossa liberdade de imprensa, dada a garantia por lei dos nossos direitos civis - depende principalmente da vontade política dos profissionais e das empresas jornalísticas de publicar notícias sérias, que vão de acordo com a realidade. O simples fato de o brasileiro não depender da autorização do governo para publicar sobre assuntos irrestritos, torna o contexto midiático do país diferente do chinês e, de fato, bem mais democrático, como veremos a seguir.

O Partido Comunista da China controla autoritariamente quase todas as esferas da sociedade, especialmente os aspectos culturais e ideológicos. Diferente do Brasil, onde a mídia é dominada por grandes conglomerados privados no princípio da livre expressão, na China a mídia é monopolizada pelo governo (TONG, 2011). Inúmeras sanções são aplicáveis, nesse contexto, para legitimar o poder do PCC, até os dias de hoje. Em destaque, pode-se citar a censura em todos os veículos e sobretudo na internet - onde diversos sites, cujo conteúdo é considerado “impróprio”, são bloqueados; o controle estrito da publicidade e propaganda - com foco na exaltação às qualidades do Estado; e a perseguição de jornalistas investigativos e dissidentes políticos.

Segundo analisa Jingrong Tong (2011), o jornalismo chinês, desde a implantação da República Popular da China em 1949, teve três momentos. No primeiro, não poderia haver no país outro tipo de jornalismo, se não o jornalismo do Partido, que era parte fundamental do sistema político e financiado pelo governo. Os profissionais eram escolhidos a dedo: só entravam aqueles que obedeciam às exigências e ideologias do sistema. Ou seja, a autonomia dos jornalistas era sacrificada por causa de comandos políticos. Quando a legitimidade do Partido se tornou inquestionável, os jornalistas de partido não só eram considerados os melhores do país, mas também adquiriram um status elevado de poder perante a sociedade, conforme salientou o autor, no livro *Investigative Journalism in China*:

Não houve questionamentos à credibilidade das descrições jornalísticas da realidade coberta pela mídia do Partido, nem indagações acerca da legitimidade dos jornalistas como porta-vozes do Partido, especialmente nos

⁸ Data não discriminada. Disponível em: <http://www.anovademocracia.com.br/no-40/1523-brasileiros-nao-confiam-no-monopolio-da-imprensa>. Acesso: 20/02/2013.

primeiros anos da RPC (Liu 2008). No entanto, a lógica da legitimidade jornalística foi justificada pelo Estado-Partido. Os privilégios que os jornalistas tiveram naquela época lhes foram conferidos pelo sistema de mídia do Partido e por meio de sua identidade como jornalistas do Partido, e não por meio de legitimidade conquistada naturalmente no mercado”. (TONG, 2011: 89)⁹

Em um segundo momento, a partir da reforma de mídia em 1980, ocorreu uma série de mudanças no sistema jornalístico chinês. Cessaram os subsídios estrondosos do governo ao jornalismo de Partido, foi alterado o sistema recrutamento de profissionais e começaram a surgir gêneros alternativos de mídia - que se posicionavam fora do regime - que ganharam a atenção do público. As reformas econômicas trouxeram o crescimento econômico ao país, que foi acompanhado pela desigualdade, corrupção, crimes e instabilidade social. Por isso, a legitimidade do PCC encontrava-se em crise, o que levava o público a questionar, por tabela, o jornalismo de Partido. E a classe de jornalistas “de fora do sistema” ganhou mais força a partir de meados da década de 90 e passou a conviver com os jornalistas “de dentro” nas redações:

Os jornalistas chineses não são mais puros jornalistas do Partido. O círculo jornalístico outrora fechado se abriu gradualmente. Os jornalistas chineses agora são tanto jornalistas de dentro como de fora do sistema, assim como são tão membros do Partido quanto não-membros. (TONG, 2011: 92)¹⁰

Mesmo com as mudanças, prepondera uma hierarquia entre os jornalistas “de dentro” e “de fora” do sistema. Os “de fora” são, na maioria das vezes inferiorizados, por trabalharem em piores condições: sem contrato, com pouca segurança, salários mais baixos, menores benefícios... são menos respeitados e trabalham a mesma quantidade de horas, talvez até mais, além de terem grandes dificuldades de conseguir informações do governo.

Nos últimos anos - esse seria o terceiro momento - com a propagação da internet e a maior abertura da China, cada vez mais os jornalistas chineses deixam de servir ao Partido. As práticas ocidentais de jornalismo e o questionamento do sistema são cada vez mais admiradas

⁹ Tradução feita pela autora. Original: *There were no challenges to the credibility of journalistic descriptions of reality covered in Party organ media, nor questions about the legitimacy of journalists as mouthpieces of the Party, especially in the early years of the PRC (Liu 2008). Nevertheless, the rationale for journalistic legitimacy was justified by the Party-State. The privileges journalists enjoyed at that time were bestowed on them by the Party media system and through their identity as the Party's journalists, rather than through legitimacy gained naturally in the market.* (TONG, 2011: 89)

¹⁰ Tradução feita pela autora. Original: *Chinese journalists are no longer pure Party's journalists. The once closed journalistic circle has gradually opened. Chinese journalists are now both inside-the-system and outside-the-system journalists, as well as both Party members and non-Party members.* (TONG, 2011: 92)

entre a nova geração de profissionais, em detrimento do ortodoxo jornalismo do PCC. Mas o sistema político e jurídico do país opera de tal forma que impede a sociedade de conhecer a realidade sobre o governo, principalmente os escândalos de corrupção. O controle do Estado sobre a mídia ainda é soberano e a luta pela liberdade de expressão e democratização da informação deve ainda traçar um longo caminho na China.

2.5 A relação entre Olimpíadas, esporte e identidade nacional

As Olimpíadas da era moderna, desde os primórdios, sempre foram um espaço de disputas que vão além do esporte por si só. São, indiscutivelmente, oportunidades de demonstração de poder e força política. Como Hayes sugere no artigo *America's national pastime and Canadian nationalism*, “o esporte, como nenhuma outra formação cultural, mobiliza e reforça sentimentos de identificação e pertencimento coletivo” (2001: 64)¹¹.

Historicamente, o movimento olímpico sempre aconteceu paralelo a guerras, disputas territoriais, culturais e econômicas, boicotes, protestos e até ataques terroristas. Vamos lembrar de alguns exemplos mencionados pela jornalista Anne Mellbye, no jornal britânico “The Guardian”¹².

Nos jogos de Berlim de 1936, o então governo nazista fez do evento uma plataforma para comprovar sua teoria de “superioridade racial”, o que - naturalmente - não deu certo, visto que um atleta afro-americano ganhou quatro medalhas de ouro. Passada a II Guerra Mundial, Japão e Alemanha, derrotados, não foram convidados para as Olimpíadas de 1948, em Londres, enquanto a União Soviética foi convidada, mas decidiu não participar. Foram os primeiros jogos transmitidos pela televisão, em um momento de reconhecimento da legitimidade e do poder político dos aliados, vencedores da II Guerra.

De 1956 a 1980, a China não participou das Olimpíadas, por causa da decisão do comitê olímpico dos jogos em Melbourne de reconhecer a independência de Taiwan. Entre 1960 e 1992, foi a vez da África do Sul ser excluída do evento, pela reprovação da comunidade internacional ao regime do *Apartheid*. Em 1980, os Estados Unidos lideraram um boicote de mais de 60 países aos jogos de Moscou, em protesto à invasão soviética no

¹¹ Tradução feita pela autora. Original: “*Sport, like no other cultural formation, mobilizes and heightens feelings of identification and collective belonging*” (2001: 64)

¹² Disponível em: <http://politics.guardian.co.uk/politicspast/page/0,9067,892902,00.html>. Acesso: 21/01/2013.

Afeganistão. Em resposta, a URSS e mais quatorze nações socialistas boicotaram o evento em Los Angeles em 1984, o mais comercial da história das Olimpíadas. Como é perceptível, as disputas durante todo o período da Guerra Fria se materializaram nos jogos Olímpicos.

Apesar das tensões internacionais ao longo dos séculos, o chamado “espírito olímpico” pretende pregar a paz entre as nações e o esquecimento das diferenças. Seria uma espécie de válvula de escape aos problemas internos e externos dos países, em que a competição de fogo seria substituída pela competição esportiva. O nacionalismo, nesse contexto, é fortemente exacerbado. Não é à toa que as principais potências mundiais são, na maioria das vezes, as maiores campeãs olímpicas. Mas, como defende Michael L. Butterworth no artigo *Do you believe in nationalism?*, mais do que estimular a democracia, as Olimpíadas continuam sendo um espaço de demonstração de superioridade nacional:

Se alguma coisa pode ser dita sobre o momento contemporâneo, seria que ele é caracterizado por uma fé ainda maior na possibilidade de que as diferenças sejam superadas. Não é de se admirar, então, que os esportes sejam frequentemente vistos como exemplares de uma cultura democrática. No entanto, como defende Mouffe (2000), a crença de que diferenças podem ser apagadas em nome da unidade é uma ilusão. Uma cultura política que enfatiza por demais a unidade e o consenso, pontua a autora, perpetua a concepção errônea de que “antagonismos podem ser erradicados”. (BUTTERWORTH, 2010: 144)¹³

Foi nessa dualidade - a nação anfitriã tentando mostrar seu desenvolvimento, e a comunidade internacional pregando o respeito aos direitos humanos e às práticas democráticas - que aconteceram os jogos de Beijing, em 2008. Os críticos afirmavam que o evento legitimava o regime opressor da China, e os favoráveis defendiam que o evento aceleraria o processo de liberalização social. Até mesmo o governo de Taiwan apoiou a China, na esperança de obter um maior apoio à sua independência.

¹³ Tradução feita pela autora. Original: *If anything, the contemporary moment is characterized by an even greater faith in the possibility that differences should be overcome. It is little wonder, then, that sports are often seen as exemplars of a democratic culture. However, as Mouffe (2000) contends, the belief that differences can be erased in the name of unity is an illusion. A political culture that overemphasizes unity and consensus, she argues, perpetuates the misconception that “antagonisms can be eradicated” (p. 8).* (BUTTERWORTH, 2010: 144)

3. A RELAÇÃO ENTRE A COBERTURA CHINESA DAS OLIMPIADAS, O NACIONALISMO E A POLÍTICA EXTERNA DA CHINA

“Hoje à noite, os Jogos Olímpicos de Beijing foram encerrados com grande sucesso. Hoje à noite, o bastão das Olimpíadas foi passado a Londres, do Reino Unido. Os Jogos Olímpicos de Beijing foram um grande encontro entre o movimento olímpico e a cultura chinesa, ambos com uma longa história. Foram um abraço caloroso entre a cultura de outros países e a cultura chinesa. Foram um diálogo entusiástico entre a civilização ocidental e a oriental”¹⁴.

Locutor chinês da Radio Internacional da China, falando em português, no programa sobre o encerramento dos Jogos Olímpicos de Beijing 2008

Vamos mostrar, neste capítulo, como o nacionalismo de partido e, posteriormente o nacionalismo popular da China ajudaram o Partido Comunista a legitimar o discurso olímpico perante a população chinesa. O apoio popular foi muito importante para o sucesso da organização das Olimpíadas de 2008. Também veremos a importância do esporte para a consolidação desse nacionalismo, e para a consolidação da nova imagem internacional da China, já que grandes eventos esportivos representam espaços de disputa política.

Essa discussão é fundamental para contextualizar a análise da cobertura das Olimpíadas de Beijing que será feita ainda neste capítulo, e o modo como a China faz uso desse momento para projetar sua imagem internacional, enquanto nação rica e desenvolvida. A partir de um discurso nacionalista a imprensa chinesa voltada para o exterior reforça o progresso e os avanços do país.

3.1 O nacionalismo chinês

“Os esportes sempre foram, implícita ou explicitamente, definidos como outra fronteira, para além da militar e da diplomática, dentro dos esforços da Nova China para sua legitimidade e prestígio internacional”¹⁵ (XIN, 2006). Essa ideia segue o raciocínio de que, se

¹⁴ Locução de encerramento do programa especial (em português - 25/08/2008) sobre a cerimônia de encerramento dos Jogos Olímpicos de Beijing 2008, da Rádio Internacional da China (CRI). A CRI é uma emissora estatal, fundada em 03/12/1941 que transmite sua programação em 61 idiomas para todo o mundo. Programa gravado e disponível em: portuguese.cri.cn/301/2008/08/25/1s94488_1.htm

¹⁵ Tradução da autora. Original: “sport has been ever since implicitly or explicitly defined as another frontier, apart from military and diplomacy, of New China's struggle for its international legitimacy and prestige”.

uma nação vai bem nos esportes, vai bem também nas outras esferas da sociedade. Por ser diretamente associado à ideologia do Estado, como veremos a seguir, o nacionalismo chinês - que emerge em um momento de descrença do socialismo (BUSSCHE, 2013)¹⁶ - representa o novo momento vivido pela China, em que a abertura econômica exigia uma inserção e um reconhecimento internacional muito maiores. Foi nesse contexto que Beijing foi escolhida para sediar os Jogos e utilizou-se da mídia para consolidar sua imagem perante o Ocidente (MORENA, 2010).

A cultura chinesa está consolidada há milhares de anos. A unificação do país, ocorrida em meados dos anos 200 a.C., antecede em mais de um milênio a unificação dos Estados europeus (GUIA DO ESTUDANTE, 2005)¹⁷. Essas características fazem da China uma das mais antigas civilizações ainda em vigor. Benedict Anderson, no texto *Nação e consciência nacional* (1989), analisa as pré-condições para a emergência de formas de identidade nacional e de nacionalismo no mundo moderno. Ele diz que nações são comunidades imaginadas, isso é, não existem em si, não têm uma essência, são construções imaginárias a partir de determinados parâmetros, como a língua, a imprensa etc., as quais se tornaram bases para a formação da consciência nacional. Ao ler textos e assistir a imagens que pertencem à sua realidade, o indivíduo fica ciente do seu pertencimento a uma comunidade imaginada de indivíduos com quem, mesmo nunca tendo interação direta, se sente conectado através da imprensa. Isso acontece porque todos compartilham as mesmas informações e, portanto, se sentem inseridos em um mesmo universo.

As comunidades nacionais imaginadas, portanto, segundo o autor, estão ligadas ao desenvolvimento de um modo de comunicação midiático que possibilitou a partilha de símbolos e crenças expressos em uma língua comum, permitindo a disseminação de uma tradição nacional, ainda que os indivíduos em questão nunca tenham entrado em contato direto. Para Anderson, não são as nações que despertam voluntariamente para a autoconsciência, mas alguns elementos, tais como como território demarcado, sentimento de solidariedade entre seus integrantes e soberania, entre outros, ajudam a compor uma comunidade nacional.

¹⁶ Entrevista do Sinólogo e professor de Stanford, Eric Vanden Bussche, concedida à autora deste trabalho.

¹⁷ Disponível em: <http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/chineses-x-chineses-desafio-unificacao-434055.shtml>. Acesso: 21/01/2013.

O nacionalismo moderno da China também foi construído nesses moldes. Ao mesmo tempo em que a censura e o autoritarismo fecham os olhos da população para muitos aspectos do mundo globalizado, a abertura controlada não deixa o país se isolar por completo. Até mesmo a censura aparece como uma forma de fortalecer o teor nacionalista da imprensa e fortalecer o sentimento de unidade e solidariedade (ausência de contradições) que faz parte da ideologia da comunidade nacional imaginada.

A China, dessa forma, é uma nação igual a qualquer outra, construída nos moldes do que se considera nacional, mas sempre reforçando suas tradições, valores e determinados aspectos socioculturais que não são comuns a outras nações. Essa é justamente a ideia de comunidade imaginada – não há um conceito único e universal, substantivo, de nação e sim modos de imaginar uma comunidade solidária, que possui território delimitado e é soberana em seus domínios. A imprensa comunista, de exaltação ao governo e ao nacionalismo chinês, teve um papel fundamental na construção de um sentimento de pertencimento e de dever da população para com o governo. Eric Vanden Bussche¹⁸ assinala algumas peculiaridades do nacionalismo chinês:

Se você perguntar para um chinês o que é nacionalismo, ele não vai saber te responder. Provavelmente a resposta que ele vai dar é que o nacionalismo chinês é mostrar a força da China na esfera internacional. É se posicionar contra os esforços do Governo norte-americano e do Ocidente em tentar barrar a ascensão da China. Mas o nacionalismo chinês funciona mais no sentido de identidade nacional. (BUSSCHE, 2013)

Ana Paula Goulart, no artigo *A mídia e o lugar da história* (2003) discute como o discurso da imprensa ao mesmo tempo registra e constrói versões da história. Para ela, o jornalismo é uma importante e legítima fonte histórica, além de um reflexo vivo das contradições cotidianas na realidade social. Reconhece-se, em cada documento jornalístico, um monumento. Por isso, é preciso submeter todo texto a uma crítica severa, para depreender o significado histórico de determinado acontecimento, dentro de uma sociedade, e transmitir, ou mesmo traduzir, o conhecimento para as outras. Ela quer dizer, com isso, que é preciso contextualizar o discurso jornalístico – quem diz o que, em que tipo de jornal, em qual contexto – para entender o sentido da versão da história que ali está sendo construída e disseminada como realidade.

¹⁸ Entrevista concedida à autora. Ver Entrevista 01, Anexo – Parte II.

Apesar da afirmação nos jornais de uma unidade nacional, não se deve ignorar a diversidade cultural e étnica da China. Entre os 1,3 bilhões de habitantes, 56 grupos étnicos distintos são oficialmente reconhecidos no país, o maior deles é a etnia Han, que constitui cerca de 91,9% do total da população. Grandes minorias étnicas incluem os Zhuang (16 milhões), Manchu (10 milhões), Hui (9 milhões), Miao (8 milhões), Uigur (7 milhões), Yi (7 milhões), Tujia (5,75 milhões), Mongóis (5 milhões), Tibetanos (5 milhões), Buyei (3 milhões) e Coreanos (2 milhões) - (RESERVAER, data não informada) ¹⁹.

Salientamos que o nacionalismo foi criado pela instituição de um Estado, de uma língua e de uma imprensa nacional, mas sem esquecer que, por trás dessa nacionalidade, existem universos culturais distintos e uma diversidade riquíssima. O governo não censura a diversidade linguística, mas mesmo existindo diversos, mais de 11 dialetos no país,²⁰ a grande maioria dos chineses entendem o mandarim. Anderson, em sua obra, atenta para essa questão:

A convergência do capitalismo e da tecnologia da imprensa sobre a diversidade fatal das línguas humanas criou a possibilidade de uma nova forma de comunidade imaginada que, em sua morfologia básica, prepara o cenário da nação moderna. A extensão potencial dessas comunidades era inerentemente limitada e, ao mesmo tempo, não mantinha senão a mais fortuita relação com as fronteiras políticas existentes (que eram, em geral, o ponto culminante dos expansionismos dinásticos). Contudo, é óbvio que, embora hoje em dia quase todas as pretensas nações— e também as nações-Estado — possuam "línguas impressas nacionais", muitas delas possuem essas línguas em comum e, em outras, apenas uma fração mínima da população "usa" a língua nacional em conversa ou no papel. (ANDERSON, 1989: 56)

Mas para entender as diferenças e as semelhanças entre o nacionalismo chinês e o ocidental, é necessário atentar para as bases sobre as quais o nacionalismo foi estabelecido na China. Pois além do disseminado nacionalismo de partido, cresce cada vez mais o nacionalismo popular, dissidente do Governo e crítico do Comunismo (GRIES, 2004). O nacionalismo chinês é, hoje em dia, dividido em dois, o que teve impactos diretos na forma como a população chinesa reagiu aos resultados das Olimpíadas e também na forma como a mídia chinesa abordou o evento, no sentido de promover a China interna e externamente. Iremos aprofundar essa questão ao longo do capítulo. Bussche, na entrevista concedida à autora, atentou para essa mudança do nacionalismo:

¹⁹ Disponível em: <http://reservaer.com.br/estrategicos/china.html>. Acesso: 30/01/2013

²⁰ Ver Figura 03, Anexos – Parte III.

A partir da década de 70, ninguém mais acreditava no socialismo como uma ideologia que iria levar a China a um status de potência econômica e política no mundo. Então, o que aconteceu a partir do início da década de 80, quando Deng Xiaoping começou aquele projeto de abertura econômica etc., foi que o Governo chinês passou a tentar a transformar o nacionalismo em ideologia de Estado. E eles conseguiram isso. Na década de 80, ainda era um projeto que estava germinando etc., e começou a criar raízes a partir de meados da década de 90. As Olimpíadas representam a culminação desse projeto. Ou seja: uma China nacionalista, uma China na qual o nacionalismo substituiu o socialismo, a ideologia política, como a ideologia de Estado. Foi a substituição de uma ideologia política por uma ideologia de identidade nacional. (BUSSCHE, 2013)

Além dos milênios de existência que resultaram em um grande patrimônio cultural, tempos de fracasso também marcaram a história da China e influenciaram na consolidação do nacionalismo. A China viveu um “século de humilhações entre meados dos séculos XIX e XX, período em que o país sofreu invasões imperialistas do Ocidente - caracterizado pelas Guerras do Ópio (GRIES, 2004). Esse momento vivido pelo país foi fonte para a produção de uma série de narrativas nacionalistas, que ora evidenciam a heróica participação popular na expulsão das forças imperialistas estrangeiras - com a rebelião dos Boxers, por exemplo -, ora vitimizam a China pelas humilhações e perdas sofridas, especialmente com os Tratados Desiguais e a perda de Hong Kong para os britânicos. Peter Hays Gries explica a importância dessas narrativas no livro *China's New Nationalism*:

O conceito de “narrativas” nacionais pode nos ajudar a entender melhor o papel do passado na política nacionalista hoje. Narrativas são as histórias que nós contamos sobre nossos passados. Estas histórias, psicólogos têm afirmado, enchem nossas identidades de unidade, significado e propósito. Nós não podemos, portanto, modificá-las radicalmente à vontade. Longe de serem simples ferramentas de nossa invenção, as histórias que nós contamos sobre o passado tanto restringem como são restringidas pelo que fazemos no presente. Simplificando, a natureza da vida social, inerentemente cheia de histórias, confere significado às nossas identidades. “Identidades”, observa Stuart Hall, “são os nomes que nós damos às diferentes maneiras como somos posicionados pelas narrativas do passado, e as maneiras como nós nos posicionamos nas narrativas”. Os termos “posicionados pelas” e “nos posicionamos nas” de Hall capturam bem o equilíbrio de ação e restrição na relação entre indivíduos e suas narrativas constitutivas”. (GRIES, 2004: 46)²¹

²¹ Tradução feita pela autora. Original: *The concept of national “narratives” can help us better understand the role of the past in nationalist politics today. Narratives are the stories we tell about our pasts. These stories, psychologists have argued, infuse our identities with unity, meaning, and purpose. We cannot, therefore, radically change them at will. Far from being simple tools of our invention, the stories we tell about the past both constrain and are constrained by what we do in the present. Simply put, the storied nature of social life provides our identities with meaning. “Identities,” Stuart Hall notes, “are the names we give to the different ways we are positioned by, and position ourselves in, the narratives of the past.” Hall’s “positioned by, and position ourselves in” nicely captures the balance of agency and constraint in the relationship between individuals and their constitutive narratives.* (GRIES, 2004: 46)

Mais especificamente, esse “século de humilhações”, repetidamente descrito no livro de Gries, exerce até hoje uma influência fortíssima na forma como os chineses interagem com o mundo. Os tratados unilaterais do século XIX, que submetiam os chineses a concessões humilhantes e extremamente lucrativas apenas aos estrangeiros, os massacres e a perda de soberania dentro do próprio território ainda são pautas das narrativas que identificam o lugar dos chineses perante a comunidade internacional.

Conforme foi mencionado anteriormente, identificam-se duas correntes do nacionalismo chinês, que derivam da interpretação do “século de humilhações” (GRIES, 2004). A primeira é Maoísta, e afirma que o sofrimento da China é culpa da dinastia feudalista Qing e do imperialismo ocidental, e que as massas impessoais, antifeudalistas e anti-imperialistas tiveram papel heróico e histórico na expulsão dos invasores. Essa visão vitoriosa do povo chinês foi útil aos revolucionários comunistas das décadas de 30 e 40, que conseguiram mobilizar o apoio popular à revolução com uma visão marxista de nacionalismo de massa. O resultado foi a implantação da República Popular da China, em 1949. A propaganda Estatal defendia que o nacionalismo de partido, nesse contexto, confundia-se com o nacionalismo individual, sendo o único nacionalismo legítimo na China, o qual teve um papel heróico na liderança da revolução. Esse nacionalismo de partido foi fortemente criticado por autores ocidentais, como assinala Gries:

A supressão de reivindicações nacionalistas legítimas, no entanto, faz com que o Partido perca respeito e autoridade perante o povo chinês. Se o Partido reprime tais reivindicações, ele parece estar retrocedendo a formas de poder coercivas, uma atitude que mina a estabilidade do regime. Se o Partido responde de maneira bem-sucedida a demandas nacionalistas populares, por outro lado, ganha respeito perante as audiências nacionalistas e solidifica a legitimidade do regime. [...] Para exaltar as virtudes da liberdade, intelectuais ocidentais representaram o “Estado Oriental” como onipotente e arbitrário, e as populações asiáticas como impotentes e passivas. Essa visão ocidental do domínio do Estado asiático continuou no período pós-guerra, com a única diferença de que a China foi encaixada em um padrão “totalitário” em vez de “oriental”. Com o colapso da União Soviética e o Bloco Oriental, Beijing se tornou, aos olhos de muitos americanos, o último

reduto da tirania comunista contra a qual a América pode brilhar como a “terra dos livres”. (GRIES, 2004: 118 - 120)²²

Ao longo das décadas, no entanto, o PCC foi perdendo o controle sobre o discurso nacionalista, e emerge a narrativa popular de vitimização da China sobre o “século de humilhações”, vertente ignorada na era de Mao. O culpado pelo sofrimento chinês, nesse contexto, é o Ocidente, inclusive o Japão. Nacionalistas populares falam de uma “raça chinesa” e de uma “terra natal” que não têm nada a ver com o Governo e o Partido. A devolução de Hong Kong aos braços da mãe China, em 1997, reforçou essa narrativa e criou um forte desejo revanchista de expelir a humilhação nacional. Esses autores passam a ter influência cada vez maior na política nacional e internacional da China, o que ameaça a hegemonia do Partido Comunista, principalmente porque, com a queda da União Soviética no período pós-Guerra Fria, o declínio do Comunismo era uma das maiores ameaças ao Governo chinês.

Por isso, os próprios presidentes Deng Xiaoping, Jiang Zemin e Hu Jintao lançaram um programa de educação patriótica sob o *banner* do nacionalismo. Isso manteria a lealdade do povo à nação, mesmo com as crises políticas internas e internacionais. Basicamente, eles ensinavam à população que as condições nacionais eram únicas e que o país não estaria pronto para adotar uma democracia liberal. Assim, o regime de partido único seria a melhor maneira de manter a estabilidade política, condição essencial para o rápido desenvolvimento econômico, para o qual seria também necessária uma mobilização em massa para o trabalho: os chineses trabalhariam muito - e juntos - para desenvolver o país.

Atualmente, ambas as visões “heróica” e “vitimizada” coexistem no nacionalismo chinês, como lembra a citação de Gries do psicólogo Vamik Volkan sobre o seu texto *Turks and Greeks: Neighbors in Conflict*:

O “Século” é possivelmente tanto o que o psicólogo Vamik Volkan chama de “glória escolhida” como o que ele chama de “trauma escolhido”. O prefácio do editor para uma série de livros de 1991 intitulada “Não Esqueça da

²² Tradução feita pela autora. Original: *The suppression of legitimate nationalist claims, however, makes the Party lose face and authority before the Chinese people. If the Party represses such claims, it appears to revert to coercive forms of power, a move that undermines regime stability. If the Party responds successfully to popular nationalist demands, in contrast, it gains face before nationalist audiences, and solidifies regime legitimacy. [...] To extol the virtues of liberty, Western pundits depicted the “Oriental state” as omnipotent and arbitrary, and Asian populations as impotent and passive. This Western view of Asian state dominance continued in the postwar period, with the only difference being that China was fit into a “totalitarian” rather than “Oriental” template. With the collapse of the Soviet Union and the Eastern Bloc, Beijing has become, in the eyes of many Americans, the last major bastion of communist tyranny against which America might shine as the “land of the free.* (GRIES, 2004: 118 - 120)

História da Humilhação Nacional” é típico, descrevendo o “Século” tanto como uma “história da luta do indomável povo chinês contra o imperialismo”, quanto uma “história trágica de sofrimento, espancamentos e humilhações extraordinárias”. (VOLKAN apud GRIES 2004: 50)²³

A defesa da nação como um todo passa a ser, para os chineses, uma forma de combate às intervenções do Ocidente nas questões internas e também uma necessidade superior aos interesses individuais. É a partir dessa contextualização do nacionalismo chinês que poderemos compreender de forma mais ampla o modo como se produz o discurso jornalístico sobre as Olimpíadas, para dentro e fora da nação, como assinala o professor Suisheng Zhao, no artigo *The Olympics and Chinese nationalism*:

Apesar de muitos problemas sociais, políticos e econômicos na China preocuparem os chineses, eles ainda reagem contrariamente ao criticismo estrangeiro ao Governo chinês. Não importa quão problemático o governo seja, os cidadãos sentem que as pessoas de fora não têm direito de fazer críticas infundadas à China e ao povo chinês. Ao passo que muitos chineses não diriam que a democracia é desinteressante, quando o orgulho nacional está em jogo, a maioria escolheria patriotismo em detrimento da democracia. (ZHAO, 2008: 49)²⁴

3.2 Breves considerações sobre o modo de pensar chinês face ao Ocidente

Uma das práticas chinesas mais conhecidas é o plágio (SHEI, 2005). A atração para o país de diversas empresas multinacionais através de incentivos irresistíveis, como a mão-de-obra extremamente barata, trouxe consigo algo precioso para a China: o conhecimento. Sugando das grandes potências tecnológicas, os chineses aprenderam a produzir suas próprias tecnologias e aprimoraram as que já existiam.

Por ter um imenso contingente de trabalhadores, a China produz os mesmos produtos que o Ocidente, mas em enorme escala e pela metade do preço. O que parecia uma jogada de mestre para o Ocidente, virou um presente de grego: a China de antes, submissa e baratinha,

²³ Tradução feita pela autora. Original: *The “Century” is arguably both what psychologist Vamik Volkan calls a “chosen glory” and what he calls a “chosen trauma.” The publisher’s preface to a 1991 series of books entitled “Do not forget the history of national humiliation” is typical, describing the “Century” as both a “history of the struggle of the indomitable Chinese people against imperialism,” and a “tragic history of suffering, beatings, and extraordinary humiliations.” (VOLKAN apud GRIES, 2004: 50)*

²⁴ Tradução feita pela autora. Original: *Although many social, political and economic problems in China worry the Chinese people, they still react adversely to foreign criticism of the Chinese government. No matter how problematic the government is, citizens feel outsiders have no right to make unwarranted criticisms of China and Chinese people. While many Chinese citizens would not say that democracy is unappealing, when China’s national pride is at the stake, most would choose patriotism over democracy. (ZHAO, 2008: 49)*

cada vez mais deixa de precisar dos investimentos estrangeiros. Agora ela mesma investe e empresta dinheiro para os outros. Ela mesma produz as tecnologias apreendidas e usufrui da própria mão-de-obra para bater de frente com o Ocidente. Essa foi uma das características que levou o Ocidente a prestar atenção maior na “ameaça chinesa” (COX, 2011), e tal mudança de postura foi materializada na escolha de Beijing como sede das Olimpíadas de 2008 (MORENA, 2010).

O ideal de progresso ocidental se baseia justamente na exploração de riquezas naturais para a produção de tecnologias e bens que proporcionem o bem-estar do homem que possa pagar por isso. E em um mundo cada vez mais globalizado e imerso nos valores capitalistas, a China, embora comunista, não vai querer ficar “fora da festa”. Esse tema da apropriação de elementos da cultura alheia, como um empréstimo, já foi levantado por Lévy Strauss, em trecho de conferência na Unesco, citada por Geertz: “As culturas não desconhecem umas às outras e, de vez em quando, até tomam empréstimos entre si; mas, para não perecerem, elas devem, sob outros aspectos, permanecer um tanto impermeáveis.” (STRAUSS apud GEERTZ, 2001: 70)

Aí mora uma grande questão. É impossível, dado o peso da cultura ocidental no mundo inteiro, não querer partilhar do que se produz no Ocidente. Mas a necessidade de manter os valores chineses dentro do próprio país, para a China continuar forte e independente, sempre foi um dos objetivos da maioria dos governantes, independentemente de seus defeitos ou qualidades. Talvez seja por isso que o Socialismo de Mercado tenha dado tão certo: mercadorias e tecnologias entram e saem, porém o regime fechado ajuda a preservar os valores chineses.

Mas para ser reconhecida internacionalmente, não bastou a China ficar rica. A questão da civilização cultural do povo chinês é vista como crucial pela comunidade internacional. Justamente por estarem imersos em uma cultura milenar, muitos costumes tradicionais chineses podem ser vistos como “não-civilizados” pelos ocidentais (CHINA.ORG.CN, 2006)²⁵. Por isso, a população, sobretudo a de Beijing, submeteu-se a um programa de educação civilizada antes dos Jogos Olímpicos, promovido pelo Governo a fim de mostrar ao mundo a evolução da China durante o evento (EXPRESS INDIA, 2008)²⁶.

²⁵ Disponível em: <http://www.china.org.cn/english/international/165252.htm>. Acesso: 11/02/2013.

²⁶ Disponível em: <http://www.expressindia.com/latest-news/behave-during-olympics-china-tells-citizens/331832/>. Acesso: 11/02/2013.

Costumes chineses, como cuspir na rua e jogar lixo no chão, passaram a ser fiscalizados e penalizados (G1, 2007)²⁷.

Roy Wagner, no livro *A invenção da cultura* (2006), dialoga com essa questão do pertencimento ao mundo, em harmonia com a personalidade individual. Ele afirma que o ser humano, a todo momento, inventa semioticamente a ideia de cultura para dar sentido às diferenças nas relações sociais, e chama essa ruptura de “choque cultural”. Dada a necessidade humana de conviver em sociedade, é preciso estabelecer convenções, que existem em vários níveis: mundial, nacional, individual etc. A personalidade, nesse sentido, é uma forma de inovar, de se diferenciar dentro de uma convenção, principalmente porque a convenção não engloba toda a complexidade da realidade. Então, é preciso sempre inventar para continuar sustentando a convenção e fazer parte dela.

Nos últimos 30 anos, muita coisa mudou em relação à visão que o Ocidente tem sobre a China (COX, 2011). Aquele regime comunista, onde todos se vestem igual, moram em casas iguais e muitas vezes passam fome, não existe mais. Também a visão de que os produtos chineses são de baixa qualidade está se modificando (FERNANDES, 2008)²⁸. Com o *boom* na economia, cada vez mais nos intimidamos com a eminente dominação econômica chinesa em relação ao mundo. O que antes era impensável se tornou realidade: até o mandarim está começando a ser escolhido como segunda língua para os ocidentais, devido à crescente influência dos chineses no cenário mundial (GAZETA ON LINE, 2012)²⁹. O consumo e a possibilidade maior de acesso à informação, embora limitada, revelou personalidades bastante diversas que não interferem no sentimento de comunidade nacional da população.

A obra de Stuart Hall assinala essa questão no texto *Quem precisa de identidade?* (2000). Para ele, antigamente predominava a ideia de uma identidade essencialista, isto é, cada um se identificava predominantemente por um critério único, o qual representava a essência dos indivíduos. Desta forma, se uma pessoa participava de um movimento nacionalista, ela consideraria sua nacionalidade como seu principal aspecto definidor, acima da profissão exercida, do sexo ou da posição social. Apesar do risco de gerar fanatismos, tal percepção conferia grande força às organizações estatais. Atualmente, predomina a noção de

²⁷ Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/PlanetaBizarro/0,,MUL33132-6091,00.html>. Acesso: 11/2/2013.

²⁸ Disponível em: <http://portuguese.cri.cn/541/2008/09/25/1s96343.htm>. Acesso: 11/02/2013.

²⁹ Disponível em: http://gazetaonline.globo.com/_conteudo/2012/01/noticias/a_gazeta/economia/1103493-cresce-a-procura-por-mandarim.html. Acesso: 11/02/2013.

identificação, que permite que um sujeito possa transitar entre várias maneiras na forma de pensar sua subjetividade. Assim, na contemporaneidade é comum que as pessoas tenham diferentes identidades, todas legítimas, que se alternam no seu dia-a-dia, de acordo com cada contexto. Por isso, as pessoas transitam por diferentes ideologias e abraçam diferentes causas. No entanto, a falta de uma dedicação exclusiva pode minimizar a força de uma organização.

Por outro lado, Hall apresenta outro aspecto da atualidade que pode contribuir para o fortalecimento da comunidade nacional. Ele acredita que o processo de definição da identidade e reconhecimento de com quais coisas o sujeito se identifica, e de que forma precisa do outro, acontece através da diferença. É vendo as diferenças entre si e o próximo, que se estabelece o que se é ou não é. E a partir daí, o sujeito vai perceber as coisas com as quais se identifica. Assim, a diferença seria também uma palavra marcante na afirmação da nacionalidade. As pessoas usam o nacionalismo como parâmetro para se identificar com uma comunidade. E só irão se identificar se conseguirem mostrar qual é a diferença implícita entre sua cultura e as outras.

A partir do pensamento de Hall, podemos concluir que os esforços para a aceitação internacional trazem um dilema para a China: se por um lado a adequação a determinados padrões estrangeiros exige uma postura mais moderna, por outro são justamente as diferenças em relação ao resto do mundo que fazem com que a China se destaque. Como assinalou Severino Cabral³⁰:

A campanha pela modernização da China - o sonho chinês - é o rejuvenescimento da nação. É materializado pelos esforços dos últimos 30 anos, iniciados por Deng Xiaoping. Foi a missão que a China se deu. Isso traz benefícios pro povo chinês, mas tem o problema do legado antigo da cultura chinesa, que eles tentam conservar. (CABRAL, 2012)

Como veremos a seguir, é essa modernização, aliada à tradição, que a China vai tentar vender ao mundo a partir da cobertura oficial das Olimpíadas em inglês, ou seja, voltada para fora do país. A partir dessa cobertura, a China tenta consolidar o sucesso brilhante dos Jogos Olímpicos de Beijing e, conseqüentemente, o triunfo da China como potência internacional.

³⁰ Entrevista concedida à autora. Ver Entrevista 03, Anexos – Parte II.

3.3 A importância das Olimpíadas nas políticas interna e externa da China

As Olimpíadas de Beijing em 2008 são um divisor de águas na história da China contemporânea. Foi o momento em que o país mostrou o potencial de crescimento e chocou o mundo. Ninguém esperava um evento daquela magnitude. Eles ostentaram para o mundo, mostraram como os gastos nas Olimpíadas mais caras da história não abalaram - ou pelo menos não aparentaram abalar - a estrutura dos cofres públicos. Nesse momento, o mundo todo abriu os olhos para a China e sentiu-se até mesmo ameaçado pela velocidade com a qual a nação de Mao Tse-tung se tornou a segunda economia do mundo.

Os Jogos também movimentaram a economia interna como um todo. A partir do momento em que Beijing foi nomeada a cidade sede do evento em 2008, o governo iniciou um período de reconstrução não apenas da capital, mas também de outras cidades e regiões importantes do país. A China virou um canteiro de obras. Os prédios cinzas do regime comunista e as estruturas precárias foram sendo gradativamente derrubadas, e novos arranha-céus foram construídos no lugar (EXAME, 2008)³¹.

A mobilização nacional para fazer da China, ou pelo menos das ZEEs, as Zonas Econômicas Especiais da China, um lugar ideal para sediar os Jogos - e assim mostrar todo o potencial do país - movimentou cerca de 80.000 trabalhadores (EXAME, 2008). E quando se fala no país mais populoso do mundo, esse número parece até pouco. Porque todo evento na China se torna um megaevento, com milhares de pessoas. Os chineses sempre foram excelentes anfitriões e jamais economizam com seus convidados. As grandes obras e o grande volume de turistas chineses e estrangeiros aqueceram o consumo e os investimentos no país, o que ajudou a revigorar o mercado interno, que passa a ser visto como fonte abundante de recursos - e extremamente rentável. Só nas Olimpíadas, foram investidos 41 bilhões de dólares (MARTIN, 2008) e, enquanto em 2001, o PIB da China era de 1,3 trilhões de dólares, em 2008 o país chegou aos 3,6 trilhões (NEW YORK TIMES, 2008)³². A China possui hoje o maior mercado interno do mundo, e esse mercado está cada vez mais rico.

Sediar uma Olimpíada é um sinal de reconhecimento e prestígio internacional. E no caso da China, o evento simboliza o progresso nos esforços de modernização e

³¹ Disponível em: <http://exame.abril.com.br/revista-exame/edicoes/0913/noticias/a-transformacao-de-pequim-m0153607>. Acesso: 03/02/2013.

³² Disponível em: <http://www.nytimes.com/2008/08/09/sports/olympics/09china.html?pagewanted=all&r=0>. Acesso: 04/02/2013.

internacionalização: através do esporte, a nação mostrou ao mundo seu potencial de desenvolvimento econômico, combinado à cultura milenar. Foi a oportunidade que a China precisava para satisfazer o antigo desejo de ser aceita internacionalmente, enquanto potência mundial e comunista.

Para além de uma questão de diplomacia internacional, os Jogos foram estratégicos para legitimar o enfraquecido Partido Comunista dentro da própria China, principalmente após o famoso e duramente criticado massacre de Tiananmen, em 1989. E também para justificar os gastos excessivos com o desenvolvimento da capital Beijing - mais um dos esforços de modernização ora criticados internamente. Três pilares justificaram o evento em Beijing, de acordo com a autora Fernanda Morena, da Renmin University of China, no texto *Break out of Asia and advance into the world: The 2008 Olympics – what have the Games demanded from China's Foreign Policy and Nationalism*:

No final, sediar os Jogos Olímpicos teve três significados centrais para a RPC: primeiro, justificar as mudanças econômicas no país e legitimar o poder do Partido Comunista da China dentro e fora do país; segundo, conseguir a aceitação do princípio “Uma China” pela comunidade internacional; e terceiro, restaurar a fé do povo chinês no Partido Comunista mantendo o desenvolvimento do país. Se as razões para a China sediar os Jogos Olímpicos serviram como uma maneira de acalmar a inquietação interna e conseguir aceitação internacional ou se foi o contrário é uma questão de quem veio primeiro: o ovo ou a galinha. (MORENA, 2010: 18)³³

Os Jogos Olímpicos, de fato, contribuíram bastante para essas três conquistas, mas não foram suficientes. No tocante à justificativa das mudanças econômicas e a legitimação do Partido no poder, o que aconteceu, na verdade, é que a parcela da população que estava insatisfeita com o regime - pela concentração de renda paralela ao crescimento econômico e o aumento do custo de vida, por exemplo - viu as Olimpíadas como uma oportunidade de organizar protestos com um menor índice de repressão por parte do Governo (BUSSCHE, 2013), justamente por estar no foco da mídia internacional, que defende os direitos humanos. Da mesma forma, por estar prestando mais atenção na China, a mídia internacional também intensificou as críticas ao PCC durante o evento.

³³ Tradução feita pela autora. Original: *At the end, hosting the Olympics had three pillar meanings to PRC: first, to justify the economic changes in the country and legitimize CCP's power inside and outside of the country; second, to gather the international community's acceptance of the “One China” principle; and third, to restore Chinese People's faith in the Communist Party by keeping the development of the country. Whether the reasons for China to host the Olympics served as a way to calm internal turmoil and get international acceptance or if it is the other way around is a question of who came first: the chicken or the egg.* (MORENA, 2010: 18)

3.4 Cobertura chinesa das Olimpíadas voltada para o exterior: construção da imagem internacional da China através do jornalismo

Todos os holofotes da mídia chinesa estiveram voltados para Beijing durante os Jogos. Por se tratar não apenas de um evento de esportes, mas também - e principalmente - um evento político, a cobertura jornalística chinesa foi bastante cautelosa. Como já foi dito no ponto sobre mídia, as restrições na China são muitas, especialmente quando se trata de política. De acordo com Bussche, as diretrizes da imprensa chinesa eram: “ênfaticamente a importância das Olimpíadas”. Nas palavras dele: “O Governo chinês precisava mostrar que as Olimpíadas, na verdade, representavam a entrada da China no clube seleto das potências mundiais, clube que inclui, além da China, apenas os Estados Unidos. Isso na visão chinesa. (BUSSCHE, 2013)

Para fins de análise, selecionamos os dois principais veículos que possuem versão online em língua inglesa: o CCTV (com muitas notícias cuja fonte é a agência Xinhua) e o China Daily. Em ambas, como foi mencionado, as matérias que envolviam a cerimônia de abertura de Beijing 2008 vangloriaram o desempenho da China. Por serem veículos de projeção nacional e internacional, sofrem um controle ainda mais forte do Governo, então precisam ser extremamente fieis às diretrizes do Governo, dificilmente criticando o Partido (BUSSCHE, 2013).

Mas as Olimpíadas foram um momento em que a comunidade internacional e o Comitê Olímpico impunham - com certa propriedade - o direito de cobrir o evento com uma dose maior de liberdade de expressão. As críticas à falta de respeito aos direitos humanos e a necessidade de refazer sua imagem perante o mundo abriram espaço para uma cobertura um pouco menos rígida sobre todos os assuntos que envolviam o evento, exceto a política e os feitos do Governo: esses deviam ser sempre elogiados, exaltando o progresso da China. Neste exemplo, o assunto polêmico da questão do Tibete foi retratado, porém os manifestantes são vistos, sutilmente, como os “vilões” da história:

Quatro manifestantes, dois Americanos e dois britânicos, receberam ordem para deixar o local quando eles tentaram pendurar bandeiras pró-independência tibetana em um poste próximo à passagem Beichen, alguns metros do Estádio Nacional, cedo de manhã na quarta-feira, afirmou Sun Weide, porta-voz do BOCOG [Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos de Beijing]. Pedestres notaram os quatro manifestantes, três homens e uma mulher, às 5h00 e telefonaram para a polícia imediatamente, disse Sun. Os quatro se reuniram na passagem Beichen próximo ao Estádio Nacional, ou

“Ninho de Pássaro”. Dois homens subiram em dois postes de luz para colocar os banners, afirmou a polícia. Em um banner estava escrito com letras grandes em preto “Um Mundo Um Sonho Tibete Livre” e em outro, “Tibete será livre”. A polícia chegou rapidamente ao local 12 minutos depois e levou-os de lá para investigação. Os quatro entraram na China com vistos de turista, informou a polícia. “Os Jogos Olímpicos são um encontro esportivo”, disse o porta-voz em uma entrevista coletiva no MPC [Centro Principal de Imprensa]. “Nós somos contra qualquer tipo de ato que viole as leis chinesas”, ele declarou aos jornalistas. (CHINA DAILY, 2008)^{34/35}

Tanto a cobertura voltada para a China quanto a cobertura voltada para o exterior enfatizaram o progresso da sociedade chinesa e a belíssima organização do evento. Beijing foi retratada como uma cidade verde, *high-tech* e eficiente. Sobre tudo na cobertura voltada ao estrangeiro, não havia espaço para críticas, falhas de organização, defeitos na liderança ou qualquer outro problema. Vejamos, por exemplo, um trecho de uma matéria da agência de notícias *Xinhua*:

Mais líderes de governos estrangeiros e organizações internacionais enviaram nos últimos dias mensagens parabenizando pelo sucesso dos Jogos Olímpicos de Beijing. O Secretário-Geral da ONU, Ban Ki Moon, disse que a China deveria se orgulhar da Olimpíada impressionante que sediou. Os Jogos de Beijing são um sucesso do princípio e do ideal olímpicos, e um sucesso da prática de “Olimpíada verde, *high-tech* e do povo”, disse ele. (XINHUA, 2008)^{36/37}

³⁴ Tradução feita pela autora. Original: *Four protesters, two Americans and two British, were ordered to leave the site when they tried to hang pro-Tibetan independence flags onto a lamppost near the Beichen Bridge, meters away from the Nation Stadium early Wednesday morning, said BOCOG spokesman Sun Weide. Pedestrians noticed the four protesters, three men and one woman, at 5 a.m. and called the police immediately, said Sun. The four gathered at the Beichen Overpass near the National Stadium, or Bird's Nest. Two men climbed up two electricity poles to display the banners, said the police. One banner was written with large black letters "One World One Dream Free Tibet" and another banner read "Tibet will be free". The police rushed to the scene 12 minutes later and took them away for investigation. The four have entered China on tourist visas, police said. The Olympics is an sports gathering, said the spokesman in a press conference at the MPC. "We object any kind of act that violates the Chinese laws," he told reporters. (CHINA DAILY, 2008)*

³⁵ Ver Notícia 01, Anexos – Parte I.

³⁶ Ver Notícia 02, Anexos – Parte I.

³⁷ Tradução feita pela autora. Original: *More leaders of foreign governments and international organizations have sent congratulatory messages in recent days on the success of the Beijing Olympic Games. UN Secretary-General Ban Ki Moon said China should be proud of the stunning Games it hosted. The Beijing Games is a success of the Olympic principle and ideal, and a success of the practice of "a green Olympics, a High-tech Olympics and the People's Olympics," he said. (XINHUA, 2008)*

De fato, o maior acesso da comunidade internacional a assuntos relacionados à China garantiu uma maior abertura da mídia chinesa a assuntos, e a cobertura factual mostrou mais fatos polêmicos do que teria mostrado, por exemplo, na época do massacre de Tiananmen, em 1989, como assinalou o ex-correspondente chinês da Xinhua no Brasil, Chen Jiaying, em entrevista concedida à autora³⁸: “Diria que a imprensa chinesa pós-Olimpíada tem se mostrado mais moderna, mais aberta e mais prática, tendo conseguido um avanço maior no processo de integração ao mundo de fora” (2013). Vejamos o exemplo a seguir:

Um *expert* na economia dos Jogos Olímpicos de Beijing disse aqui na quinta-feira que a economia da capital não sofrerá flutuação depois dos Jogos Olímpicos. Chen Jian, presidente executivo da Associação de Pesquisa de Economia dos Jogos Olímpicos de Beijing, declarou em uma entrevista coletiva no Centro Principal de Imprensa que após os Jogos Olímpicos de Beijing, a economia de Beijing irá formar um padrão de desenvolvimento envolvendo os setores de alta tecnologia, finanças, serviços e cultura. “Investimento em infraestrutura urbana continuará sendo intensivo, e o novo investimento é suficiente para continuar a impulsionar o crescimento econômico e evitar potencial flutuação econômica pós-Jogos”, disse Chen. (XINHUA 2008)^{39/40}

A notícia fala de um assunto complicado, duramente criticado dentro do país, que é a sensibilidade da economia pós-Jogos, tendo em vista os gastos excessivos no evento e a necessidade de investimentos em outras regiões da China. Era impossível não tocar nesse assunto, dada a grande repercussão dentro e fora do país. Mas, de novo, a notícia teve a função de defender um posicionamento positivo do Governo, sem dar espaço a erros ou falhas. Mais um exemplo:

Além da competição, o entusiasmo e a organização da cidade anfitriã têm sido muito prazerosos. Quase nenhuma reclamação foi feita sobre o serviço na vila olímpica. A grande cerimônia de abertura e a hospitalidade dos locais conferiram aos Jogos muito mais do que apenas esportes. Wei Jizhong disse “Uma Olimpíada com características distintas e alto nível. Isto significa que nós não apenas cumprimos com os critérios do COI [Comitê Olímpico Internacional], como também fizemos um evento ainda melhor do que o

³⁸ Ver Entrevista 03, Anexos – Parte II.

³⁹ Tradução feita pela autora. Original: *An expert on Beijing Olympic economy said here on Thursday that the capital city's economy will not be subject to fluctuation after the Olympic Games. Chen Jian, executive president of Beijing Olympic Economy Research Association, said at a press conference at the Main Press Center that after the Beijing Olympic Games, Beijing's economy will shape up a development pattern featuring the sectors of high technology, finance, services and culture. "Investment in urban infrastructure will remain intensive and the new investment is enough to continue to push economic growth and shun potential post-Games economic fluctuation," said Chen.* (XINHUA 2008)

⁴⁰ Ver Notícia 03, Anexos – Parte I.

esperado. Os Jogos de Beijing são únicos porque possuem claramente características chinesas. Na verdade, muitos dos critérios do COI são baseados nas características de cada Olimpíada”. Ao apresentar ao mundo um espetáculo dos esportes, a China teve sua própria alegria especial na participação: vencer o quadro de medalhas de ouro. (CCTV, 2008) ^{41/42}

Certas notícias constrangedoras ao Governo foram mostradas, mas, como era esperado, a mídia que ganhou maior liberdade na época foi a esportiva (ALENCAR, 2013)⁴³. Os jornais oficiais chineses em língua inglesa fizeram questão de escolher assuntos menos polêmicos relacionados aos jogos e, com isso, abrir espaço para um debate com livres opiniões. Mas a própria escolha de não discutir questões negativas já é uma forma de limitar o livre pensamento. Em entrevista concedida à autora, o correspondente internacional da Sportv em Beijing, Edgar Alencar,⁴⁴ concordou que, embora a imprensa chinesa estivesse mais aberta durante as Olimpíadas (se comparada a outros momentos, como em 1989), a liberdade de expressão continuou limitada em 2008 e é limitada até hoje:

Nada disso, porém, diminui o argumento inicial de que a liberdade de expressão ainda está longe de ser uma realidade na China. Ainda hoje a vigilância sobre as notícias é diária, jornais e sites estrangeiros são frequentemente bloqueados para acesso na China depois de noticiarem reportagens considerados sensíveis pelo governo e mesmo correspondentes no país sofrem com retaliações e até têm seus vistos negados em alguma ocasiões. Estes fatos são muito comuns na editorias de economia e política internacional. (ALENCAR, 2013)

Este trecho de matéria publicada é um exemplo de como a mídia soube escolher momentos positivos para reportar questões polêmicas e, com isso, limitar a crítica ao Governo:

Os Jogos refletiram plenamente o progresso da China em sua civilização e sua competitividade para buscar excelência e realizar sonhos em vários

⁴¹ Tradução feita pela autora. Original: *Besides the competition, the host city's enthusiasm and organization have provided much pleasure. Almost no complaints were raised about service at the Olympic village. The grand opening ceremony and the hospitality of the locals endowed the Games with much more than sports alone. Wei Jizhong said "An Olympic Games with distinctive characteristics and high level. That means we have not only met the IOC's criteria, but also made the event even better than expected. The Beijing Games are unique because they bears clear Chinese characteristics. In fact many of the IOC criteria are based on the characteristics of each Olympiad." While presenting the world a sports spectacular, China has had its own special joy in participation: topping the gold medal tally.*(CCTV, 2008)

⁴² Ver Notícia 04, Anexos – Parte I.

⁴³ Edgar Alencar, correspondente internacional do Sportv em Beijing. Entrevista concedida à autora.

⁴⁴ Ver Entrevista 02, Anexos – Parte II.

campos, disse ele, observando que a honra do sucesso da China em receber as Olimpíadas pertence à toda a Ásia. O príncipe da Coroa do Kuwait Sheihk Nawaf al-Ahmad al-Sabah disse que os enormes esforços da China para receber as Olimpíadas, especialmente o excelente trabalho preparatório, asseguraram o sucesso do maior evento esportivo do mundo. (...) A Assembléia Nacional da Venezuela passou uma resolução que disse que os Jogos de Beijing novamente destacaram o importante papel do esporte no incentivo ao desenvolvimento integral e espírito de humanidade, assim como na promoção de diálogos múltiplos entre diferentes nações. Beijing testemunhou durante os Jogos os mais nobres sentidos humanos – humanidade, unidade e amizade, e ao mesmo tempo mostrou ao mundo suas excelentes tecnologias, trabalho de organização e sensibilidade para a humanidade, afirma o documento. (XINHUA, 2008)^{45/46}

De acordo com Bussche, as Olimpíadas eram o “acontecimento do século” para o Governo chinês, e o simbolismo que o evento carregava era extremamente importante:

Então é por isso que, por um lado, houve o relaxamento da censura, mas por outro o Governo chinês também quis ficar muito mais atento a essas manifestações contra o Governo etc., que acabaram ocorrendo em alguns pontos, mas que o Governo conseguiu abafar, eu diria, com bastante sucesso. (BUSSCHE, 2013)

Em suma, a censura continuava a mesma de sempre, mas em um pacote diferente, o que mostra a forte influência que o Governo Comunista ainda exerce sobre a mídia. Os líderes chineses souberam se aproveitar do momento para fazer uma propaganda internacional de seu sistema de governo. Vozes dissidentes, que discordavam da maneira pela qual os Jogos foram conduzidos, foram pouco consideradas por esses veículos. Vejamos mais um exemplo:

Uma pesquisa oficial constatou que 98,6 por cento dos moradores de Beijing consideraram as Olimpíadas “bem-sucedidas”. O Departamento de Estatística de Beijing entrevistou por telefone 3.032 pessoas dos 18 distritos e comarcas da capital sobre suas opiniões acerca dos Jogos Olímpicos entre 8 e 24 de agosto. Dos entrevistados, 82 por cento disseram que os Jogos foram “muito bem-sucedidos” e 16,6 por cento consideraram como “bastante bem-sucedidos”, afirmou o Departamento na sexta-feira. A pesquisa revelou que 97,7 por cento atribuíram o sucesso à forte organização e coordenação do

⁴⁵ *The Games fully reflected China's progress in its civilization and its competitiveness to seek excellence and realise dreams in various fields, he said, noting that the honor of China's success in hosting the Olympics belongs to the whole of Asia. Kuwaiti Crown Prince Sheihk Nawaf al-Ahmad al-Sabah said the tremendous efforts by China to hold the Olympics, notably the finest preparatory work, have secured the success of the world's greatest sports event. (...) The National Assembly of Venezuela passed a resolution which said the Beijing Games has again highlighted the important role of sport in fostering the all-round development and spirit of humankind as well as in promoting multiple dialogues between different nations. Beijing has witnessed during the Games the noblest human senses -- humanity, unity and friendship, and has meanwhile shown the world its outstanding technologies, organizational work and sensitivity to humanity, it said. (XINHUA, 2008)*

⁴⁶ Ver Notícia 04, Anexos – Parte I.

governo, 97,2 por cento ao serviço entusiástico dos voluntários e 96,8 por cento ao envolvimento ativo do público em geral. (XINHUA, 2008) ^{47/48}

Foi um momento de *glamour*, embora maquiado, que os chineses fizeram questão de mostrar ao mundo - e se orgulhar do esplêndido mérito, como assinala o autor Jingtao Yuan na dissertação *Chinese newspaper coverage of the Beijing Olympic Games: a comparative framing study of Chinese media*:

É criada a impressão de os Jogos Olímpicos de Beijing estarem acontecendo tranquilamente. (...) Os jornais fazem parecer que todo mundo na China aprecia os Jogos de Beijing. A mídia criou uma imagem positiva do Governo chinês. (...) O bom andamento da sociedade chinesa também tem a ver com a mentalidade na China de hoje. Usando a cultura chinesa, uma imagem positiva da cultura chinesa é criada. Atitudes tolerantes em relação a nacionalidades diferentes são estabelecidas na estrutura da nacionalidade. Usando a estrutura da moralidade, a mídia apresenta uma diversidade de valores na China. (YUAN, 2009: 75)⁴⁹

Escolhemos a cerimônia de abertura de Beijing 2008⁵⁰ para análise, porque a China - assim como todo país que recebe uma Olimpíada - posicionou-se perante o mundo durante essa solenidade. Foi o momento de maior audiência global durante os jogos, que foram também os mais assistidos da história da televisão. Através do espetáculo, a China conseguiu combinar traços de sua cultura milenar com o desenvolvimento econômico e a potência tecnológica que se tornou (YAHOO!, 2012)⁵¹. O PCC buscou inspirar o orgulho nacional na cerimônia e reafirmar sua legitimidade no sucesso das Olimpíadas. Um exemplo:

⁴⁷ Tradução feita pela autora. original: *An official survey has found 98.6 percent of the Beijing residents consider the Olympics "successful". The Beijing Bureau of Statistics questioned by telephone 3,032 people from the capital's 18 districts and counties on their views on the Olympic Games from Aug. 8-24. Of the respondents, 82 percent said the Games was "very successful", and 16.6 percent regarded it as "quite successful", the bureau said Friday. The survey found 97.7 percent attributed the success to the government's strong organization and coordination, 97.2 percent to the volunteers' enthusiastic service and 96.8 percent to the general public's active involvement.* (XINHUA, 2008)

⁴⁸ Ver Notícia 05, Anexos – Parte I.

⁴⁹ Tradução feita pela autora. Original: *The impression of the Beijing Olympics operating smoothly is made. (...) The newspapers make it look like everyone in China enjoys the Beijing Olympics. The media created a positive image of the Chinese government. (...) The well-running of the Chinese society has also to do with the mentality in today's China. By using Chinese culture, a positive image of Chinese culture is created. Tolerant attitudes towards differing nationalities are set up in the nationality frame. By using the morality frame, the media present a diversity of values in China.* (YUAN, 2009: 75)

⁵⁰ Ver Figura 01, Anexos, Parte III.

⁵¹ Disponível em: <http://sports.yahoo.com/news/olympics--beijing-s-greatest-show-on-earth-set-the-bar-for-olympic-opening-ceremony-standards.html>. Acesso: 03/02/2013.

Em menos de dois dias, a chama sagrada da 29ª edição dos Jogos Olímpicos de verão em Beijing, a qual está acesa acima do Estádio Nacional no norte de Beijing desde 8 de agosto, será extinta. O povo chinês agora pode orgulhosamente anunciar ao mundo: nós fizemos jus à confiança da comunidade internacional e do Comitê Olímpico Internacional (COI). Ao mesmo tempo, o mundo também pode dizer com satisfação: nós tomamos a decisão correta ao selecionar Beijing e China como a sede olímpica. Nos Jogos Olímpicos de Beijing, milagres foram feitos e sonhos realizados. Até o momento, 38 recordes mundiais foram atualizados nestes Jogos. (XINHUA, 2008)^{52/53}

A cerimônia de abertura do evento custou cerca de cem milhões de dólares. Quinze mil pessoas se apresentaram em perfeita sincronia juntas, em prol da nação, no novíssimo Estádio Nacional de Beijing, conhecido como “Ninho de Pássaro” (ESTADÃO, 2008)⁵⁴. A intenção dos chineses era impressionar: mostrar ao Ocidente que a China pode fazer o maior espetáculo da história do movimento olímpico e superar todos os países anfitriões que a antecederam.⁵⁵ Nenhuma outra cerimônia olímpica chegou a esse custo e magnitude. No dia seguinte, os elogios ao espetáculo na mídia do mundo todo foram unânimes, e na China não poderia ter sido diferente:

Atraindo um número estimado de quatro bilhões de espectadores pelo mundo, a Cerimônia de Abertura dos Jogos Olímpicos de 2008 de Beijing recebeu ondas de aplauso e animação ao redor do globo. Muitos da audiência no exterior descreveram o magnífico show como uma combinação criativa da rica cultura tradicional da China e dos charmes da arte moderna e da tecnologia. (CCTV, 2008)^{56/57}

⁵² Tradução feita pela autora. Original: *In less than two days, the sacred flame of the 29th summer Olympic Games in Beijing, which has been burning atop the National Stadium in north Beijing since Aug. 8, is going to be extinguished. The Chinese people now can proudly announce to the world: we have lived up to the trust of the international community and the International Olympic Committee (IOC). Meanwhile, the world can also say with gratification: we have made a correct decision by selecting Beijing and China as the Olympic host. At the Beijing Olympic Games, miracles were produced and dreams fulfilled. To date, 38 world records have been refreshed at these Games.* (XINHUA, 2008)

⁵³ Ver Notícia 06, Anexos – Parte I.

⁵⁴ Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/esportes%20pequim2008.cerimonia-de-abertura-dos-jogos-de-pequim-sera-estrondosa,216334,0.htm>. Acesso: 03/02/2013.

⁵⁵ Ver Figura 02, Anexos – Parte III.

⁵⁶ Tradução feita pela autora. original: *Attracting an estimated four billion viewers across the world, the Opening Ceremony of the Beijing 2008 Olympic Games have won waves of applause and excitement from around the globe. Many in the overseas audience praised the magnificent show as a creative combination of China's rich traditional culture and the charms of modern art and technology.* (CCTV, 2008)

⁵⁷ Ver Notícia 07, Anexos – Parte I.

Os mínimos detalhes da apresentação foram friamente calculados. As coreografias foram incessantemente ensaiadas. As linhas onduladas de ideogramas chineses, que destacaram o caractere que representa a “harmonia”, foram um dos pontos fortes da noite, que deu um banho de história, música, dança e outras artes chinesas. Também ficou marcado na memória de todos os que assistiram à cerimônia o acendimento da tocha olímpica pelo ginasta chinês Li Ning, conduzido por cabos que davam a impressão de que ele voava por cima de projeções de imagens de outras personalidades mundiais que já carregaram a tocha naquele ano, durante a viagem de volta ao mundo do símbolo olímpico. O acendimento da tocha simbolizou uma jornada de harmonia (THE GUARDIAN, 2008)⁵⁸. Mas a viagem da tocha⁵⁹, como veremos a seguir, não foi nenhum pouco harmônica, e essa desarmonia não foi mostrada pela imprensa chinesa voltada para o exterior, nem exibida no telão da cerimônia.

Às vésperas, protestos reprimidos pelo Governo, como as manifestações a favor da autonomia do Tibete, foram mostrados pela imprensa chinesa não-oficial, mas abafados pela oficial. Os céus poluídos, o descaso com os direitos humanos, os gastos abusivos com o evento e outros fatores negativos também praticamente não aparecem na cobertura chinesa voltada para fora. Pelo contrário: elogios sem modéstia àquela que eles mesmos consideraram “a maior cerimônia de abertura da história da humanidade” eram constantes, assim como a citação de longas aspas de personalidades estrangeiras que reforçavam a glória chinesa. Não houve, nessa cobertura, espaço para críticas ou comentários negativos. Um exemplo:

Descrevendo a duração dos Jogos Olímpicos como “16 dias gloriosos, os quais nós estimaremos para sempre”, o presidente do COI disse que o mundo iria “lembrar por muito tempo” das realizações em Beijing pelas “novas estrelas” e “estrelas de Jogos passados”. Como os Jogos mais assistidos da história, com um número estimado de 4,5 bilhões de espectadores na TV e na internet, esses Jogos Olímpicos em Beijing certamente serão lembrados, tendo feito história com recordes superados, sonhos realizados e lágrimas de alegria ou tristeza derramadas aqui. (CHINA DAILY, 2008) ^{60/61}

⁵⁸ Disponível em: <http://www.guardian.co.uk/sport/2008/aug/08/olympicgames.openingceremony>. Acesso: 04/02/2013.

⁵⁹ Ver Figura 04, Anexos – Parte III.

⁶⁰ Tradução feita pela autora. Original: *Describing the Games' duration as "16 glorious days which we will cherish forever," the IOC president said the world would "long remember" the achievements in Beijing by "new stars" and "stars from past Games." "As the most watched Games in history, with an estimated 4.5 billion TV and Internet viewers, these Olympic Games in Beijing are sure to be remembered, with history made, records topped, dreams fulfilled, and tears of joy or sorrow shed here.* (CHINA DAILY, 2008)

⁶¹ Ver Notícia 08, Anexos – Parte I.

A maioria absoluta das matérias se utilizaram de citações elogiosas de líderes internacionais para legitimar seus argumentos, o que demonstra a preocupação dos jornalistas do veículo de convencer o público estrangeiro de que a cerimônia - assim como os jogos - foi um completo sucesso.⁶² A escolha de personalidades internacionais em detrimento das personalidades chinesas para legitimar sua cobertura dialogando com o Ocidente faz parte da própria cultura chinesa, marcada pelo desejo de pertencimento internacional já citado anteriormente. Ocorre constantemente, nas relações da China para fora, uma supervalorização dos conceitos ocidentais. Vejamos um exemplo:

Mais líderes mundiais parabenizam a China pelo sucesso nas Olimpíadas de Beijing

Fonte: Xinhua | 30-08-2008 15:08

BEIJING, 29 de agosto (Xinhua) -- Mais líderes mundiais e porta-vozes de parlamentos parabenizaram calorosamente a China pelo completo sucesso dos Jogos Olímpicos de Beijing. O presidente vietnamita Nguyen Minh Triet, que participou da cerimônia de abertura dos Jogos em Beijing, disse em sua mensagem de felicitação que a Olimpíada de Beijing, cujo tema foi “Um Mundo, Um Sonho”, não foi apenas um evento de esportes global, mas uma rara oportunidade de compartilhar e promover união, amizade e paz – os valores comuns de toda a humanidade. A realização bem-sucedida dos Jogos serviu como uma oportunidade para o mundo inteiro aprofundar seu conhecimento dos costumes sociais e da cultura da China, mostrar o status e o prestígio internacional da China, cada vez maiores, bem como sua capacidade de sediar grandes atividades, afirmou Triet. O primeiro ministro japonês, Yasuo Fukuda, disse que o enorme sucesso dos Jogos Olímpicos de Beijing ficará gravado nas memórias das pessoas, juntamente com a imagem de chineses destemidos resgatando sobreviventes após o terremoto devastador de magnitude 8.0 na província de Sichuan, no sudoeste da China. Durante a cerimônia de abertura, a China enviou ao mundo uma forte mensagem de “paz”, a qual não só é o objetivo da China, como também a direção que o mundo todo deveria tomar, disse Fukuda. Ele demonstrou esperança de consolidar e fortalecer as relações estratégicas e mutuamente benéficas entre o Japão e a China, e de juntos fazerem um gesto de paz para o mundo. Descrevendo os Jogos Olímpicos de Beijing como um dos mais esplêndidos eventos de esporte, Maumoon Abdul Gayoom, presidente das Maldivas, disse que os Jogos exibiram o recente e rápido desenvolvimento da China e promoveram o espírito de amizade, união e cooperação. O rei da

⁶² Ver Figura 02, Anexos – Parte III.

Arábia Saudita, Abdullah bin Abdul-Aziz, disse que a China alcançou sucesso “sem precedentes” na organização dos Jogos Olímpicos de Beijing.⁶³

Como se vê, apenas nesse texto são citados quatro líderes internacionais que deram os parabéns pelo sucesso da China. Não há nenhuma opinião de chineses. A matéria fala também dos Jogos como uma oportunidade de conhecer melhor a China e também da mensagem de paz que o país transmitiu ao mundo. As matérias desse veículo, como um todo, parecem fazer um convite a todos os estrangeiros para conhecer a nova China, que ampliou sua conexão com o resto do mundo a partir das Olimpíadas. De acordo com Bussche, os chineses sempre procuram legitimar o discurso com comentários de líderes estrangeiros, porque os possíveis elogios de autoridades ocidentais mostram que a China está caminhando para chegar ao mesmo patamar de desenvolvimento dos países ocidentais:

O Governo quer mostrar que a China organizou o evento segundo critérios internacionais, estabelecidos pela comunidade internacional. Eles querem também mostrar que a China joga conforme as regras do jogo da comunidade internacional. Obviamente é, de certa maneira, uma forma hipócrita de colocar, porque quando as regras internacionais convêm ao PCC, eles estão muito contentes em aderir a elas e mostrar que aderiram a elas. E quando, por exemplo, há críticas como direitos humanos etc., coisas que são criticadas pela comunidade internacional, eles deixam de lado. (BUSSCHE, 2013)

O próximo exemplo - de elogio ao desempenho chinês concomitante a crises diplomáticas - é bastante curioso, pois remete aos elogios de um líder francês à organização dos Jogos, destacando a cerimônia de abertura. A França, como muitos outros países ocidentais no contexto de Beijing 2008, foi um país bastante polêmico, por defender a livre identificação cultural e espiritual dos tibetanos. Durante a passagem da tocha olímpica por

⁶³ Tradução feita pela autora. Original: **More world leaders congratulate China on success of Beijing Olympics** Source: Xinhua / 08-30-2008 15:08. BEIJING, Aug. 29 (Xinhua) -- More world leaders and parliament speakers have warmly congratulated China on the complete success of the Beijing Olympic Games. Vietnamese President Nguyen Minh Triet, who had attended the opening ceremony of the Games in Beijing, said in his congratulatory message that the Beijing Olympiad, themed "One World, One Dream", was not only a global sports event, but a rare opportunity to share and promote unity, friendship and peace -- the common values of all humankind. The successful hosting of the Games served as an opportunity for the whole world to deepen its understanding of China's social customs and culture, showcase China's ever growing international status and prestige, as well as its capability to host grand activities, Triet said. Japanese Prime Minister Yasuo Fukuda said the huge success of the Beijing Olympics will be carved into people's memories along with the image of fearless Chinese rescuing survivors after the devastating 8.0 magnitude earthquake in China's southwestern Sichuan province. During the opening ceremony, China sent the world a strong message of "peace," which is not only China's goal, but also the direction that the whole world should take, Fukuda said. He expressed hope of consolidating and enhancing the strategic and mutually beneficial relations between Japan and China, and together making a gesture of peace to the world. Describing the Beijing Olympics as one of the most splendid sporting events, Maumoon Abdul Gayoom, the president of the Maldives, said the Games showcased China's recent rapid development, and promoted the spirit of friendship, unity and cooperation. The king of Saudi Arabia, Abdullah bin Abdul-Aziz, said China achieved "unprecedented" success in organizing the Beijing Olympic Games.

Paris naquele ano, manifestantes pró-Tibete apagaram a chama da tocha, o que foi recebido com bastante ofensa pelos líderes chineses.

O incidente abriu espaço para rumores de que o então presidente francês Nicolas Sarkozy talvez boicotasse a cerimônia de abertura das Olimpíadas. O site de notícias da Rede Globo, o G1, reportou no dia 25 de março de 2008, que Sarkozy não descartava a possibilidade do boicote, se a sua atitude resultasse em um maior respeito aos direitos humanos por parte do Governo da China. O líder francês fez um pedido pessoal ao presidente chinês Hu Jintao, pelo fim da violência no Tibete⁶⁴, conforme mostra a reportagem:

Na segunda-feira (24), Sarkozy pediu à China "contenção" nas revoltas no Tibete e que as autoridades de Pequim dialoguem com os representantes do líder espiritual tibetano, o Dalai Lama. Sarkozy enviou uma carta ao presidente chinês, Hu Jintao, na qual pede "o fim da violência no Tibete" e expressa sua "comoção" devido aos recentes incidentes "trágicos". Na carta, o presidente francês coloca a Hu Jintao seu desejo de que seja possível "recuperar e aprofundar" o diálogo com o Dalai Lama, para tornar possível "que todos os tibetanos se sintam em condições de viver plenamente sua identidade cultural e espiritual dentro da República Popular China". Neste ponto, Sarkozy expressou a disponibilidade de "facilitar" esse diálogo, "dentro da associação estratégica franco-chinesa". (G1, 2008)⁶⁵

O G1 mostrou que, enquanto o Governo do Tibete avaliou em 130 o número de tibetanos mortos em confrontos com a polícia chinesa, o Executivo de Beijing reconheceu apenas 19 mortes. Sem dúvida essa informação passou pela mídia oficial chinesa, porém em um posicionamento favorável apenas ao Governo chinês, como uma forma de se defender das críticas internacionais. A mídia voltada para fora, que só elogiava os avanços do Partido na organização do grande evento, posicionou-se de maneira parcial em relação não apenas à questão do Tibete, mas também a outras questões polêmicas, como assinalou Edgar Alencar:

Não é raro ler ou ouvir nas mídias chinesas a figura do Dalai Lama ser tratada como "líder separatista" ou mesmo um "terrorista". A visão ocidental que se tem de um Tibete de monges, calmo e ordeiro só em busca da liberdade não é a mesma na China continental. Em todas as gerações, mesmo nas mais jovens, que contestam abertamente a importância de Mao Tse-Tung, por exemplo, ouve-se o discurso oficial incorporado. (ALENCAR, 2013)

⁶⁴ Ver Tabela 02, Anexos – Parte III.

⁶⁵ Ver Notícia 09, Anexos – Parte I.

Enquanto isso, do lado de fora da China, a mídia internacional não poupou críticas às atitudes chinesas, o que deixava o Governo chinês apreensivo a respeito de um possível fracasso das Olimpíadas, caso grande parte dos líderes internacionais deixassem de prestigiar a cerimônia de abertura. Como sabemos, isso não aconteceu. Não só o Sarkozy foi aos Jogos, mas também muitos dos principais governantes ocidentais o fizeram.

A China foi alvo de severas críticas francesas, mas o site da CCTV fez questão de salientar os elogios feitos por líderes que presenciaram a cerimônia de abertura e abafar as opiniões negativas, como mostra o exemplo:

O Parlamento Francês diz que o mundo conhece melhor a China através dos Jogos Olímpicos

Fonte: Xinhua | 30-08-2008 15:11

PARIS, 29 de agosto (Xinhua) – “Os Jogos Olímpicos de Beijing foram uma janela pela qual pessoas ao redor do mundo adquiriram um melhor entendimento sobre a China”, disse Bernard Debre, membro da Assembleia Nacional Francesa, na sexta.

Debre, que participou da cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de Beijing, disse à Xinhua que estava muito impressionado com as esplêndidas performances. “Foi uma noite inesquecível”, disse ele, “a melhor coisa da cerimônia de abertura foi que combinou a civilização tradicional da China com a modernização”. A China impressionou o mundo todo não apenas com as cerimônias brilhantes de abertura e encerramento das Olimpíadas, mas também com a excelente organização dos Jogos, disse o parlamentar. Beijing adotou uma série de medidas para assegurar o bom andamento dos Jogos, e reservar pistas olímpicas especiais particularmente facilitou a circulação dos atletas pela cidade, acrescentou. Os designs únicos dos estádios olímpicos tais como o Ninho de Pássaro e o Cubo d’Água também são impressionantes, disse ele. “Se eu precisasse descrever o trabalho de organização dos Jogos Olímpicos de Beijing em uma palavra, eu diria que é ‘perfeito’”, disse Debre. Debre, que também é um excelente urologista, acompanhou o desenvolvimento da China ao longo dos anos desde que passou a se dedicar aos intercâmbios médicos entre França e China.⁶⁶

O discurso jornalístico chinês voltado para fora do país reforçou valores nacionais, principalmente a tradicional ideia do “século de humilhações”, de que a China precisa crescer

⁶⁶ Tradução feita pela autora. Original: *French parliamentarian says world knows China better through Olympics*. Fonte: Xinhua | 08-30-2008 15:11. PARIS, Aug. 29 (Xinhua) -- "The Beijing Olympic Games was a window through which people around the world gained a better understanding about China," said Bernard Debre, a member of the French National Assembly, on Friday. Debre, who attended the opening ceremony of the Beijing Olympics, told Xinhua that he was overwhelmed by the splendid performances. "It was an unforgettable night," he said, "the best thing about the opening ceremony was that it combined China's traditional civilization with modernization." "China has impressed the whole world not only with brilliant Olympics opening and closing ceremonies but also the excellent organization of the Games, said the lawmaker. Beijing has adopted a series of measures to ensure the smooth proceeding of the Games, and the setting aside of special Olympic lanes has particularly facilitated the movement of the athletes around the city, he added. The unique designs of the Olympic stadiums such as the Bird's Nest and the Water Cube are also very impressive, he said. "If I am to use one word to describe the organizing work of the Beijing Olympics, I would say it is 'perfect'," said Debre. Debre, who is also an excellent urologist, has witnessed China's development over the years since he dedicated himself to the medical exchanges between France and China.

e destacar-se internacionalmente para ser reconhecida (BUSSCHE, 2013), e que esse crescimento seria proporcionado pelo Partido Comunista. Esses valores, nas entrelinhas, são a base do nacionalismo de partido, e reproduzem-se no nacionalismo popular. O crescimento econômico, a modernização de Beijing e do país como um todo, aliada à cultura milenar chinesa - elementos reproduzidos à exaustão na cerimônia de abertura do evento -, o reconhecimento internacional da civilização chinesa, entre tantos outros valores, foram diretamente associados à boa administração do Partido Comunista. Essa foi uma grande obra da cobertura chinesa:

Comparando o que ele viu durante suas duas viagens anteriores à China, em 2004 e em agosto deste ano, Balkenende disse que “o povo chinês pode se orgulhar do que alcançou nos últimos anos. Por meio de seu crescimento econômico, a China mudou consideravelmente”. Os Jogos Olímpicos bem-sucedidos conferiram a Beijing muitos marcos novos e modernos. (CCTV, 2008)^{67/68}

Cabe lembrar que os estereótipos que envolvem a imprensa comunista, como por exemplo o fato de funcionar como braço direito do Governo ditatorial, prejudicam a credibilidade da cobertura oficial voltada para fora (BUSSCHE, 2012). Ao mesmo tempo em que a cobertura produziu um grande impacto, no sentido de promover a China e os feitos do Governo, a própria comunidade internacional, em grande parte, recorria a seus próprios veículos para se informar do que estava ocorrendo na China. E entre as coberturas ocidental e chinesa oficial, há um grande abismo. Veremos isso com mais clareza no caso brasileiro, no capítulo seguinte.

⁶⁷ Ver Notícia 10, Anexos - Parte I.

⁶⁸ Tradução feita pela autora. Original: *Comparing what he saw during his two previous trips to China, in 2004 and in August this year, Balkenende said "the Chinese people can be proud of what they have achieved in recent years. Through its economic growth, China has changed considerably." The successful Olympic Games have given Beijing many new and modern landmarks. (CCTV, 2008)*

4. A INTERPRETAÇÃO BRASILEIRA DO MOMENTO VIVIDO PELA CHINA

O Brasil está no cenário mundial graças à união das três forças de governo com o esporte olímpico.

*Este é um fato único na história do Brasil e raro no esporte mundial*⁶⁹.

Carlos Arthur Nuzman, Presidente do COB Comitê Olímpico Brasileiro.

A fim de compreender as diferenças entre a cobertura brasileira e a cobertura chinesa oficial, voltada para o exterior, cabe aqui contextualizar as diferenças entre as concepções de nacionalismo na China e no Brasil. Essa contextualização também servirá para entendermos um pouco melhor a participação popular das duas nações na construção das Olimpíadas em seus respectivos países.

Em seguida, vamos analisar, de fato, a cobertura brasileira dos Jogos de Beijing e o modo como o Brasil, enquanto país democrático, se distinguiu da China através da mídia. Entendidas as diferenças e semelhanças, poderemos levantar hipóteses sobre a cobertura internacional e brasileira das Olimpíadas do Rio de Janeiro, em 2016.

4.1 Nacionalismo brasileiro X nacionalismo chinês

Como já falamos extensamente sobre como funciona o nacionalismo chinês, vamos agora falar um pouco das raízes do nacionalismo brasileiro e de como elas diferem da origem do nacionalismo chinês contemporâneo. Começemos com a representação de nacionalismo, tal como definida por Carlos Lessa, que é bastante coerente com a ideia de nação como comunidade imaginada de Benedict Anderson, citado anteriormente nesse trabalho:

A nação é acontecimento e o Estado Nacional, seu demiurgo. Os nacionalismos podem preceder, como discurso propiciatório, ou podem se suceder à formação da nação. O Estado Nacional pode ser pensado como um devir, como a efetivação de Estados potenciais ou latentes, de algo herdado do passado e afetado por circunstâncias presentes. O interesse deve estar no escrutínio do acontecimento e não na busca estéril de uma essência nacional. (LESSA, 2008: 238)

⁶⁹ Comentário de Carlos Arthur Nuzman, presidente do COB Comitê Olímpico Brasileiro, feito em entrevista coletiva concedida no Rio de Janeiro, em 13/08/2012, após a chegada da bandeira Olímpica. A bandeira foi recebida no encerramento dos Jogos Olímpicos de Londres pelo prefeito do Rio de Janeiro Eduardo Paes. Na ocasião Nuzman comemorou o apoio que tem da prefeitura e do governo do Rio de Janeiro e do governo federal para promover as Olimpíadas de 2016.

Para o autor, quase um século se passou desde a institucionalização do Estado Nacional brasileiro, até o delineamento da nação como território e povo. Porque, apesar de a nação se pretender eterna desde sua formação, o sentimento de pertencimento dos indivíduos pode oscilar, de acordo com a percepção da nacionalidade, da exposição do orgulho nacional e da autoestima do cidadão (LESSA, 2008).

Roberto Da Matta traçou uma comparação importante entre a formação da nação brasileira e a norte-americana. Para ele, o papel social de indivíduo - e de cidadão - é uma identidade de caráter nivelador e igualitário:

Essa seria sua característica ideal e normativa, de modo que, como cidadão, eu só clamo direitos iguais aos de todos os outros "homens". O conjunto de cidadãos, assim, é um conjunto de unidades teoricamente idênticas e absolutamente iguais e paralelas, como as listras da bandeira norte-americana. Por outro lado, o idioma semântico deste papel deseja simplesmente ultrapassar o singular e o local, conforme nos revela a história social e política do movimento que lhe deu sentido na Europa Ocidental e nos Estados Unidos. (DA MATTA, 1997: 49)

Ainda de acordo com o autor, o caso brasileiro representa um contraste com o caso norteamericano, dado que “a comunidade é necessariamente heterogênea, complementar, hierarquizada e sua unidade básica não está baseada em indivíduos (ou cidadãos), mas em relações e pessoas, famílias e grupos de parentes e amigos” (DA MATTA, 1997: 49). Assim, enquanto nos Estados Unidos o indivíduo isolado dispõe política e moralmente de uma unidade positiva, no Brasil ocorre justamente o contrário: o indivíduo isolado e sem relações é visto negativamente pela sociedade, como ser humano marginal em relação ao resto da comunidade.

Apesar de o Brasil ser considerado um país ocidental, salvas suas excentricidades, o nacionalismo brasileiro - assim como a noção de cidadania - difere dos nacionalismos americanos e europeus. Segundo Da Matta, no processo histórico brasileiro sentiu-se a necessidade de abrir um espaço social e político para as manifestações individuais e locais, já que tudo está rigidamente previsto e dominado pelo centralismo político, legal e religioso. Já no caso norteamericano, a necessidade foi de criar leis que propiciem o salvamento das totalidades maiores e mais inclusivas do que os sistemas locais, já que o individualismo é considerado positivo nos Estados Unidos, e no Brasil ele é considerado negativo - contra a totalidade imposta pela lei - e criado às custas de muito esforço (DA MATTA, 1997). Essas

características brasileiras foram estabelecidas sob influência da herança do período colonial do país. Nas palavras do próprio autor:

É importante, neste contexto, apontar como essa lógica tem permeado inclusive a história territorial dos dois países, já que no caso brasileiro o território é praticamente o mesmo desde o período colonial, ao passo que os Estados Unidos formaram o seu território paulatinamente. (DA MATTA, 1997: 54)

De acordo com Lessa, o nacionalismo brasileiro não foi instituído por conflitos ou guerras significativas com os colonizadores portugueses. O próprio Estado brasileiro surgiu sem ruptura com o passado colonial, pois foi o próprio herdeiro da colônia portuguesa, D. Pedro I, que o instituiu, de acordo com seus próprios interesses e os interesses da elite (LESSA, 2008). Essas características já distinguem o nacionalismo brasileiro, enquanto pacífico e muitas vezes até passivo a determinados acontecimentos polêmicos no país, como expressou Lessa em seu texto:

O Estado brasileiro não vivenciou nenhum desastre coletivo. O conservadorismo inicial de sua formação será uma constante histórica ao longo de sua evolução. O Brasil conseguiu abolir a escravidão sem nenhum conflito social relevante; proclamou a República sem a presença de nenhuma forma jacobina significativa; modernizou o Estado encerrando a República Velha, sem nenhum trauma relevante; promoveu a industrialização sem ruptura com a velha oligarquia primário-exportadora; atravessou a guerra fria instalando uma ditadura militar e um Estado de exceção, que foi substituído pelo estado de direito sem nenhuma criminalização dos autoritários; tenta plasmar uma democracia sem discutir as origens do seu autoritarismo. (LESSA, 2008: 244 - 245)

O nacionalismo brasileiro tem base elitista, por não ter sido promovido originalmente pelo povo, e sim pela elite. Por isso, levou um tempo para que o povo se sentisse, de fato, parte integrante do país, sendo só consolidado o nacionalismo popular brasileiro a partir da primeira metade do século XX (LESSA, 2008).

Por outro lado, um dos marcos da consolidação do nacionalismo brasileiro foi, justamente no século XX - principalmente a partir da década de 30 -, o repúdio às doutrinas racistas europeias. Apesar de se tratar de um assunto controverso, existe, na concepção de nacionalismo brasileiro, a presença de um ideal de mistura e mestiçagem - a chamada ideologia da democracia racial - embora coexista com atitudes preconceituosas na prática. Nas palavras de Lessa, “o orgulho de ser mestiço o leva (o povo) a perceber o Brasil como a nação

que mistura todos os seus vetores constitutivos e assimila, sem resistências culturais, as contribuições dos outros povos” (LESSA, 2008).

De acordo com o sinólogo e especialista em estudos afroasiáticos, Severino Cabral, o Brasil ensina uma cultura integradora, tanto geneticamente falando, quanto espiritualmente falando: não há conflito étnico, nem religioso no país. Para ele, os brasileiros aboliram as diferenças, e criaram uma cultura de integração das diferenças, tornando-se, portanto, um dos expoentes do mundo global. Nas palavras do autor: “o milagre brasileiro é uma sociedade de 200 milhões de habitantes, em 8 milhões de km e meio de território, que fala a mesma língua, sem movimentos separatistas. O Brasil engloba as minorias, coisa que os chineses não fazem. E os europeus também não.” (CABRAL, 2012)⁷⁰

Ainda segundo Lessa, o ideal de progresso iniciado na primeira metade do século XX, quando o Brasil alavancava o desenvolvimento industrial e urbano, deu lugar a um nacionalismo econômico e popularizado (2008), e carregava ideais de amor à nação que caminharam desde à época Getulista até a Ditadura Militar brasileira. E atualmente é possível afirmar que existem várias formas de expressão do nacionalismo brasileiro, principalmente porque existem diversas camadas socioculturais no país, que defendem interesses diversos. Na China, apesar da aparente unidade política, a diversidade étnica também caracteriza diversos nacionalismos (BUSSCHE, 2013) - e por isso o Governo busca diretrizes comuns a todos para instigar esse sentimento patriota.

É esse nacionalismo brasileiro específico da época das ditaduras brasileiras que se assemelha mais com o nacionalismo chinês, dados os traços autoritários do então regime brasileiro e do regime chinês. A diferença é que o nacionalismo brasileiro daquele período não foi contra a presença estrangeira, como o era o nacionalismo chinês - sempre anti alguma coisa: antiimperialista, antiocidental etc. (BUSSCHE, 2013) - porém, claramente reforçou o papel do Estado como o sujeito alternativo e principal para o desenvolvimento da nação (LESSA, 2008).

Alguns autores defendem que existe hoje, no Brasil, uma tendência a relacionar os sentimentos de nacionalismo e o patriotismo à Ditadura Militar (COLBAND)⁷¹, o que enfraquece o engajamento popular não só na política nacional, como também em grandes

⁷⁰ Entrevista concedida à autora. Ver Entrevista 04, Anexos – Parte II.

⁷¹ Data do artigo não discriminada. Disponível em: <http://www.colband.com.br/ativ/nete/cida/linh/linha2003/4bim/2h2/texto3.htm>. Acesso: 17/02/2013.

eventos como as Olimpíadas, justamente por tocar na ferida de um período de repressão política que os brasileiros não gostam de lembrar. Outros autores, como Roberto Da Matta, afirmam que o fato de o sentimento nacionalista ter sido forjado inicialmente por uma elite política imperial, sem a participação das camadas populares da sociedade, explica a apatia brasileira no engajamento político e em grandes eventos de promoção da imagem do país (ALUNOS ON LINE)⁷².

No caso chinês, ocorre justamente o contrário. O engajamento popular nos Jogos de Beijing foi marcado pelo “entusiasmo e patriotismo com a realização deste sonho de muitos anos, que significou o levantamento do povo chinês no mundo e mostrou a capacidade da China de realizar o maior evento esportivo mundial” (CHEN, 2013).

No Brasil esse engajamento não acontece da mesma forma. Só para se ter uma ideia, em uma pesquisa feita na internet que questionava a aprovação dos Jogos entre a população brasileira, 90% dos 632 participantes se posicionaram contra a realização do evento no Rio (SEMPRE À MÃO, 2012)⁷³. Esses internautas defendiam que, ao invés de gastar bilhões de reais com as Olimpíadas, o Governo deveria se preocupar em investir em setores ainda precários no país, como saúde e educação.

Parece que a população brasileira está menos preocupada em projetar a imagem nacional perante os estrangeiros do que a China esteve. Na China, vigorava um sentimento coletivo de mostrar o crescimento do país, ainda naquela ideia de que a China teria se superado do “século de humilhações que sofrera (BUSSCHE, 2013). No centro da preocupação dos brasileiros, ao contrário, está a resolução de problemas que afetam o dia-a-dia de cada um, individualmente.

Isso não significa que os chineses não estejam preocupados em resolver os problemas internos, ou que os brasileiros não se preocupem com a imagem internacional do seu país. São apenas formas culturalmente diferentes de manifestar o nacionalismo (BUSSCHE, 2013), como assinalou Bussche:

Eu não diria que o nacionalismo brasileiro é fraco. Eu acho que há uma diferença em relação à forma com que o brasileiro presta o seu nacionalismo, e também em relação às raízes ideológicas do nacionalismo brasileiro e às

⁷² Data do artigo não discriminada. Disponível em: <http://www.alunosonline.com.br/historia-do-brasil/construcao-nacao-brasileira.html>. Acesso: 17/03/2013.

⁷³ Disponível em: <http://sempreamao.blogspot.com.br/2012/08/89-dos-internautas-nao-aprovam-as.html>. Acesso: 17/03/2013.

raízes ideológicas do nacionalismo chinês, e a forma como os chineses prestam o seu nacionalismo. (BUSSCHE, 2013)

Essa maior preocupação pontual com as questões sociais mostra que a população brasileira não é menos nacionalista que a chinesa. Talvez por estarem expostos a matérias que criticam os feitos e decisões do Governo a todo o momento, por estarem cientes de diversos escândalos políticos que na China são deveras abafados pelo PCC, os brasileiros tenham uma aceitação das Olimpíadas diferente da que tiveram os chineses. Essas características e a visão crítica estiveram visíveis na cobertura brasileira dos Jogos de Beijing e estarão, certamente, presentes na cobertura brasileira dos Jogos do Rio de Janeiro.

4.2 Cobertura brasileira dos Jogos de Beijing: o abismo em relação à cobertura oficial chinesa

É importante analisarmos a cobertura brasileira dos Jogos de Beijing para entendermos melhor as diferenças culturais que imperam entre os dois países, o que pode nos levar a uma maior compreensão das próprias relações entre a China e o Brasil. E também, a partir da percepção das diferenças em relação à cobertura chinesa, poderemos ter uma noção maior de como os jornalistas brasileiros abordam o tema da liberdade de imprensa através do contraponto entre os limites que um regime autoritário impõe à liberdade de expressão - no caso chinês - e a liberdade que existe no caso brasileiro. Escolhemos para análise a cobertura de dois dos maiores veículos de mídia *online* no Brasil: o G1, que é o site de notícias da TV Globo, e o site do jornal O Globo, veículos cujo peso equivale ao do CCTV e do China Daily na China, respectivamente.

Seria impossível falar em imprensa brasileira e não lembrar do peso do jornalismo esportivo no país. Se pararmos para pensar, o Brasil não faz parte do clube dos países mais premiados nas Olimpíadas em geral. Por exemplo, em 2008, quando teve um dos melhores desempenhos olímpicos de sua história - ocupou apenas o 22º lugar no *ranking* de medalhas (UOL, 2008)⁷⁴, ou seja, está longe de ser considerado uma potência olímpica. Mas mesmo assim o povo brasileiro dá uma grande audiência aos grandes eventos esportivos. De fato, durante os Jogos de Beijing, o desempenho dos atletas brasileiros e estrangeiros em geral foi a

⁷⁴ Disponível em: <http://olimpiadas.uol.com.br/historia-das-olimpiadas/pequim-2008/>. Acesso: 14/02/2013.

pauta diária nas redações brasileiras (ALENCAR, 2013), como sempre ocorreu na história da cobertura olímpica nacional. Na entrevista concedida para este trabalho, o correspondente internacional do Sportv na China, Edgar Alencar, contou um pouco de sua experiência na cobertura de Beijing 2008, quando trabalhava dentro da redação no Brasil:

Minha experiência pessoal na cobertura dos Jogos de 2008 ficou absolutamente restrita aos resultados brasileiros. A rotina da cobertura eram os plantões da madrugada a espera de vagas nas finais e mesmo medalhas. (...) Este é só o retrato de uma redação, considerando que eu trabalho para um canal exclusivamente esportivo. Assim, a cobertura do Brasil não nos exigiu qualquer aprofundamento maior nos outros aspectos do evento na China que os de competição. (ALENCAR, 2013)

Mas para além do esporte, a China por si só já dava margem a diversas pautas no jornalismo ocidental. Porque, ao mesmo tempo em que a imprensa chinesa buscou mostrar a evolução do país em todos os sentidos, a imprensa internacional - e, portanto, o Brasil - buscava fazer com que o leitor conhecesse cada vez mais o gigante asiático. O ineditismo de uma Olimpíada na China abriu um leque de possibilidades de pautas, sobretudo no tocante à questão cultural (ALENCAR, 2013). Vejamos um primeiro exemplo:

A cidade de Pequim, que se prepara para receber visitantes do mundo todo durante as Olimpíadas de 2008, já corrigiu ou trocou, desde o ano passado, 6.530 placas de orientação e de localização nas ruas da cidade. Elas tinham instruções escritas em um inglês incompreensível. (...) Alguns casos são cômicos, outros são enigmáticos. Há ainda aqueles capazes de deixar qualquer turista embaraçado ou até preocupado, como o restaurante que oferece "fried crap" (fezes fritas) e o local de eventos para minorias étnicas rebatizado de "Racist Park" (Parque Racista). (...) Serão inspecionados 129 museus e inúmeros restaurantes, que, além do já citado "fried crap", estão oferecendo pratos como "cow bowel in sauce" (intestino de vaca no molho), "corrugated iron beef" (bife de ferro ondulado) e "acid food" (comida ácida). (G1, 2007)⁷⁵

E um segundo:

Milhares de casais chineses estão marcando seus casamentos para o dia 8 de agosto, para coincidir com a data de abertura dos Jogos Olímpicos de Pequim, segundo informa a mídia estatal da China. O número 8 também traz boa sorte, segundo a crença tradicional chinesa, e o oitavo dia do oitavo mês do ano 2008 é considerado especialmente propício. As autoridades chinesas prometeram conceder licenças de casamento para todos os casais que a pedirem para esta data. No início do mês, a China já havia relatado um aumento no número de recém-nascidos batizados de Aoyun, que significa

⁷⁵ Ver Notícia 11, Anexos – Parte I.

Jogos Olímpicos em mandarim. O aumento na popularidade do nome é visto como um sinal de apoio para as Olimpíadas. (G1, 2008)⁷⁶

Como se vê, o exotismo da China para os Ocidentais transforma em notícia os temas mais banais e corriqueiros do dia-a-dia no país. Mas esse exotismo também representou uma armadilha para os jornalistas brasileiros. Por se tratar de um universo cultural totalmente diferente, os jornalistas brasileiros e estrangeiros em geral já chegaram na China com um pensamento repleto de estereótipos, conforme as palavras de Bussche:

Eu concordo com o que foi escrito na mídia brasileira, de que havia censura, havia questões que envolviam direitos humanos, mas eu acho que a mídia brasileira não colocou isso num contexto apropriado, quer dizer, isso apenas serviu para reforçar os estereótipos da China. Eu acho que não houve um esforço, talvez pelo fato de não haver conhecimento por parte dos jornalistas, de olhar outras questões referentes aos jogos e à China e colocar essas questões de direitos humanos, de nacionalismo... poderiam ter falado mais do desenvolvimento de Pequim, por exemplo. (BUSSCHE, 2013)

Do ponto de vista do humanismo e da noção de democracia vigente no Ocidente, centrada no valor da liberdade, muitos aspectos da vida política chinesa - como a censura, o regime autoritário, o desrespeito aos direitos humanos etc. (BUSSCHE, 2013) - podem, sem sombra de dúvidas, ser vistos como condenáveis. Daí a ênfase da imprensa brasileira no tom de denúncia presente nos comentários sobre a realidade chinesa. De acordo com o depoimento do jornalista Edgar Alencar, houve uma preocupação por parte de grandes veículos de mídia brasileiros - como a Rede Globo, por exemplo - de treinar toda a equipe de jornalistas que seriam enviados para cobrir os Jogos. Nas palavras dele:

Vários veículos já tinham correspondentes *in loco* meses e até anos antes das Olimpíadas se preparando para a cobertura. Não tenho dúvidas em afirmar que essa "infiltração" fez toda a diferença. (...) A China se preparou por décadas para este evento porque sabia da sua grandiosidade e importância estratégica para o cenário internacional. Acredito e vi na prática que colegas jornalistas viajaram sabendo disso. (ALENCAR, 2013)

Tocar nesses assuntos sensíveis ao Governo chinês foi fundamental, inclusive, para que se criasse um debate mais aberto e plural sobre os Jogos de Beijing. A imprensa chinesa oficial voltada para o exterior apresentava sempre uma posição homogênea e sem

⁷⁶ Ver Notícia 12, Anexos – Parte I.

contradições, que refletia o posicionamento do Governo Comunista. O próximo exemplo é um trecho de uma denúncia à falta de liberdade de manifestação:

As forças de segurança detiveram ou mantêm sob vigilância pelo menos oito cidadãos chineses que solicitaram se manifestar nas três áreas designadas para tal, descumprindo assim seu compromisso olímpico. A ONG Chinese Human Rights Defenders (CHRD) culpou neste domingo (17) o governo chinês de descumprir seu compromisso assumido por causa dos Jogos Olímpicos de permitir a liberdade de imprensa e de manifestação. "A China castigou o povo que concedeu entrevistas (a jornalistas) ou solicitou permissões para se manifestar, o que rompe sua promessa de permitir a liberdade de imprensa e as manifestações nas 'regiões de protesto durante os Jogos', disse a organização. (...) Outros oito peticionários foram detidos ou se encontram sob vigilância policial por "perturbar a ordem pública", após terem pedido a autorização para se manifestar nas três regiões designadas por Pequim para tal fim. (...) queriam denunciar em Pequim as corruptelas imobiliárias, expropriações ilegais e abusos policiais dos que são objeto. (G1, 2008)⁷⁷

Trata-se de uma matéria extensa, com dados satisfatoriamente apurados, sobre uma denúncia que a imprensa chinesa não fez. Em se tratando de mídia chinesa, liberdade de expressão, especialmente no conceito que temos no Brasil pós-Ditadura, ampla e irrestrita, é algo que não existe na China (ALENCAR, 2013), por isso falar sobre assuntos sensíveis ao regime é, para um jornalista chinês, extremamente perigoso. Nas palavras do próprio Alencar: na China, “a relação entre meios de informação e Estado é muito mais próxima, quase visceral.” O jornalismo brasileiro tentava então, nos Jogos de 2008, dar corpo ao debate democrático e, nesse caso, foi bem sucedido.

Mas isso não significa que os brasileiros - e também os outros jornalistas estrangeiros - não tenham cometido falhas na contextualização das matérias. Pelo fato de a China se tratar de um universo sociocultural e político completamente diferente do nosso, muitos jornalistas brasileiros deixaram os estereótipos e os jargões chineses interferir nas reportagens sobre os Jogos de Beijing (BUSSCHE, 2013), o que por um lado resultou em algumas pautas não suficientemente apuradas, como mostra o exemplo seguinte:

A China expressou nesta quinta-feira (7) sua "enérgica oposição" a qualquer intervenção em seus assuntos internos depois de um discurso do presidente George W. Bush sobre as liberdades na China. "Nós nos opomos energicamente a qualquer declaração ou ação que interfira nos assuntos internos em nome dos direitos humanos ou da religião", declarou o porta-voz do ministério das Relações Exteriores, Qin Gang, no site da chancelaria. Nesta quinta-feira, poucas horas antes de partir de Bangcoc, na

⁷⁷ Ver Notícia 13, Anexos - Parte I.

Tailândia, para Pequim, onde já chegou e verá a abertura dos Jogos, o presidente americano manifestou sua "profunda preocupação com a liberdade religiosa e os direitos humanos na China". (G1, 2008)⁷⁸

Erros e acertos à parte, os jornalistas brasileiros, para além das denúncias às mazelas do Partido Comunista, também foram a Beijing falar bem da China, em uma visão de admiração e, ao mesmo tempo, espanto com os avanços do país e com a belíssima cerimônia de abertura:

A festa da maior edição das Olimpíadas, com 205 países, durou quatro horas e dez minutos e foi grandiosa. Os chineses mostraram ter tido a preocupação em passar a idéia de harmonia, capacidade e riqueza de seu país e seu povo. Um dos recursos mais impressionantes foi o do pergaminho gigante com ideogramas chineses que se abria e se fechava no palco - num show de luzes e efeitos visuais - para retratar aspectos da história milenar da China. (O GLOBO, 2008)⁷⁹

Mais um exemplo:

A história das Olimpíadas modernas ganhou um capítulo novo e exuberante, uma festa absolutamente fantástica. Os 91 mil lugares do ninho do pássaro foram insuficientes para tanta gente disposta a assistir à cerimônia. (...) Diplomacia em jogo. As duas superpotências no esporte deixam de lado a rivalidade para fazer juras de amor. Os anfitriões entraram no espírito olímpico, satisfação de quem abriu as portas de casa para receber o mundo. É tanta beleza que os olhos não sabem para onde olhar. As mãos falam por si, o sorriso diz tudo. É mesmo de se espantar, uma revoada para dentro e para fora do ninho, marcada por uma sinfonia de luzes. Platéia eletrizada, iluminada. Festa de cair o queixo, impecável! (G1, 2008)⁸⁰

E não poderia ser diferente, afinal 2008 foi a primeira vez na história em que A China abriu sua porta da frente, por assim dizer, para toda a mídia internacional (ALENCAR, 2013). O compromisso da imprensa brasileira, nesse sentido, ia além da cobertura esportiva e das questões sensíveis como o Tibete e os direitos humanos. Por se tratar de uma novidade interessante para os leitores (ALENCAR, 2013), muitos jornalistas buscaram mostrar as curiosidades da China em suas pautas. Nas palavras do próprio Alencar:

Assim como me lembro de reportagens que levantavam as relações diplomáticas complicadas do país sede com Taiwan, Japão e Estados Unidos,

⁷⁸ Ver Notícia 14, Anexos - Parte I.

⁷⁹ Ver Notícia 15, Anexos - Parte I

⁸⁰ Ver Notícia 16, Anexos - Parte I.

vi com muita clareza como os repórteres brasileiros e de todo lugar noticiando diariamente o esforço acolhedor de um povo ainda desacostumado com tanto contato estrangeiro. (ALENCAR, 2013)

Tanto a cobertura brasileira quanto a cobertura chinesa das Olimpíadas tiveram um ponto em comum: as pautas sobre choques culturais. Os brasileiros se empenharam em mostrar os costumes, os problemas com a língua, a culinária etc., e os chineses tentaram reproduzir, através dos veículos, o fascínio com tantos visitantes de lugares diferentes (ALENCAR, 2013). Sobre esse choque cultural podemos citar um exemplo:

Os estrangeiros geralmente se surpreendem com perguntas indiscretas que os chineses costumam fazer em seu dia-a-dia, e por isso no centro da capital foram pendurados cartazes para prevenir os cidadãos locais sobre o tamanho de sua curiosidade durante os Jogos Olímpicos. Os cartazes explicam que, para os ocidentais, é de mau gosto que um desconhecido lhe pergunte quanto ganha por mês, quantos anos tem e se é casado. Essas três perguntas, obedecendo à ordem, são correntes nas primeiras conversas entre chineses, e também são utilizadas quando estes dialogam com estrangeiros, alguns dos quais se surpreendem e inclusive ficam incomodados, ainda de acordo com as explicações do cartaz. (G1, 2008)⁸¹

Uma parte importante da cobertura brasileira foi a tentativa de mostrar o lado “B” dos Jogos, os bastidores que a imprensa chinesa não mostrou. Um caso interessante foi o da menina que cantou embaixo do palco da cerimônia de abertura. Nos holofotes da performance, os organizadores colocaram uma menina que fingia cantar, pelo fato de ela ser considerada mais “bonita”, mas a voz real era a da criança escondida. Esse caso, depois de descoberto, decepcionou a comunidade internacional. O G1 reportou, mas a CCTV não:

Nesta quarta (13) blogueiros enfurecidos protestaram diante da decisão da China de usar na cerimônia de abertura das Olimpíadas de Pequim uma menina bonita como cantora, mas com a voz dublada por outra menina cujos dentes são tortos. Muita gente diz que se sente trapaceada por um dos momentos mais tocantes da elogiada cerimônia de abertura ter sido forjado. "Eu francamente acredito que isso seja repelente. Sério, são crianças de sete e nove anos de idade! Tão jovens!", escreveu uma adolescente furiosa de Nova York em seu blog. Lin Miaoke, de 9 anos, foi elogiada por seu belo desempenho, mas os organizadores admitiram que ela era apenas uma substituta fotogênica para a verdadeira cantora, Yang Peiyi, rejeitada para aparecer diante das câmeras devido à sua aparência. "Acho triste que eles tenham arruinado uma cerimônia de outro modo tão maravilhosa com essas falsificações", outro blog argumentava. (G1, 2008)⁸²

⁸¹ Ver Notícia 17, Anexos – Parte I.

⁸² Ver Notícia 18, Anexos – Parte I.

Outro caso polêmico foi a retirada de habitantes de determinadas áreas que seriam utilizadas para a construção de infraestrutura olímpica. Muitos residentes ficaram extremamente chateados porque seus bairros acabaram sendo completamente destruídos para que fossem erguidos novos prédios para as Olimpíadas (BUSSCHE, 2013). A população foi às ruas reclamar da pequena indenização, dos prejuízos que as Olimpíadas trouxeram para os negócios deles, entre tantas outras reclamações, como mostraram duas matérias do G1:

Segundo testemunhas, um grupo de entre 20 e 50 desabrigados fez um protesto pacífico ao sul da praça, no bairro de Qianmen, que nos últimos anos foi demolido para ser transformado em área comercial e de negócios que hoje inclui cafeterias Starbucks e lojas da Nike e da Rolex. Os manifestantes "protestam porque não querem aceitar a indenização oferecida por suas casas, mas continuar vivendo nelas", disse à Agência Efe um morador ligado à organização do protesto.⁸³

Um aviso misterioso apareceu ao lado das lojas em 17 de julho, impresso em papel branco e assinado por ninguém. Trazia o texto: "Visando manter a exigência do governo de arrumar o ambiente olímpico, um muro deverá ser construído ao redor do número 93 da Estrada Tianqiao Sul." Na manhã seguinte, diversos pedreiros apareceram com uma escolta policial. Agora o muro esconde um pequeno vale de empreendedorismo, onde muitas famílias migrantes vendem meias, mochilas, calças, macarrão e kebabs de shish cozidos em sopa apimentada. Zhao Fengxia, um vizinho proprietário de três lojas, diz acreditar que os oficiais estavam usando o embelezamento olímpico como pretexto para estrangular seu negócio e pressioná-los para saírem. (G1, 2008)⁸⁴

O último caso que vamos retratar talvez seja o mais polêmico. Como já mencionamos anteriormente, às vésperas do evento, quando a tocha Olímpica dava a volta ao mundo, diversos protestos contra o desrespeito aos direitos humanos e pró-Tibete ocorriam em várias capitais estrangeiras. Isso fez com que houvesse também protestos de nacionalismo popular em geral, e um grande protesto em frente ao Carrefour de Beijing, por exemplo (BUSSCHE, 2013). E durante a belíssima e esplêndida cerimônia de abertura, muitos protestos ocorreram no mundo todo:

Do Nepal a Londres, passando por Ancara e Hong Kong, a situação dos direitos humanos na China foi denunciada nesta sexta-feira (8) em todo o mundo, coincidindo com a abertura oficial dos Jogos Olímpicos de Pequim. Enquanto milhões de pessoas no mundo assistiam à cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos, que começou exatamente às 20h08 locais (9h08 de Brasília), inúmeros protestos contra as supostas violações dos direitos

⁸³ Ver Notícia 19, Anexos – Parte I.

⁸⁴ Ver Notícia 20, Anexos – Parte I.

humanos cometidas pelo governo chinês ocorreram em dezenas de países. (...) "Queremos mostrar aos milhões de pessoas que vão assistir à cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos e aos centenas de atletas que no Tibete não existem os direitos humanos", afirmou Tashi Tsering, estudante tibetano.(G1, 2008) ⁸⁵

No tocante à cobertura das Olimpíadas de Beijing, quando o jornalismo brasileiro se referia à China, intrinsecamente falava também do Brasil - pela semelhança dos momentos vividos pelos dois países - e da maneira como o Brasil se vê face à China. A imprensa do Brasil denunciou problemas com os quais o próprio Brasil convive, como corrupção, concentração de renda etc. E no tocante a questões em que o Brasil é mais desenvolvido, como democracia e liberdade de expressão, os jornalistas não pouparam críticas:

O Partido Comunista quis impressionar o mundo com a pujança de uma nação emergente e mostrar aos chineses que o planeta os respeitava. Durante os 16 dias (8 a 24 de julho), o show distraiu a atenção da população de problemas como corrupção, arbitrariedades, falta de preservação ambiental e desigualdade de renda. Pela primeira vez, a China teve de abrir suas fronteiras a qualquer cidadão que possuísse uma credencial olímpica. No entanto, o controle do governo sobre o Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos de Pequim-2008 foi total, com o ex-prefeito (nomeado pelo PC) Liu Qi no comando. Havia apenas dois funcionários estrangeiros: um húngaro e um senegalês. Às vezes, o Comitê Olímpico Internacional (COI) se via obrigado a intervir. O Serviço de Notícias Olímpicas se transformou em rara exceção. Foi terceirizado para a empresa holandesa Infostrada. Afinal, os chineses não são o que se pode chamar de especialistas em liberdade de informação. (O GLOBO, 2012)⁸⁶

E quando criticava fortemente a repressão aos direitos humanos vivenciada durante o evento, a imprensa brasileira criava um ponto de distinção entre os dois regimes, de modo a elogiar-se, enquanto país mais democratizado.

A menos de duas semanas da abertura dos Jogos Olímpicos de Pequim, a China utiliza o evento para reforçar sua repressão contra os defensores dos direitos humanos e expulsar os "indesejáveis" de Pequim, lamentou nesta segunda-feira (28) a organização Anistia Internacional (AI). "As autoridades utilizaram os Jogos como pretexto para intensificar as medidas e as práticas existentes que levaram a violações freqüentes dos direitos humanos", considerou a Anistia em um relatório apresentado nesta segunda-feira em Hong Kong. (G1, 2008)⁸⁷

⁸⁵ Ver Notícia 21, Anexos – Parte I.

⁸⁶ Ver Notícia 22, Anexos – Parte I.

⁸⁷ Ver Notícia 23, Anexos – Parte I.

Em outras palavras, a interpretação brasileira do momento chinês serve, ao mesmo tempo como inspiração para o futuro momento brasileiro, em 2016, e também para se posicionar mais favoravelmente perante a comunidade internacional. Entender a forma como a mídia chinesa se posicionou perante o mundo é, nesse sentido, entender como um membro dos BRICS se posicionaria na mesma situação - excetuando as diferenças políticas e culturais - e, portanto, uma primeira previsão do que o Brasil vai viver em 2016, como veremos melhor no ponto a seguir.

4.3 Perspectivas da mídia brasileira para 2016

Gilberto Freyre afirmou pela primeira vez em 1944 que o Brasil poderia se transformar numa China tropical (FREYRE, 2003), não pelo seu comunismo, mas pelo constante crescimento de sua independência. Dadas as semelhanças nos processos de desenvolvimento do Brasil e da China, já citadas anteriormente, é inevitável que surjam as mais diversas comparações no tocante à recepção dos Jogos Olímpicos.

Embora Londres tenha sido a última cidade a sediar o evento, em 2012, é mais provável que o padrão de referência para elogiar ou criticar os Jogos no Rio de Janeiro seja Beijing. Porque a capacidade de Londres de organizar um evento bem-sucedido jamais foi questionada pela comunidade internacional, até porque não foi a primeira vez que a cidade foi anfitriã. Mas no caso dos BRICS Brasil e China, essa capacidade foi questionada muitas vezes, por serem países em desenvolvimento, com diversos problemas sociais, entre outros. De acordo com Alencar:

[A China] é o país que pode servir como comparativo mais recente de uma edição das Olimpíadas fora do primeiro mundo se forem consideradas as mais recentes, mas há também a inevitável questão de ser uma economia de estado, com uma realidade política abissalmente diferente da brasileira. (ALENCAR, 2013)

Olhando de dentro para fora, ao ver as conquistas do país vermelho, o Brasil pode dimensionar suas próprias capacidades: repetir os aspectos bem-sucedidos e melhorar os aspectos mal-sucedidos. Como diria Clifford Geertz em *Os usos da diversidade*, são as lacunas e assimetrias entre mim e o outro que me fazem perceber meu lugar no mundo, e obscurecê-las significaria negar a possibilidade de mudança de pensamento:

‘Compreender’, no sentido da compreensão, da percepção e do discernimento, precisa ser distinguido de “compreender” no sentido da concordância de opiniões, da união de sentimentos ou da comunhão de compromissos; há que distinguir o *je vous ai compris* que De Gaulle proferiu do *je vous ai compris* que os *pieds noirs* ouviram. Devemos aprender a apreender o que não podemos abraçar. (GEERTZ, 2001: 84)

De acordo com o ex-jornalista chinês Chen Jiaying, existem muitos parâmetros de comparação entre o Brasil e a China, neste momento olímpico que os dois países vivem:

“Primeiro porque os dois países possuem as condições necessárias para sediar o evento, senão não conseguiriam ganhar o voto suficiente para a escolha. Segundo porque os dois países estão marchando rumo a uma etapa do desenvolvimento econômico mais avançado como o termo “emergente” manifesta, com o poderio econômico cada vez mais crescente e o nível de vida da população cada vez mais elevado. Terceiro porque o peso político dos dois países, tanto no cenário regional, como no mundial, torna-se cada vez maior com a participação ativa na solução das questões internacionais.” (CHEN, 2013)

Algumas comparações serão quase que obrigatórias, não só com Beijing, mas também com outras cidades olímpicas. Soluções urbanas, construções de centros e legado olímpico, condições de trabalho jornalístico - internet, sala de imprensa, acomodação - transportes, hotéis e segurança serão, sem sombra de dúvidas, parâmetros de comparação. Mais especificamente no caso da comparação do Rio com Beijing, o fato de serem duas cidades até então fora do mapa principal dos atletas olímpicos provavelmente seja bastante lembrado (ALENCAR, 2013).

Para Alencar, já pairam dúvidas na comunidade internacional sobre a capacidade do Rio de suportar todos esses problemas: “Pela minha experiência, já posso assegurar que há um temor dos jornalistas especialmente europeus e australianos quanto ao sucesso do Rio de Janeiro, assim como houve antes dos Jogos de Pequim.” (ALENCAR, 2013)

Já para Bussche, temos não só no Brasil, mas também nos Estados Unidos e na Europa, uma tendência de publicar artigos extremistas - ame ou odeie - sobre a China. Ou eles focam na poluição, nos problemas políticos e abusos de direitos humanos, ou eles mostram os avanços e esforços de modernização e desenvolvimento da China. Nas palavras dele:

É muito difícil você encontrar, por exemplo, artigos que eu iria denominar de “meio-termo”, ou seja, que abordam de forma mais crítica e mais profunda certas questões, que englobem tanto o lado positivo quanto o negativo, mas

que contextualizam muito melhor o que está acontecendo. (BUSSCHE, 2013)

O autor acredita que, no caso brasileiro, a cena vai se repetir. O Brasil estará no foco da mídia internacional e será fortemente criticado, para o bem ou para o mal. E não necessariamente essa crítica será fidedignamente contextualizada. Então os artigos que serão publicados sobre as Olimpíadas de 2016 pela imprensa estrangeira provavelmente estarão repletos de estereótipos criados sobre o Brasil (BUSSCHE, 2013).

No campo político, no entanto, não há uma grande tendência de comparação entre Brasil e China, exatamente pelo Brasil dispor de um regime democrático, em que vigora a liberdade de expressão, enquanto a China vive um regime autoritário comunista. Nesse sentido, o Brasil não chama tanta atenção no cenário internacional, porque já goza de um status de democracia que condiz com os padrões de modernidade ocidentais. De acordo com Alencar:

Se a China levantava pautas obrigatórias e automáticas quanto à situação político-econômica do país, qual a relação comunismo x capitalismo no cotidiano de consumo e meios de produção, o caso do Brasil me parece bem menos interessante do ponto de vista do público que lê e assiste notícias olímpicas. (ALENCAR, 2013)

Ainda de acordo com esse autor, assim como as pautas brasileiras e chinesas - em Pequim 2008 - cruzaram-se na medida em que tratavam de questões como o choque cultural, há uma tendência de que esse fator comum se repita nas Olimpíadas do Rio de Janeiro. O “exotismo” do Brasil será, provavelmente, retratado à exaustão pela imprensa internacional. E a eficiência dos serviços, como já falamos, não só será um desafio para o Brasil, como também será massivamente criticada. Segundo o jornalista:

Assim como na capital chinesa, em 2008, os repórteres também vão explorar exaustivamente os aspectos culturais, culinários e linguísticos do Brasil e da América do Sul, que ainda hoje são um planeta à parte para grande parte do mundo, o que pode soar ofensivo a olhos e ouvidos brasileiros, mas é uma verdade inquestionável. (ALENCAR, 2013)

O que se pode depreender de tudo isso é que o Brasil vive um momento pelo qual a China já passou. Muitos altos e baixos contornaram a Olimpíada chinesa. Nos altos estão a magnífica organização e eficiência das instalações; nos baixos ficam a repressão aos direitos

humanos e à imprensa interna e externa, e os gastos excessivos que se tornaram elefantes brancos.

Outros problemas dessa ordem irão à tona nos Jogos do Brasil. E, no caso do país sulamericano, nem a imprensa internacional, muito menos - diferentemente da China - a própria imprensa brasileira, pouparão críticas ao acontecimento. A análise do abismo entre as duas coberturas dos Jogos de Beijing nos ajuda, portanto, a prever o que pode acontecer no Brasil e, sendo assim, serve como espelho para que o país latino não repita os mesmos erros, mas siga a China nos acertos.

5. CONCLUSÃO

Os esforços do Governo chinês no intuito de realizar as maiores Olimpíadas da história, de fato, renderam frutos positivos para a China. O gigante asiático, outrora adormecido, mostrou ao mundo todo seu potencial com o sucesso dos Jogos de 2008 e, desde então, vem consolidando cada vez mais sua posição entre as maiores potências globais. De fato, essa nova imagem da China foi promovida pela mídia internacional, mas também contou com a participação expressiva da mídia chinesa.

Ao sugerir ou publicar pautas que expressassem todos os pontos positivos da organização do evento ou, ainda, ao tentar atenuar questões polêmicas ao regime e fortemente criticadas pelo Ocidente - direitos humanos, censura e tantas outras - a imprensa chinesa oficial voltada para o exterior apresentava a contrapartida chinesa, ou seja: a interpretação chinesa dos fatos condenáveis aos olhos do ocidente. Sutilmente defendendo o Governo Comunista, esses jornalistas tentavam reduzir o fardo da repressão vivenciada em um regime autoritário, dentro de um país em constante expansão.

Essa cobertura diferiu da cobertura do Brasil, já que os jornalistas brasileiros não tiveram qualquer receio em publicar sobre qualquer assunto, criticando o quanto desejassem. Mas não só de críticas consistiram essas matérias. Os brasileiros também fizeram questão de demonstrar sua admiração pelas conquistas ostentadas pela China, sobretudo na ocasião da cerimônia de abertura de Beijing 2008. Pautas sobre choque cultural, reforçando ou desmentindo estereótipos chineses, também enriqueceram o leque de assuntos abordados pela imprensa do Brasil.

Compreender as principais discrepâncias entre os dois contextos midiáticos e políticos nos leva a prever o que se pode esperar da cobertura brasileira dos Jogos de 2016. Os jornalistas brasileiros certamente não deixarão de criticar a administração e organização do próprio Governo, porque não são porta-vozes, nem - até onde se acredita - aliados do mesmo. Da mesma forma, assim como ocorreu com a China, a imprensa internacional também não deixará de criticar a organização do evento. Mas apesar de ser marcado por corrupção, o regime político brasileiro não é muito criticável, do ponto de vista democrático.

Considerando as semelhanças nos processos de crescimento dos dois países - que são os dois mais fortes membros dos BRICS, 2ª e 7ª economias do mundo, lideranças regionais e os dois primeiros países em desenvolvimento a sediar uma Olimpíada no século

XXI - é interessante perceber como o jornalismo brasileiro se viu através da China na cobertura dos Jogos de Beijing. Quando criticava a repressão política, salientava sua superioridade democrática; e quando elogiava a organização do evento, sentia-se desafiado a conquistar o mesmo espaço, em um futuro próximo.

Entendemos que seria impossível para o Ocidente - e, portanto, para o Brasil - não reconhecer o crescimento chinês. Só o fato de a comunidade internacional ter escolhido o país para sediar os Jogos - mesmo sabendo dos problemas políticos e sociais internos - já é uma prova desse reconhecimento. Da mesma forma, o sucesso da organização do evento não foi questionado nem pelos líderes internacionais, nem pelos jornalistas.

A polêmica na imprensa de fora se concentrou nas questões em que a China evoluiu pouco, todas relativas ao caráter autoritário da administração do PCC. Ao passo que cresce economicamente, a repressão política continua. Os estereótipos que são associados a essas características do regime chinês, portanto, pouco mudaram. O que mudou foi a concepção da China enquanto país em desenvolvimento: tamanho foi o crescimento econômico, que a China passou a representar uma ameaça à atual ordem global.

Apesar de os esforços da imprensa oficial chinesa em construir uma identidade de potência para o país terem sido extremamente bem sucedidos, essa imprensa não conseguiu mudar a visão que o Ocidente tem da China em relação à política e ao respeito às liberdades individuais. De fato, as Olimpíadas trouxeram algumas melhorias na questão da liberdade de expressão na China, ainda que a mesma esteja longe de ser plena.

A atenção voltada para a China nos jornais internacionais e a presença de jornalistas estrangeiros no país forçou o Governo Comunista a diminuir o controle – ainda que não suficientemente. Mas daí a acreditar que a democracia esteja próxima, cremos que isso seja um pouco utópico. Pois enquanto a China mantiver esse enorme ritmo de crescimento, o PCC vai continuar encontrando diferentes maneiras de legitimar seu poder dentro do país e, ao mesmo tempo, tentando evitar que os estrangeiros interfiram nessas questões.

O alcance deste trabalho está restrito ao período que envolve os momentos pré e pós Olimpíadas de 2008 e 2016, mas é fundamental que a pesquisa na área de imprensa chinesa seja aprofundada no Brasil, dada a importância da China para o próprio desenvolvimento brasileiro. Seria interessante, no pós-2016, verificar como se deu, de fato, a cobertura das Olimpíadas do Rio de Janeiro pela comunidade internacional, pelo Brasil e pela própria China, não só para concretizar a previsão, mas também para manter vivo o debate nessa área.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

6.1 Livros e publicações

ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989, 9 - 93.

BECARD, Daniela. *O que esperar das relações Brasil - China? Departamento de Relações Internacionais*. Brasília: Universidade de Brasília, 2011.

BROOMFIELD, Emma. Perceptions of danger: the China threat theory. IN: *Journal of contemporary China*. Cambridge, MA: Taylor & Francis, 2003, 265-284

BUTTERWORTH, Michael. *Do You Believe in nationalism? American patriotism in miracle*. IN: *Examining identity in sports media*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 2010, 133 - 150.

CABESTAN, Jean-Pierre. *China's new diplomacy: old wine in a new bottle?*. IN: *China's foreign relations*. Londres: Routledge, 2010, 1 - 10.

CABRAL, Severino. *O Diálogo Brasil-China: perspectivas para o século XXI*. In Bellucci, Beluce. *Abrindo os olhos para a China*. Rio de Janeiro: Centro de Estudos Afro-Asiáticos – CEAA, 2004, 297-316.

CLEARY, Thomas. *O essencial do Tao*. São Paulo: Best Seller, 1991.

COX, Michael. *21st century power shift? Myths, realities and economists*. Department of International Relations. Londres: London School of Economics, 2011.

DA MATTA, Roberto. *A questão da cidadania num universo relacional*. IN: *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e a morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997, 46 - 68.

DAPENG, Jin; LJUNGQVIST, Arne; TROEDSSON, Hans. *The health legacy of the 2008 Beijing Olympic Games: successes and recommendations*. Geneva: WHO World Health Organization, 2010.

GEERTZ, Clifford. Os Usos da Diversidade. In: GEERTZ, Clifford. *Nova luz sobre a Antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, 68-85.

GIESE, Karsten. *Speaker's Corner or Virtual Panopticon: Discursive Construction of Chinese Identities Online*. In: MENGIN, Françoise. *Cyber China*. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2004, 19 - 34.

GOULART, Ana Paula. *A mídia e o lugar da história*. 2003. IN: HERSCHMANN, Micael

GRIES, Peter. *China's new nationalis: pride, politics and diplomacy*. Berkeley, CA: University of California Press, 2004, 116 - 150.

HALL, Stuart. *Quem precisa de identidade?* In: SILVA, Tomaz Tadeu. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, 103-133.

INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE. *Games of the XXIX Olympiad, Beijing 2008 - Final Report of the Coordination Commission*. Lausanne: IOC, 2009.

INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE. *Official Report of the Beijing 2008 Olympic Games - Documents and Analysis: Passion Behind the Bid*. Vol.1,. Beijing: BOCOG, 2010.

INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE. *Official Report of the Beijing 2008 Olympic Games – Ceremonies and Competitions: Celebration of the games*. Vol.2. Beijing: BOCOG, 2010.

JABBOUR, Elias. *Projeto nacional, desenvolvimento e socialismo de mercado na China hoje*. Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010, 88 - 122.

LESSA, Carlos. *Nação e nacionalismo a partir da experiência brasileira*. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008, 237 - 255.

MARTIN, Michael. *China's economy and the Beijing Olympics*. Congressional Research Service, 2008

MORENA, Fernanda. *Break out of Asia and advance into the world: The 2008 Olympics – what have the Games demanded from China's Foreign Policy and Nationalism*. Contemporary China Studies. Beijing: Renmin University of China, 2010.

NATIONAL BUREAU OF STATISTICS OF CHINA. *China Statistical Yearbook* 2011. Beijing: NBSC, 2011.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. *Mídia, memória e celebridades: estratégias narrativas em contexto de alta visibilidade*. Rio de Janeiro: E-Papers, 2003, 105 - 130.

POMAR, Wladimir. Brasil-China: uma parceria estratégica. In Bellucci, Beluce. Abrindo os olhos para a China. Rio de Janeiro: Centro de Estudos Afro-Asiáticos – CEAA, 2004, 9 - 24.

QUAH, Danny. *The shifting global balance of power. Department of Economics*. Londres: London School of Economics and Political Science, 2011.

SHEI, Chris. *Plagiarism, Chinese learners and Western convention*. Swansea, UK: University of Wales Swansea, 2005.

SPENCE, Jonathan D.. *Em busca da China moderna – Quatro séculos de história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

TONG, Jingrong. *Investigative journalism in China*. Nova Iorque: The Continuum International Publishing Group 2011, 1 - 10; 86 - 109.

UNEP, Division of Communications and Public Information. *Independent Environmental Assessment: Beijing 2008 Olympic Games*. Beijing: UNEP United Nations Environment Programme, 2009.

WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac & Naify, 2006, 123 - 204.

WILHELM, Richard. *I Ching – O Livro das Mutações*, 23ª reimpr. da 1ª Ed.. São Paulo: Pensamento, 2006.

WILSON, Dominic. *Dreaming with BRICs: The path to 2050*. Goldman Sachs: 2003.

XU, Xin. *Modernizing China in the Olympic spotlight: China's national identity and the 2008 Beijing Olympiad*. Beijing: The Editorial Board of the Sociological Review, 2006.

YUAN, Jingtao. *Chinese newspaper coverage of the Beijing Olympic Games: a comparative framing study of chinese media*. School of Journalism and Communication. Eugene, OR: University of Oregon, 2009.

ZANARDI, Brianca. *A imprensa e a liberdade de expressão no Estado democrático de direito: análise da concepção de justiça difundida pelos meios de comunicação em massa*. Curitiba: Instituto dos advogados do Paraná, 2010.

ZHAO, Suisheng. *The Olympics and Chinese nationalism*. Joseph Korbel School of International Studies. Denver, CA: University of Denver: 2008.

ZHENG YI, Wang, Researching international relations in China: from security to international political economy. IN: *China's foreign relations*. Londres: Routledge, 2010, 13 - 21.

6.2 Websites

AFP: <http://www.afp.com/en/home/>

BEIJING 2008 Olympic Games: <http://en.beijing2008.cn/> / Paralympic Games: <http://en.paralympic.beijing2008.cn>

BEIJING 2008 – Torch Relay: <http://torchrelay.beijing2008.cn/en/>

CCTV: <http://english.cntv.cn/01/index.shtml>

CHINA DAILY: <http://www.chinadaily.com/>

CHINA.ORG.CN: www.china.org.cn/english/international/165252.htm

COLBAND: <http://www.colband.com.br/ativ/nete/cida/linh/linha2003/4bim/2h2/texto3.htm>

CRJ ONLINE: <http://portuguese.cri.cn/541/2008/09/25/1s96343.htm>

ESTADÃO: <http://www.estadao.com.br/noticias/esportes-pequim2008,cerimonia-de-abertura-dos-jogos-de-pequim-sera-estrondosa,216334,0.htm>

EXAME: <http://exame.abril.com.br/revista-exame/edicoes/0913/noticias/a-transformacao-de-pequim-m0153607>

EXPRESS INDIA: <http://www.expressindia.com/latest-news/behaviour-during-olympics-china-tells-citizens/331832/>

G1: <http://g1.globo.com/>

GAZETA ONLINE: http://gazetaonline.globo.com/_conteudo/2012/01/noticias/a_gazeta/economia/1103493-cresce-a-procura-por-mandarim.html

GUIA DO ESTUDANTE: <http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/chineses-x-chineses-desafio-unificacao-434055.shtml>

INTERNATIONAL AMNESTY : <http://www.amnesty.org/>

NEW MUSEUM: <http://www.newseum.org/>

NEW MUSEUM: http://www.newseum.org/todaysfrontpages/main_archive.asp

NEW YORK TIMES: <http://www.nytimes.com/2008/08/09/sports>

NOVA DEMOCRACIA: <http://www.anovademocracia.com.br/no-40/1523-brasileiros-nao-confiam-no-monopolio-da-imprensa>

O GLOBO: <http://oglobo.globo.com/>

OLIMPIADAS RIO 2016: <http://www.rio2016.org.br/>

ONLINE ALUNOS: <http://www.alunosonline.com.br/historia-do-brasil/construcao-nacao-brasileira.html>

RADIO INTERNACIONAL DA CHINA: <http://gb.cri.cn/> e <http://portuguese.cri.cn/>

RESERVAER: <http://reservaer.com.br/estrategicos/china.html>

SEMPRE À MÃO: <http://sempreamao.blogspot.com.br/2012/08/89-dos-internautas-nao-aprovam-as.html>

THE GUARDIAN: <http://politics.guardian.co.uk/politicspast/page/0,9067,892902,00.html>

UOL: <http://olimpiadas.uol.com.br/historia-das-olimpiadas/pequim-2008/>

XINHUA: <http://www.xinhuanet.com/english/>

YAHOO! SPORTS: <http://sports.yahoo.com/news/olympics--beijing-s-greatest-show-on-earth-set-the-bar-for-olympic-opening-ceremony-standards.html>

7. ANEXOS

7.1 Parte I – Integra das reportagens citadas no trabalho

NOTÍCIA 01

Título: Protesters ordered away in Beijing

Autor: Cui Xiaohuo

Fonte: China Daily Staff Writer

Data: 06/08/2008

Texto: Beijing--Four protesters, two Americans and two British, were ordered to leave the site when they tried to hang pro-Tibetan independence flags onto a lamppost near the Beichen Bridge, meters away from the Nation Stadium early Wednesday morning, said BOCOG spokesman Sun Weide. Pedestrians noticed the four protesters, three men and one woman, at 5 a.m. and called the police immediately, said Sun. The four gathered at the Beichen Overpass near the National Stadium, or Bird's Nest. Two men climbed up two electricity poles to display the banners, said the police. One banner was written with large black letters "One World One Dream Free Tibet" and another banner read "Tibet will be free".

The police rushed to the scene 12 minutes later and took them away for investigation. The four have entered China on tourist visas, police said. The Olympics is an sports gathering, said the spokesman in a press conference at the MPC. "We object any kind of act that violates the Chinese laws," he told reporters. / Xinhua Contributes to the Story

NOTICIA 02

Título: More world leaders offer congratulations on success of Beijing Olympics

Autor: Editor:Zhang Ning

Fonte: Xinhua

Data: 17/09/2008

Texto: BEIJING, Sept. 17 (Xinhua) -- More leaders of foreign governments and international organizations have sent congratulatory messages in recent days on the success of the Beijing Olympic Games.

UN Secretary-General Ban Ki Moon said China should be proud of the stunning Games it hosted. The Beijing Games is a success of the Olympic principle and ideal, and a success of the practice of "a green Olympics, a High-tech Olympics and the People's Olympics," he said.

The Games was also an important chance for the international community to promote world peace and harmony through enhancing dialogue and mutual trust, he said.

The grand event has drawn together athletes, leaders and people from around the world in celebration of the Olympic spirit, which is a tremendous contribution by China to building a better world, he said.

Israeli President Shimon Peres said the Beijing Olympics is a great unparalleled, stunning event, which has shown to the world a splendid new China.

The Games extended a message of peace and a grand picture of unity, said Peres, noting that the Beijing Games will become a milestone with its famous motto of "One World, One Dream."

The Cold War thinking is destined to be replaced by the warm idea of "harmony," he said.

Kuwaiti Prime Minister Sheikh Nasser al-Mohammad al-Sabah said the Beijing Games excelled in its organizational and preparatory work, which ensured a sound and fair competing environment for the athletes. The Games fully reflected China's progress in its civilization and its competitiveness to seek excellence and realise dreams in various fields, he said, noting that the honor of China's success in hosting the Olympics belongs to the whole of Asia.

Kuwaiti Crown Prince Sheihk Nawaf al-Ahmad al-Sabah said the tremendous efforts by China to hold the Olympics, notably the finest preparatory work, have secured the success of the world's greatest sports event. Latvian Prime Minister Ivars Godmanis said the organizational work of the Beijing Games was outstanding, and the opening and closing ceremonies were spectacular. The success of the Games has further enhanced China's international sphere, he said.

The National Assembly of Venezuela passed a resolution which said the Beijing Games has again highlighted the important role of sport in fostering the all-round development and spirit of humankind as well as in promoting multiple dialogues between different nations.

Beijing has witnessed during the Games the noblest human senses -- humanity, unity and friendship, and has meanwhile shown the world its outstanding technologies, organizational work and sensitivity to humanity, it said. Mexican Foreign Minister Patricia Espinosa congratulated China on the success of the Beijing Games, which was a great opportunity for the nation to show its cultural prowess.

She thanked the Chinese government and people for their efforts and contribution to the Games which will prove conducive to regional peace and stability.

NOTICIA 03

Título: Beijing's economy not to be subject to fluctuation after Olympics: expert

Autor: Editor: Si Qintu

Fonte: Xingua

Data: 21/08/2008

Texto BEIJING, Aug. 21 (Xinhua) -- An expert on Beijing Olympic economy said here on Thursday that the capital city's economy will not be subject to fluctuation after the Olympic Games.

Chen Jian, executive president of Beijing Olympic Economy Research Association, said at a press conference at the Main Press Center that after the Beijing Olympic Games, Beijing's economy will shape up a development pattern featuring the sectors of high technology, finance, services and culture.

"Investment in urban infrastructure will remain intensive and the new investment is enough to continue to push economic growth and shun potential post-Games economic fluctuation," said Chen.

Taking subway transport as an example, Beijing had merely 54 kilometers of subway in 2001, but it

extended to nearly 200 km in July 2008 and is expected to reach 561 km in 2015. Investment in this field will continue, he said.

"Some Olympic host cities suffered economic fluctuation in the post-Games period, merely because their investment into infrastructure construction was excessive compared with the city's size. Beijing will try to avoid that situation," he said.

He said that in general housing prices in Beijing were rational when the city prepared the Olympic Games. From the end of 2007 to the first half of 2008, the city's real estate market entered a period of readjustment, and the period may be prolonged after the Games. On the other hand, huge housing demand would support the city's housing prices.

NOTICIA 04

Título: Beijing Olympics: A fascinating event

Autor: Editor:Xiong Qu

Fonte: CCTV.com

Data: 29/09/2008

Texto: Even though the medals have already been handed out the excitement and joy of the Games remain. As the exceptional performances by the most competitive athletes on the planet come to an end, our reporter Xu Zhaoqun takes a look at some of what's behind the fascination with the Beijing Olympics.

Usain Bolt from Jamaica stunned the world by winning two sprint golds and smashing both world records. He's the first runner to wear the double sprint crown since US legend Carl Lewis in 1984.

The Jamaican dynasty rolled on with two more golds in the women's sprint, and two more in the women's 400-meter hurdles and the 4-by -100 relay.

In the water, American Michael Phelps won hearts and medals when he completed his eight gold quest with seven world records.

Their talent and diligence enabled Phelps and Bolt to challenge once again the physical limits of human beings.

The Beijing Games has proved to be the place to set new records.

Liu Chunhong from China broke the world record three times in women's 69 kilogram weightlifting.

Russian pole vaulter Yelena Isinbayeva broke a world record for the twenty-fourth time.

But not all surprises were ones to cheer. The Americans' defeats in the sprints and relays are some of the most heart-breaking of the past few decades.

But their mis-steps prove once again that sports are attractive because no one wins all the time.

Wei Jizhong, Executive Board Member of Olympic Council of Asia said "The Games' most interesting points must be the competitions. After all the Olympic Games are a get-together of the best athletes in the world."

Besides the competition, the host city's enthusiasm and organization have provided much pleasure.

Almost no complaints were raised about service at the Olympic village. The grand opening ceremony and the hospitality of the locals endowed the Games with much more than sports alone.

Wei Jizhong said "An Olympic Games with distinctive characteristics and high level. That means we have not only met the IOC's criteria, but also made the event even better than expected. The Beijing Games are unique because they bears clear Chinese characteristics. In fact many of the IOC criteria are based on the characteristics of each Olympiad."

While presenting the world a sports spectacular, China has had its own special joy in participation: topping the gold medal tally.

NOTICIA 05

Título: Beijingers give Olympics almost unanimous "successful" rating

Autor: Xinguua

Fonte: Editor:Wang Shuqin

Data: 29/08/2008

Texto: BEIJING, Aug. 29 (Xinhua) -- An official survey has found 98.6 percent of the Beijing residents consider the Olympics "successful".

The Beijing Bureau of Statistics questioned by telephone 3,032 people from the capital's 18 districts and counties on their views on the Olympic Games from Aug. 8-24.

Of the respondents, 82 percent said the Games was "very successful", and 16.6 percent regarded it as "quite successful", the bureau said Friday.

The survey found 97.7 percent attributed the success to the government's strong organization and coordination, 97.2 percent to the volunteers' enthusiastic service and 96.8 percent to the general public's active involvement.

Meanwhile, 90 percent of the respondents said bad habits such as littering decreased during the Games, 89.6 percent found more people offered seats to those in need on public transport, and 87 percent said fewer people jumped queues or quarreled in public places during the Games.

The Olympics helped enhance public awareness of environmental protection, according to 42.6 percent of those surveyed.

Asked what concerns the Beijing people most now the Olympics were over, most respondents said environmental protection was their top concern, followed by commodity prices, transport, the national economy, incomes, housing and employment.

NOTICIA 06

Título: Commentary: Beijing Olympic Games to shine in history

Autor:

Fonte: Special Report: 2008 Beijing Olympic Games

Data: 23/08/2008

Texto: BEIJING, Aug. 22 (Xinhua) -- In less than two days, the sacred flame of the 29th summer Olympic Games in Beijing, which has been burning atop the National Stadium in north Beijing since Aug. 8, is going to be extinguished.

The Chinese people now can proudly announce to the world: we have lived up to the trust of the international community and the International Olympic Committee (IOC).

Photo taken on Aug. 8, 2008 shows the fireworks of the opening ceremony of the Beijing Olympic Games held in the National Stadium, also known as the Bird's Nest, in north Beijing, China. (Xinhua/Wang Changshan)

Meanwhile, the world can also say with gratification: we have made a correct decision by selecting Beijing and China as the Olympic host. At the Beijing Olympic Games, miracles were produced and dreams fulfilled. To date, 38 world records have been refreshed at these Games.

NOTICIA 07

Título: Foreign audience praise Olympic opening

Autor: CCTV

Fonte: CCTV.com

Data 08/10/2008

Texto: Attracting an estimated four billion viewers across the world, the Opening Ceremony of the Beijing 2008 Olympic Games have won waves of applause and excitement from around the globe. Many in the overseas audience praised the magnificent show as a creative combination of China's rich traditional culture and the charms of modern art and technology.

The live broadcast of the Olympic opening ceremony is over, but the atmosphere inside the Chinese Embassy to the Netherlands is still full of excitement. Many foreign diplomatic missionaries gathered here with their families to watch the splendid show. Many even changed their holiday plans for the occasion.

In the United States, over ten-thousand people from more than 60 ethnic races gathered at an equestrian court in Sacramento to celebrate the opening of the Beijing Games. And the theme of the party was, One World - One Dream.

Over in Germany, Chinese restaurants in Berlin were crowded with people watching the ceremony on TV.

NOTICIA 08

Título: World joins China in revelry as "truly exceptional" Olympics end

Autor: Xinhua

Fonte: Xinhua

Data: 24/08/2008

Texto: Dancers perform on a tower during the closing ceremony for the 2008 Beijing Olympic Games at the National Stadium, also known as the "Bird's Nest" on August 24, 2008. The Beijing Olympics officially closed today bringing down the curtain on a glittering 16-day long sports extravaganza. The next Summer Games will be held in London in 2012.

BEIJING--The competitions are over and the party begins, all medals were given out but the memory stays. In a lavish closing ceremony illuminated by a fireworks extravaganza, the world's top athletes

joined their Chinese hosts to celebrate the success of the 29th summer Olympic Games on Sunday night.

When the Olympic flame, after 16 days of burning in the National Stadium, or the Bird's Nest, in north Beijing, went out at 9:24 p.m. Sunday, a gala of songs and dances was staged in the stadium, turning the ceremony into a big party.

Surrounded by several thousand Olympians, all in casual wear and jubilant mood, nearly 3,000 Chinese performers and volunteers started a spectacular circle dance, around a 20-meter-tall "Memory Tower," which resembled the heaven-reaching Babel. "These were truly exceptional Games!" hailed International Olympic Committee (IOC) President Jacques Rogge, before he declared the Games closed in front of 91,000-strong spectators, including Chinese President Hu Jintao who inaugurated the Games on August 8 and dozens of foreign leaders and world dignitaries.

"Through these Games, the world learned more about China, and China learned more about the world," said the IOC chief, who thanked the Chinese people, the "wonderful volunteers" and the Games' organizers in his closing speech.

The over-two-hour closing ceremony started at 8 p.m. with splendid fireworks forming a huge circle, a symbol of perfection, harmony and endlessness in the Chinese culture, over the Bird's Nest.

And its climax arrived when the cauldron was doused in an affectionate way with a reminiscent touch: Three athletes ascended a boarding ladder truck with the radio announcing a London-bound flight, and gazed at the sacred flame atop the stadium. One of them took out and unfolded an exquisite Chinese painting scroll, while the bowl rim of the Bird's Nest, which is a 500-meter-long, 14-meter-wide circular screen, changed into a "red track" and the spectacular and memorable scenes of the Games were projected on it, day by day.

The Olympic flame went out slowly as the athlete folded the painting again. But at the same time, a fresh "flame" was lit in the stadium, with 396 performers on the "Memory Tower" simulating fire with their bodies and the entire audience turning on the torch lights in their hands.

"The fire of the Chinese people's passion to embrace the world will burn forever," said Liu Qi, president of the Beijing Organizing Committee of the 29th Olympic Games (BOCOG), at the ceremony. Describing the Games' duration as "16 glorious days which we will cherish forever," the IOC president said the world would "long remember" the achievements in Beijing by "new stars" and "stars from past Games."

As the most watched Games in history, with an estimated 4.5 billion TV and Internet viewers, these Olympic Games in Beijing are sure to be remembered, with history made, records toppled, dreams fulfilled, and tears of joy or sorrow shed here. These Games have attracted the most participants -- from a record 204 countries and regions -- while reporting the fewest doping scandals, with only six athletes, none of them a gold medalist, failing to pass the 4,500 random and post-competition tests so far.

These Games have witnessed the rise of Asia, as China, with home advantages for its athletes, topped the gold medal table with a record haul of 51 golds, 15 more than the second-placed United States, and Mongolia and Bahrain celebrated their first ever Olympic gold in wild ecstasy.

NOTICIA 09

Título: Presidente da França não descarta boicote à Olimpíada na China

Autor:

Fonte: G1, com agências

Data: 17/09/2008

Texto: Nicolas Sarkozy disse que 'todas as opções estão abertas'. Ele pede para que o governo chinês chegue a um acordo com os tibetanos.

O presidente da França, Nicolas Sarkozy, admitiu pela primeira vez a possibilidade de um boicote aos Jogos Olímpicos de Pequim, que serão realizados em agosto, na China. "Todas as opções estão abertas, eu não fecho as portas para nenhuma opção", disse Sarkozy, nesta terça-feira, se referindo ao fato da atual crise entre os tibetanos e o governo chinês. "Mas eu apelo para o senso de responsabilidade das autoridades chinesas", completou o presidente francês. A afirmação acontece um dia após protestos na Grécia durante a cerimônia que acendeu a tocha olímpica.

O governo tibetano no exílio avaliou em 130 o número de mortos em confrontos entre a polícia e os manifestantes tibetanos, 80 deles na cidade de Lhasa, enquanto o Executivo de Pequim reconheceu 19 mortes na capital tibetana e disparos em outras localidades.

Já o secretário de Estado para o Esporte francês, Bernard Laporte, falou em boicote de um dia na Olimpíada. No caso, apenas à Cerimônia de Abertura. "Se o boicote mudar a liberdade, os direitos humanos na China, não sou contra. Mas sinceramente acredito que não mudará nada", disse ele. "Se boicotarmos um dia, não vai alterar nada", completou. Para o secretário, esporte e política devem caminhar separadamente.

Carta - Na segunda-feira (24), Sarkozy pediu à China "contenção" nas revoltas no Tibete e que as autoridades de Pequim dialoguem com os representantes do líder espiritual tibetano, o Dalai Lama.

Sarkozy enviou uma carta ao presidente chinês, Hu Jintao, na qual pede "o fim da violência no Tibete" e expressa sua "comoção" devido aos recentes incidentes "trágicos". Na carta, presidente francês coloca a Hu Jintao seu desejo de que seja possível "recuperar e aprofundar" o diálogo com o Dalai Lama, para tornar possível "que todos os tibetanos se sintam em condições de viver plenamente sua identidade cultural e espiritual dentro da República Popular China". Neste ponto, Sarkozy expressou a disponibilidade de "facilitar" esse diálogo, "dentro da associação estratégica franco-chinesa".

NOTICIA 10

Título: Dutch PM lauds organization work of Beijing Olympics

Autor: Editor:Zhang Ning

Fonte: Xinhua (Special Report: 2008 Beijing Olympic Games)

Data: 22/10/2008

Texto BRUSSELS, Oct. 21 (Xinhua) -- China organized an "excellent" Olympic Games and the event has contributed to better understanding between the two countries, Dutch Prime Minister Jan Peter Balkenende told Xinhua on Tuesday.

"I would like to congratulate the Chinese people with the excellent organization of the Beijing Olympics," Balkenende said in a written interview on the eve of a seven-day visit to China.

"I thoroughly enjoyed attending the spectacular opening ceremony," said Balkenende, who was one of the heads of states or governments who attended the Olympic opening ceremony on August 8.

Having watched sportsmen and women from all over the world compete, Balkenende said he was impressed by the achievements of Chinese athletes.

"The Olympic Games put China in the spotlight in the Dutch media, and the Dutch public learned a lot more about your country," he said.

Comparing what he saw during his two previous trips to China, in 2004 and in August this year, Balkenende said "the Chinese people can be proud of what they have achieved in recent years. Through its economic growth, China has changed considerably."

The successful Olympic Games have given Beijing many new and modern landmarks, such as the "Birds Nest" and the CCTV building, which was designed by renowned Dutch architect Rem Koolhaas, Balkenende said. "But many challenges still remain, especially in rural areas," he said. "I hope that with our bilateral cooperation, the Netherlands can assist your country in meeting those challenges."

During his visit to China, Balkenende will attend and address the seventh Asia-Europe Meeting (ASEM) summit, scheduled later this week in Beijing, and engage in bilateral meetings with Chinese leaders.

NOTICIA 11

Título: Cardápio das Olimpíadas de Pequim tem "bife de ferro" e "fezes fritas"

Autor: G1

Fonte: G1

Data: 13/042007

Texto: Cidade tem placas e menus com erros de tradução para o inglês. Governo local está providenciando a troca antes do início das Olimpíadas.

A cidade de Pequim, que se prepara para receber visitantes do mundo todo durante as Olimpíadas de 2008, já corrigiu ou trocou, desde o ano passado, 6.530 placas de orientação e de localização nas ruas da cidade. Elas tinham instruções escritas em um inglês incompreensível.

A administração municipal vai agora atacar as mensagens erradas em banheiros públicos, museus e cardápios. Alguns casos são cômicos, outros são enigmáticos. Há ainda aqueles capazes de deixar qualquer turista embaraçado ou até preocupado, como o restaurante que oferece "fried crap" (fezes fritas) e o local de eventos para minorias étnicas rebatizado de "Racist Park" (Parque Racista). "Creio que já progredimos bastante corrigindo as traduções das placas", disse Liu Yang, representante municipal da campanha de recepção aos turistas.

"Estamos nos concentrando em lugares públicos relativos à vida, trabalho, estudo ou viagem de nossos amigos estrangeiros." Serão inspecionados 129 museus e inúmeros restaurantes, que, além do já citado

"fried crap", estão oferecendo pratos como "cow bowel in sauce" (intestino de vaca no molho), "corrugated iron beef" (bife de ferro ondulado) e "acid food" (comida ácida).

NOTICIA 12

Título: China tem 'boom' de casamentos marcados para as Olimpíadas

Autor: BBC

Fonte: BBC

Data: 25/06/2008

Texto: Autoridades esperam até 9 mil pedidos de licença de casamento para o dia da abertura.

Milhares de casais chineses estão marcando seus casamentos para o dia 8 de agosto, para coincidir com a data de abertura dos Jogos Olímpicos de Pequim, segundo informa a mídia estatal da China.

O número 8 também traz boa sorte, segundo a crença tradicional chinesa, e o oitavo dia do oitavo mês do ano 2008 é considerado especialmente propício.

As autoridades chinesas prometeram conceder licenças de casamento para todos os casais que a pedirem para esta data.

No início do mês, a China já havia relatado um aumento no número de recém-nascidos batizados de Aoyun, que significa Jogos Olímpicos em mandarim.

O aumento na popularidade do nome é visto como um sinal de apoio para as Olimpíadas.

Filas - A sexta-feira foi o primeiro dia no qual os pedidos de licença para casamentos no dia 8 foram aceitos.

Segundo a agência de notícias estatal Xinhua, cerca de mil casais fizeram filas por horas em Pequim para registrar seus casamentos no dia 8 de agosto.

As autoridades esperam que um total de 9 mil casais peça a licença para se casar nessa data.

NOTICIA 13

Título: China descumpre promessa de liberdade de manifestação, diz ONG

Autor: G1

Fonte: G1

Data: 17/08/2008

Governo perdeu chance de 'limpar imagem', segundo entidade. Oito pessoas que tentaram se manifestar estão presas ou vigiadas.

As forças de segurança detiveram ou mantêm sob vigilância pelo menos oito cidadãos chineses que solicitaram se manifestar nas três áreas designadas para tal, descumprindo assim seu compromisso olímpico.

A ONG Chinese Human Rights Defenders (CHRD) culpou neste domingo (17) o governo chinês de descumprir seu compromisso assumido por causa dos Jogos Olímpicos de permitir a liberdade de imprensa e de manifestação.

"A China castigou o povo que concedeu entrevistas (a jornalistas) ou solicitou permissões para se manifestar, o que rompe sua promessa de permitir a liberdade de imprensa e as manifestações nas 'regiões de protesto durante os Jogos", disse a organização.

"Se o Comitê Olímpico Internacional (COI) e os líderes dos EUA e a União Européia (UE) mantiverem seu silêncio, perante as promessas quebradas que receberam em troca de seus pedidos de liberdade, perderão sua credibilidade e se transformarão em cúmplices dos abusos da China Olímpica", diz a nota.

A CHRD documenta três casos de desapropriados e ativistas que foram detidos após conceder entrevistas à imprensa estrangeira: Zhang Wei e Ma Xiulan, que se manifestaram ao sul de Praça da Paz Celestial, e Wang Guilan, que concedeu uma entrevista por telefone.

Outros oito peticionários foram detidos ou se encontram sob vigilância policial por "perturbar a ordem pública", após terem pedido a autorização para se manifestar nas três regiões designadas por Pequim para tal fim. Os oito são He Xiul Ge Yifei, Chen Yunfei, Tang Xuecheng, Dan Chun, Li Jincheng, Liu Xueli e Ji Sizun, cidadãos de províncias que queriam denunciar em Pequim as corruptelas imobiliárias, expropriações ilegais e abusos policiais dos que são objeto.

Neste sentido, o jornal independente South China Morning Post qualifica de "truque" a designação das três regiões, o parque Ritan, o Purple Bamboo e o Beijing World, ainda hoje desertas.

As administrações destes três parques disseram ao jornal que ainda não receberam nenhuma ordem da Polícia para habilitar as zonas para protestos, enquanto o Birô de Segurança Pública não respondeu à pergunta de quantas solicitações receberam.

As áreas para protesto durante os Jogos Olímpicos foram criadas em Sydney 2000 e mantidas em Atenas 2004. A maioria de protestos, pacíficos, foram feitos sem solicitação, como no caso dos ativistas estrangeiros da Free Tibete Campaign, que sabiam de antemão que não iam receber a permissão por serem considerados como uma "ameaça contra a união nacional".

Os ativistas pró-tibetanos, que realizaram protestos quase diariamente, foram detidos e deportados a seus países de origem. Quanto ao Repórteres Sem Fronteiras (RSF), as autoridades chinesas negaram o visto aos membros do grupo que planejavam viajar para Pequim para pedir liberdade de imprensa.

"É uma prova de que o Governo chinês não tolera nenhuma forma de protesto", assinala Matt Whitticase, porta-voz da Free Tibete Campaign. Segundo anunciaram os organizadores de Pequim 2008, em teoria pode-se conseguir uma permissão para se manifestar nas áreas designadas tramitando uma solicitação com uns dias de adiantamento.

Analistas consultados pelo jornal disseram que a China, governada pelo Partido Comunista desde 1949, perdeu sua grande oportunidade para limpar sua má imagem por violações de direitos humanos permitindo alguns protestos. Aos casos anteriores é preciso acrescentar que vários jornalistas estrangeiros foram detidos e mal-tratados ao tentar cobrir supostos atentados com bomba no oeste da China, enquanto na quarta-feira foi detido um jornalista britânico que foi tomado por um ativista pró-tibetano, e os correspondentes denunciam que são observados e intimidados.

NOTICIA 14

Título: China manifesta 'enérgica oposição' a fala de Bush sobre direitos humanos

Autor: AFP (Pequim)

Fonte: AFP

Data: 17/09/2008

Texto: Porta-voz criticou intromissão nos 'assuntos internos' da China. Bush criticou chineses na Tailândia, antes de partir para Pequim.

Da, em Pequim

A China expressou nesta quinta-feira (7) sua "enérgica oposição" a qualquer intervenção em seus assuntos internos depois de um discurso do presidente George W. Bush sobre as liberdades na China.

"Nós nos opomos energicamente a qualquer declaração ou ação que interfira nos assuntos internos em nome dos direitos humanos ou da religião", declarou o porta-voz do ministério das Relações Exteriores, Qin Gang, no site da chancelaria.

Nesta quinta-feira, poucas horas antes de partir de Bangcoc, na Tailândia, para Pequim, onde já chegou e verá a abertura dos Jogos, o presidente americano manifestou sua "profunda preocupação com a liberdade religiosa e os direitos humanos na China".

NOTICIA 15

Título: Cerimônia de Abertura das Olimpíadas de Pequim, show de luzes e efeitos

Autor: O Globo Online

Fonte: O Globo Online

Data: 08/08/2008

Texto: RIO - A cerimônia de abertura das Olimpíadas 2008, no Estádio Olímpico de Pequim, o Ninho do Pássaro, impressionou pela beleza e pela perfeição das coreografias e do ritual.

A festa da maior edição das Olimpíadas, com 205 países, durou quatro horas e dez minutos e foi grandiosa. Os chineses mostraram ter tido a preocupação em passar a idéia de harmonia, capacidade e riqueza de seu país e seu povo. Um dos recursos mais impressionantes foi o do pergaminho gigante com ideogramas chineses que se abria e se fechava no palco - num show de luzes e efeitos visuais - para retratar aspectos da história milenar da China.

Delegação do Brasil entrou às 10h30 - Às 12h36 (horário de Brasília), o presidente chinês Hu Jintao declarou abertos os Jogos. O atleta escolhido para ter o privilégio de acender a pira - mistério guardado até os últimos momentos - foi o ex-ginasta Li Ning, de 44 anos, que conquistou três medalhas de ouro, duas de prata e uma de bronze nos Jogos Olímpicos de Los Angeles/84.

Às 10h06 (no horário de Brasília), pouco mais de uma hora depois do começo da cerimônia, fogos estouraram no céu anunciando as estrelas do espetáculo: os atletas. Quatro minutos mais tarde entrou a delegação da Grécia, país criador dos Jogos e que tradicionalmente é a primeira a desfilar nas Olimpíadas.

A delegação brasileira foi a 39ª a aparecer. À frente do grupo, o porta-bandeira Robert Scheidt, iatista bicampeão olímpico (Atenas-2004 e Atlanta-96). O presidente Luiz Inácio Lula da Silva, um dos 104 chefes de Estado e de governo presentes à cerimônia, acenou e sorriu para os atletas brasileiros quando eles passaram. A delegação estava bastante animada. A iatista Isabel Swan, que escreve direto de Pequim no Blog dos Atletas, chegou a sambar na pista. O Time Brasil desfilou de paletó verde com golas azuis, chapéu branco com detalhes em verde e amarelo e calças (ou saias) azuis.

- É difícil descrever a sensação (de ser porta-bandeira do Brasil). Com exceção do pódio olímpico, foi a emoção mais forte que eu senti na vida - disse Scheidt, por telefone, durante a transmissão da TV Globo.

Início mais cedo do que divulgado - O desfile, como previsto, não seguiu o alfabeto ocidental tradicional. A ordem se deu pelo número de traços dos caracteres dos ideogramas chineses que representam os nomes dos países. Essa ordenação não é mais usada hoje em dia nem nos dicionários chineses. Trata-se de uma forma muito antiga de ordenamento das palavras, trazida de volta pela organização dos Jogos para homenagear a cultura milenar chinesa.

A festa começou, na prática, pouco antes das 9h (horário de Brasília) com efeito de luzes, queima de fogos e sons de tambores. O início aconteceu antes do horário divulgado pela organização dos Jogos. A previsão era de a festa começar às 9h08, ou 20h08 no horário de Pequim (8 da noite de 8 de agosto, o mês oito de 2008, "coincidência" programada por ser 8 o número da sorte na cultura chinesa). Porém, às 9h em ponto, após contagem regressiva, teve início oficialmente a celebração. Um pré-show aqueceu o público, com muitas coreografias e lindas fantasias.

NOTICIA 16

Título: Estão abertos os Jogos Olímpicos de Pequim

Autor: O Globo Online

Fonte: O Globo Online

Data: 08/08/2008

Texto: A história das Olimpíadas modernas ganhou um capítulo novo e exuberante, uma festa absolutamente fantástica, que encheu o povo chinês de orgulho.

Foram abertos, em Pequim, os Jogos Olímpicos de 2008. Aqui, no nosso país, milhões de pessoas que grudaram os olhos na televisão para acompanhar a entrada da delegação brasileira liderada pelo velejador bicampeão olímpico Robert Scheidt tiveram muitos motivos a mais para se emocionar. A história das Olimpíadas modernas ganhou um capítulo novo e exuberante, uma festa absolutamente fantástica. Os 91 mil lugares do ninho do pássaro foram insuficientes para tanta gente disposta a assistir à cerimônia. Dentro e fora do estádio, César Tralli e André Amaral encontraram uma multidão de curiosos muito orgulhosos. Diplomacia em jogo. As duas superpotências no esporte deixam de lado a rivalidade para fazer juras de amor. Os anfitriões entraram no espírito olímpico, satisfação de quem abriu as portas de casa para receber o mundo. Uma professora saiu às ruas para prestigiar a festa. Faz força para nos dizer em inglês que está muito feliz. Mesmo quem não tem ingresso, não dá meia volta. Todo esforço é válido para encurtar a distância do Ninho do Pássaro. Um momento único na vida de

um rapaz. “É a oportunidade de Pequim mostrar nosso espírito de amizade e nossa cultura”, diz ele. Faltando poucas horas para o início da abertura dos Jogos Olímpicos, um torcedor muito especial chega a Pequim. É um senhor de 66 anos, um guarda de escola. Pedalou 2,4 mil quilômetros para estar aqui neste dia tão especial. A alegria supera o cansaço da longa viagem. Foram 20 dias na estrada. Quase nenhum dinheiro no bolso e um jeito todo cidadão de dividir o prazer da missão cumprida. Ele se chama Zhang Xu Hui. Vem de Gui Lin, na província de Guan Ching. Traz do sul da China canções que falam de amores e de vitórias. Os mascotes olímpicos pegam carona no figurino do torcedor. Estádio lotado, hora do espetáculo, um momento inesquecível na vida desse respeitável público. Afinal, estamos num ninho feito para acolher e ao mesmo tempo surpreender. É tanta beleza que os olhos não sabem para onde olhar. As mãos falam por si, o sorriso diz tudo. É mesmo de se espantar, uma revoada para dentro e para fora do ninho, marcada por uma sinfonia de luzes. Platéia eletrizada, iluminada. Festa de cair o queixo, impecável! Aos chineses, nosso xie xie: muito obrigado. E se não for pedir muito, que seja assim até o fim das Olimpíadas.

NOTICIA 17

Título: Pequim pede fim de perguntas indiscretas a estrangeiros nos Jogos

Autor: EFE

Fonte: EFE (Pequim)

Data: 01/09/2008

Texto Cartazes pedem aos moradores que não incomodem os turistas. Perguntas como 'quanto ganha', 'quantos anos tem' e se é casado devem ser evitadas.

Os estrangeiros geralmente se surpreendem com perguntas indiscretas que os chineses costumam fazer em seu dia-a-dia, e por isso no centro da capital foram pendurados cartazes para prevenir os cidadãos locais sobre o tamanho de sua curiosidade durante os Jogos Olímpicos.

Os cartazes explicam que, para os ocidentais, é de mau gosto que um desconhecido lhe pergunte quanto ganha por mês, quantos anos tem e se é casado. Essas três perguntas, obedecendo à ordem, são correntes nas primeiras conversas entre chineses, e também são utilizadas quando estes dialogam com estrangeiros, alguns dos quais se surpreendem e inclusive ficam incomodados, ainda de acordo com as explicações do cartaz. Perguntar qual a religião, qual o endereço e o estado de saúde das pessoas pode incomodar o turista estrangeiro.

Desde que Pequim obteve o direito de sediar os Jogos Olímpicos, em 2001, o Governo chinês já colocou em prática várias campanhas para fazer com que os cidadãos locais não choquem os estrangeiros. Está mais difícil ver transeuntes cuspiendo em qualquer momento e lugar, uma prática ainda estendida, já que há quem considera que o gesto faz bem à saúde, embora já conte com muitos detratores entre os próprios habitantes de Pequim.

Há também um código de boas maneiras, que contraria o conceito confucionista, e manda dar preferência às mulheres. Parece bobagem, mas mexe profundamente com conceitos que os chineses aprenderam a não questionar em 60 anos de Revolução Comunista, que ensinou que os interesses da comunidade vêm antes dos interesses dos indivíduos e, portanto, é um desvio burguês. Além disso, o

governo chinês sempre incentivou cada chinês vigiar e delatar o vizinho. Se cada cidadão é um espião fica mais fácil o controle do Estado sobre todos.

NOTICIA 18

Título: Blogueiros protestam contra uso de dublê de cantora em Pequim

Autor: Reuters

Fonte: Reuters

Data: 13/08/2008

Texto: Internautas se dizem indignados pela 'farsa' na abertura das Olimpíadas. Voz de cantora mirim era, na verdade, de outra menina.

Nesta quarta (13) blogueiros enfurecidos protestaram diante da decisão da China de usar na cerimônia de abertura das Olimpíadas de Pequim uma menina bonita como cantora, mas com a voz dublada por outra menina cujos dentes são tortos.

Muita gente diz que se sente trapaceada por um dos momentos mais tocantes da elogiada cerimônia de abertura ter sido forjado. "Eu francamente acredito que isso seja repelente. Sério, são crianças de sete e nove anos de idade! Tão jovens!", escreveu uma adolescente furiosa de Nova York em seu blog.

Lin Miaoke, de 9 anos, foi elogiada por seu belo desempenho, mas os organizadores admitiram que ela era apenas uma substituta fotogênica para a verdadeira cantora, Yang Peiyi, rejeitada para aparecer diante das câmeras devido à sua aparência. "Acho triste que eles tenham arruinado uma cerimônia de outro modo tão maravilhosa com essas falsificações", outro blog argumentava.

"Ou seja, vamos esquecer de Pequim 2008. A melhor abertura continua a ser a de Sydney 2000. Eles não viram necessidade de usar imagens alteradas em computador para impressionar o mundo", afirma o texto.

Ao vivo, mas nem tanto - Os organizadores também admitiram que a cerimônia de abertura transmitida "ao vivo" incluía imagens de fogos de artifício gravadas com antecedência.

Uma busca por blogs no Google mostra quanta confusão essas decisões estão causando. A reação primordial é uma mistura de indignação e espanto.

"Aparentemente, a menininha cuja voz eles usaram, Yang Peiyi, não era bonita o bastante. Foi considerado ruim para a China mostrar uma menininha com o dentes tortos", se queixava um blog.

Hollywood já foi culpada de algumas decisões semelhantes no passado --tanto Audrey Hepburn em "My Fair Lady" quanto Natalie Wood em "West Side Story" foram dubladas pela cantora Marnie Nixon.

Os blogs aceitam essa prática, mas um deles comentou que "existe algo de basicamente errado --não existe outra palavra-- quanto a rejeitar uma criança por ter os dentes tortos".

As autoridades chinesas foram acusadas de querer controlar demais os jogos. "A China quer a Olimpíada como palco que mostre uma imagem perfeita ao mundo, e a perfeição era claramente um objetivo da deslumbrante cerimônia de abertura", escreveu um blog.

NOTICIA 19

Título: Moradores despejados por obras olímpicas protestam em Pequim

Autor: EFE (Pequim)

Fonte: EFE

Data: 04/08/2008

Texto: Protesto ocorreu na Praça da Paz Celestial nesta segunda. Polícia dispersou os entre 20 e 50 manifestantes, mas não fez prisões.

A apenas quatro dias do início dos Jogos Olímpicos de Pequim, moradores da capital chinesa despejados pelas obras olímpicas protestaram na Praça da Paz Celestial, no centro da cidade.

Segundo testemunhas, um grupo de entre 20 e 50 desabrigados fez um protesto pacífico ao sul da praça, no bairro de Qianmen, que nos últimos anos foi demolido para ser transformado em área comercial e de negócios que hoje inclui cafeterias Starbucks e lojas da Nike e da Rolex.

Os manifestantes "protestam porque não querem aceitar a indenização oferecida por suas casas, mas continuar vivendo nelas", disse à Agência Efe um morador ligado à organização do protesto.

Segundo a fonte, a polícia não deteve nenhum dos manifestantes, mas os dispersou.

A indenização, de US\$ 1.170 por metro quadrado, está muito abaixo do preço de mercado em uma das áreas mais valorizadas da capital chinesa, com preços comparáveis aos de Londres, diante da proximidade dos Jogos.

Procurada pela Efe, a Polícia do distrito se negou a dar declarações, alegando que ainda investiga o protesto.

Desde que Pequim foi escolhida sede dos Jogos em 2001, este tipo de protestos é freqüente na capital chinesa, onde, segundo a ONG Centro pelo Direito à Moradia contra Despejos (COHRE, em inglês), vinculada à ONU, mais de 1,5 milhão foram desalojados em virtude das obras olímpicas. O número foi negado várias vezes pelo governo chinês, que afirma que os despejados são apenas alguns milhares do total de quase 20 milhões de pequineses e que, além disso, foram devidamente indenizados.

O problema não é novo em uma sede olímpica, mas desproporcional se comparado aos 2.700 moradores desalojados em Atenas e aos 2.500 de Barcelona. Além disso, supera os recordes de Atlanta (30 mil) e Seul, onde a realização dos Jogos em 1988 representou o despejo de 720 mil moradores sob um regime de partido único.

Para o governo chinês, um de seus piores pesadelos está se concretizando, o de enfrentar protestos no centro da capital, quando Pequim está repleta de jornalistas estrangeiros e o regime tenta convencer que quarta maior potência econômica é capaz de realizar os Jogos e manter a "harmonia social".

Com emissoras de televisão de todo o planeta concentradas em Pequim, vai ser difícil para os 1,5 milhão de soldados que controlam a segurança dos Jogos manter sua habitual atitude de reprimir à força qualquer suspeita de dissidência.

De fato, até agora as emissoras de televisão tinham sido proibidas de fazer filmagens na praça, uma das maiores do planeta e também das mais militarizadas, mas por ocasião do evento olímpico os canais podem pedir permissão com um dia de antecedência para gravar o local.

Enquanto em Pequim este grupo de moradores tentava atrair a atenção para seus problemas, em Xinjiang, uma região autônoma com 8 milhões de uigures de origem turcomana e credo muçulmano, ocorria um ataque com explosivos em um posto alfandegário.

As autoridades suspeitam que possa se tratar de um atentado terrorista, do qual tinham sido advertidos há um ano para justificar o desdobramento militar em massa representado pelos Jogos, e apontam os grupos separatistas da região como possíveis autores.

Além destes riscos, o regime chinês teme que ativistas de apoio à independência do Tibete ou em defesa dos direitos humanos realizem protestos semelhantes aproveitando o evento olímpico, por isso hoje Pequim é uma cidade sitiada.

Assim, 100 mil soldados do Exército de Libertação Popular, 400 mil policiais e voluntários e moradores que fazem as vezes de "delatores" estão distribuídos pela capital, sobrevoada por helicópteros que sobrevoam em círculos o centro de Pequim.

NOTICIA 20

Título: Para os Jogos, Pequim esconde partes de si mesma

Autor: Jake Hooker

Fonte: New York Times

Data: 01/08/2008

Texto: Algumas áreas foram devastadas para fazer a cidade parecer limpa e organizada. Moradores reclamam por terem ficado escondidos atrás de muros.

Em Pequim, uma parede de concreto esconde um conjunto de pequenas lojas de imigrantes. A cidade passou por um dos projetos de embelezamento mais caros do mundo. Turistas deixando o portão oeste do Templo do Céu neste mês provavelmente não perceberão a casa de Song Wei do outro lado da rua. E nem há chances de que os espectadores ao longo da rota olímpica de ciclismo parem no restaurante de Sun Ruonan, ali perto. Song e Sun vivem na área central de Pequim, em vizinhanças que foram devastadas para fazer a cidade parecer limpa e organizada para as Olimpíadas. Ambos permaneceram firmes, apesar da pressão para que se mudassem. Eles passarão as Olimpíadas atrás de muros ou telas erguidos para manter suas propriedades fora da visão pública. Um véu de redes plásticas verdes agora cobre o restaurante de Sun. A casa de Song e diversas lojas que ele aluga a trabalhadores migrantes foram cercadas por um muro de tijolos com três metros de altura, parte de uma campanha de embelezamento de última hora. As autoridades consideraram seu pequeno bloco de comércio uma afronta aos olhos.

"Por que um muro ao nosso redor?" - "Todos nós apoiamos as Olimpíadas", diz Song, 42, um nativo de Pequim que aluga salas a duas famílias migrantes que abriram lojas. "Mas por que estão construindo um muro ao nosso redor?" Um aviso misterioso apareceu ao lado das lojas em 17 de julho, impresso em papel branco e assinado por ninguém. Trazia o texto: "Visando manter a exigência do governo de arrumar o ambiente olímpico, um muro deverá ser construído ao redor do número 93 da Estrada Tianqiao Sul." Na manhã seguinte, diversos pedreiros apareceram com uma escolta policial.

Agora o muro esconde um pequeno vale de empreendedorismo, onde muitas famílias migrantes vendem meias, mochilas, calças, macarrão e kebabs de shish cozidos em sopa apimentada. Uma família atrás do muro vende sorvete, refrigerantes e bebidas geladas usando uma geladeira com rodas. Zhao Fengxia, um vizinho proprietário de três lojas, diz acreditar que os oficiais estavam usando o embelezamento olímpico como pretexto para estrangular seu negócio e pressioná-los para saírem. Feng Pan, 18, que ajuda seus pais na administração de uma loja de macarrão, aceitou a visão oficial com menos críticas. “Nós influenciamos a aparência da cidade”, disse ela. Muitas cidades buscaram refazer sua imagem ao receber eventos globais como as Olimpíadas. Pequim está fazendo uma das maquiagens mais caras do mundo usando a técnica de camuflagem. Ao longo do eixo central que vai do Portão Yongdingmen ao norte até a Torre do Tambor (Drum Tower), as autoridades estão fazendo seu melhor para dar uma nova cara à cidade, ou pelo menos para esconder tudo que tenha uma cara velha. Pequim gastou US\$130 milhões para restaurar edifícios, muitos deles templos no eixo de oito quilômetros, de acordo com o bureau de relíquias culturais da cidade. O Estádio Olímpico foi construído numa extensão norte do eixo tradicional – um aceno à importância histórica do evento. Nos caminhos que levam ao estádio, foram montados bloqueios com flores, grama e árvores.

O mais difícil - A parte sul do eixo provou ser mais difícil de embelezar. Ela corta vizinhanças densamente populosas ao sul da Praça Tiananmen, onde moram muitos dos migrantes e trabalhadores pobres da cidade. Para esconder vizinhanças criadas durante o re-desenvolvimento dos anos recentes, ou qualquer outra coisa que o governo considere feio, oficiais levantaram muros. Agora Song, sua esposa e sua filha de oito anos vivem atrás de um deles. Eles vivem aqui desde 1994, diz Song, alugando suas lojas a famílias das províncias. Eles moram em acomodações próximas dali. O quarto dos Songs quase não comporta a cama de casal onde eles dormem com a filha. Por trás do quarto está uma área devastada, com ervas daninhas e ruínas, que costumava ser uma favela. O local de Song sobreviveu enquanto a cidade demoliu a vizinhança historicamente pobre de Tianqiao e a transformou com shoppings, ruas mais largas e subdivisões. A situação de Song é familiar na agitação desta cidade mutante. Os desenvolvedores querem expulsá-lo, mas ele espera por mais dinheiro. Em 17 de julho, muitos trabalhadores deixaram uma pilha de tijolos vermelhos na calçada. Na manhã seguinte eles retornaram, usando sandálias e chapéus de palha, acompanhados pela polícia e oficiais locais. Eles começaram a trabalhar empilhando tijolos às 8:30 da manhã. O muro não subiu com facilidade. Após alguns breves empurrões, uma pequena demonstração se desenrolou. Song pendurou três bandeiras chinesas nos troncos das árvores – e três bandeiras brancas decoradas com o logotipo das Olimpíadas 2008. Um trabalhador migrante subiu numa escada e afixou um cartaz dizendo “Precisamos de direitos humanos!” Para assustar os oficiais, Song trouxe um grande cartaz com uma famosa fotografia de Mao sentado em uma cadeira de vime. “Ele pensou que Mao poderia fazer alguma coisa por nós”, brincou Zhao, o vizinho, que estava lá naquela manhã. Os pedreiros, eles próprios trabalhadores migrantes, trabalharam sob forte chuva. À medida que uma multidão de passantes se formava, a polícia amarrou uma fita policial ao redor dos choupos. Uma dúzia de homens ficou em volta, mantendo a situação sob controle. “Uma pessoa gritou, ‘Então vocês não permitirão que as pessoas se alimentem!’” Zhao lembrou. “Muitas famílias ganham a vida com essas lojas – mesmo que sejam pequenas.” Gu Dahua,

47, um fazendeiro da província de Anhui, veio com sua esposa há três anos. Eles vendem pentes, espelhos, meias e outros pequenos bens de consumo todos com preço de 1 yuan, ou cerca de 15 centavos de dólar. O muro não foi bom para os negócios. “Agora ficou difícil”, diz Gu. Dois quarteirões ao norte, outro estabelecimento ao longo do eixo foi fechado para os jogos. Os ancestrais de Sun Ruonan abriram uma padaria no eixo sul da Praça Tiananmen na década de 1940. A cidade tentou demoli-la no ano passado, para plantar grama e arbustos ornamentais ao lado da rota olímpica de ciclismo. Sun e sua irmã mais nova, Ruoyu, uma cidadã australiana, se recusaram a sair. “Não quero realmente me opor ao governo”, diz Sun, caindo em lágrimas. “Para aqueles de nós que atravessaram a Revolução Cultural, esta vida é o paraíso.” A cidade a pressionou para sair. Uma noite no ano passado, uma escavadeira invadiu o prédio. Vizinhos são pagos para vigiá-la, e eles notificam a polícia quando ela recebe visitas. Sun diz que oficiais tentaram forçar seu médico a parar de atendê-la. Seu prédio está caindo aos pedaços. O governo, pelo bem das aparências, colocou redes verdes em volta dele. Quando a corrida dos ciclistas passar por sua casa neste mês, os espectadores dificilmente irão notar os cartazes, implorando por ajuda, pregados à porta. “Estou pendurada aqui como um prego”, diz ela.

NOTICIA 21

Título: Protestos contra a China correm o mundo durante a abertura dos Jogos Olímpicos

Autor: AFP (Londres)

Fonte: AFP

Data: 09/08/2008

Texto: Atos contra supostas violações de direitos humanos ocorreram em dezenas de países. No Nepal, 800 manifestantes tibetanos foram presos.

Do Nepal a Londres, passando por Ancara e Hong Kong, a situação dos direitos humanos na China foi denunciada nesta sexta-feira (8) em todo o mundo, coincidindo com a abertura oficial dos Jogos Olímpicos de Pequim.

Enquanto milhões de pessoas no mundo assistiam à cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos, que começou exatamente às 20h08 locais (9h08 de Brasília), inúmeros protestos contra as supostas violações dos direitos humanos cometidas pelo governo chinês ocorreram em dezenas de países.

Em pleno palco do evento esportivo, três ativistas americanos pró-tibetanos realizaram um breve ato de protesto perto do estádio olímpico de Pequim, uma hora antes do início da cerimônia inaugural dos Jogos. Os três exibiram a bandeira tibetana, mas 30 segundos depois, as forças de segurança chinesas o abordaram e imediatamente o detiveram, segundo um comunicado do grupo Estudantes para um Tibete Livre.

No Nepal, a polícia anunciou a detenção de 800 exilados tibetanos que protestaram perto da embaixada da China em Katmandu.

"Queremos mostrar aos milhões de pessoas que vão assistir à cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos e aos centenas de atletas que no Tibete não existem os direitos humanos", afirmou Tashi Tsering, estudante tibetano.

Em Londres, cerca de 300 pessoas se reuniram nesta sexta-feira em frente à embaixada da China no Reino Unido, fortemente vigiada pela polícia, para denunciar a ocupação chinesa no Tibete.

Os manifestantes londrinos agitaram bandeiras e cartazes com a frase "Olimpíadas de Pequim = Olimpíadas do Genocídio", e gritaram pelo "fim do massacre". Na manifestação, o ativista Peter Tatchell convocou os britânicos a boicotarem os produtos chineses.

Em um ato espetacular, a organização Repórteres Sem Fronteiras (RSF) pirateou uma frequência de FM em Pequim para difundir mensagens em francês, inglês e mandarim, sobre a liberdade de expressão na China.

Pelo menos 150 monges tibetanos no exílio na Índia tentaram entrar nesta sexta-feira na área isolada da embaixada da China em Nova Délhi, tentando tirar as barreiras de aço e os alambrados instalados em volta do edifício.

Também houve protestos no mundo do esporte: cerca de 127 atletas, dos quais cerca de 40 participarão nos Jogos de Pequim, assinaram uma carta aberta ao presidente chinês Hu Jintao pedindo respeito aos direitos humanos, à liberdade de expressão e à liberdade de culto.

Em Ancara, uma pessoa tentou atear fogo em seu próprio corpo em frente à embaixada chinesa na Turquia, enquanto um grupo de chineses muçulmanos denunciou a repressão dos direitos humanos na China.

Cerca de 300 pessoas, em sua maioria refugiados uigures da região de maioria muçulmana de Xinjiang (noroeste da China), se reuniram em frente à embaixada de Pequim no centro de Ancara, segundo um fotógrafo da AFP no local.

Em Hong Kong, um britânico foi detido depois de ter escalado uma ponte e colocado dois cartazes a favor dos direitos humanos e da democracia que diziam "O povo da China quer liberdade" e "Queremos direitos humanos e democracia".

Ainda em Hong Kong, cerca de 40 ativistas pró-democracia protestaram nesta sexta-feira nos arredores da instalação olímpica de Hong Kong, onde estava sendo realizada uma recepção para os participantes das provas de hipismo, pouco antes da abertura oficial dos Jogos Olímpicos em Pequim.

"Queremos protestar contra o fracasso do governo chinês em seu compromisso feito há sete anos, quando o país foi eleito sede dos Jogos Olímpicos", indicou Emily Lau, fundadora do grupo The Frontier. "Queremos que a China honre o espírito dos Jogos Olímpicos, pondo em liberdade todos os dissidentes políticos, os advogados de direitos humanos e os grupos religiosos que deteve", indicou Lau.

Além disso, alguns líderes mundiais que viajaram a Pequim, entre eles o presidente americano, George W. Bush, e o presidente francês, Nicolas Sarkozy, abordaram também o tema dos direitos humanos na China.

NOTICIA 22

Título: Lições olímpicas: em Pequim, estádios e gastos monumentais

Autor: Jorge Luiz Rodrigues

Fonte: G1

Data: 04/10/2012

Texto: Jogos deram exposição, mas instalações deixaram dívidas e se tornaram elefantes brancos

RIO - Quatro anos depois dos Jogos Olímpicos-2008, embora seja possível notar melhorias expressivas no transporte público e na infraestrutura da capital chinesa, as instalações espetaculares construídas para o megaevento estão subutilizadas ou abandonadas, consumindo verbas públicas.

A liderança no quadro de medalhas, com 51 ouros, destronando EUA e Rússia, foi o grand finale para a nação anfitriã, que trabalhou durante sete anos para realizar o megaevento sem problemas de infraestrutura. Dias antes do início das competições, o presidente da China, Hu Jintao, discursou, pedindo ao mundo que não misturasse questões políticas com as competições. Num país que censurou sites contrários ao regime, isolou do mundo o Tibete desde os protestos de março de 2008 e pôs Xinjiang sob vigilância após ataque terrorista que matou 16 policiais antes dos Jogos, não houve como dissociar política e esporte durante as Olimpíadas.

O Partido Comunista quis impressionar o mundo com a pujança de uma nação emergente e mostrar aos chineses que o planeta os respeitava. Durante os 16 dias (8 a 24 de julho), o show distraiu a atenção da população de problemas como corrupção, arbitrariedades, falta de preservação ambiental e desigualdade de renda.

Pela primeira vez, a China teve de abrir suas fronteiras a qualquer cidadão que possuísse uma credencial olímpica. No entanto, o controle do governo sobre o Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos de Pequim-2008 foi total, com o ex-prefeito (nomeado pelo PC) Liu Qi no comando. Havia apenas dois funcionários estrangeiros: um húngaro e um senegalês. Às vezes, o Comitê Olímpico Internacional (COI) se via obrigado a intervir. O Serviço de Notícias Olímpicas se transformou em rara exceção. Foi terceirizado para a empresa holandesa Infostrada. Afinal, os chineses não são o que se pode chamar de especialistas em liberdade de informação.

De 2001 a 2008, as mudanças na cidade foram marcantes. Cerca de 80% das lâmpadas das ruas em volta dos locais de competição passaram a ter energia gerada por meio de captação solar. O mesmo aconteceu com 90% da água para a banho na Vila Olímpica.

A construção de cinco arcos rodoviários (o Rio ainda nem ganhou o seu) e de mais quatro linhas de metrô (aumentando o total para oito), os trens de suspensão magnética e o sistema de controle de tráfego beneficiaram o transporte. Faixas exclusivas para o deslocamento da família olímpica, além de férias escolares e de repartições públicas ajudaram o trânsito.

Novos bairros surgiram ao redor dos anéis viários. Como os das vilas Olímpica e de Mídia, erguidas em prédios com apartamentos de até quatro quartos, bem maiores do que o apertado padrão chinês. O slogan olímpico de 2008, “Um mundo, um sonho”, tomou conta da capital, que ganhou um aeroporto internacional novinho em folha, hoje, o segundo do mundo em volume de passageiros, superado pelo de Atlanta (EUA), a sede olímpica de 1996.

De 2002 a 2008, fábricas foram fechadas para melhorar a qualidade do ar. Mesmo assim, Pequim teve vários dias cinzentos durante o abafado verão olímpico. Hoje, o problema persiste.

Com os US\$ 34 bilhões (R\$ 68,79 bilhões) de investimento, Pequim ganhou 19 novos estádios, remodelou 13, adaptou 59 locais de treinos e construiu quatro pontos fundamentais: a Vila Olímpica, a

Vila de Imprensa, o Centro Principal de Imprensa (MPC) e o Centro Internacional de Rádio e TV. Ergueu novos estádios para o futebol, em Tianjin e em Qinhuangdao, e a marina para o iatismo, em Qingdao, a 600 quilômetros do Sul da capital.

O centro nervoso dos Jogos foi o Olympic Green (Verde Olímpico), com 1.135 hectares, a 22 quilômetros do Centro. Abrigou 13 dos 32 locais de competições, além da Vila, de um hotel seis estrelas, do MPC e do IBC. A atração principal foi o estádio Ninho do Pássaro, com 80 mil lugares, sede do atletismo, das finais do futebol e das cerimônias de abertura e encerramento. Ao lado, fica o ginásio, com 18 mil lugares, para ginástica, handebol e vôlei. Também com 18 mil lugares, o Cubo D'Água nasceu para ser futuro centro nacional de natação e abrigar ainda saltos ornamentais, nado sincronizado e polo aquático.

Hoje, a realidade é desanimadora. Tanto o Ninho quanto o Cubo se tornaram elefantes brancos. Em 2009, o Ninho recebeu a Corrida dos Campeões, que reuniu o heptacampeão de Fórmula 1 Michael Schumacher e o inglês Jenson Button, entre outros. Em 2010, foi palco da decisão da Supercopa da Itália, entre Milan e Internazionale. Abrigou o primeiro rodeio da China e o parque temático “Maravilhas do inverno”. Em junho passado, a administração estimou que seriam necessárias três décadas para recuperar os 3 bilhões de iuans (US\$ 480 milhões) gastos na construção.

O Cubo teve prejuízo de 11 milhões de iuans (R\$ 3,17 milhões) em 2011, mesmo com contínuo subsídio do estado. A instalação foi transformada em parque aquático de diversões.

Erros e acertos de Pequim e de sedes anteriores serviram para Londres planejar suas Olimpíadas.

— Barcelona (1992) e Munique (1972) conseguiram integrar instalações à vida da cidade, enquanto Pequim (2008) e Atenas (2004) tiveram problemas — disse ao GLOBO, em maio passado, Richard Burdett, diretor do LSE Cities, um centro de pesquisas da Escola de Ciências Políticas e Econômicas de Londres.

Quatro prefeitos, da eleição à realização - A partir de 13 de julho de 2001, quando Pequim precisou de apenas duas rodadas de votação para ser eleita sede das Olimpíadas-2008 com mais da metade (56) dos 105 votos dos membros do Comitê Olímpico Internacional (COI), a capital chinesa teve quatro prefeitos, que trabalharam desde a vitória da candidatura até a realização do megaevento.

Liu Qi, que assumira em 1999, foi o primeiro deles. Responsável pela campanha vitoriosa, governou até janeiro de 2003. Saiu da prefeitura para assumir os postos de secretário do Comitê Municipal de Pequim do Partido Comunista Chinês e de presidente do Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos-2008. Tornou-se mais influente nos Jogos do que seus sucessores. Foi ele que discursou nas cerimônias de abertura e encerramento.

Em janeiro de 2003, o PC apontou Meng Xuenong para suceder Liu. No entanto, Meng resistiu apenas três meses na prefeitura. O partido o defenestrou, juntamente com o então ministro da Saúde, Zhang Wenkang. Foram responsabilizados por falhas no combate à epidemia de gripe aviária.

Wang Qishan o substituiu em caráter emergencial em abril, sendo confirmado prefeito em janeiro de 2004. Acabou promovido no PC em 2007, chegando a vice-premier no ano seguinte. Guo Jinlong assumiu a prefeitura em 2007 e foi confirmado no cargo em janeiro de 2008. Comandou a cidade nos Jogos. Só saiu em julho passado, após renunciar.

NOTICIA 23

Título: China usa Jogos como pretexto para repressão, diz Anistia Internacional

Autor: AFP (Hong Kong)

Fonte: AFP

Data: 25/07/2008

Texto: Repressão a defensores de direitos humanos, jornalistas e advogados cresce, diz entidade. Relatório divulgado em Hong Kong prevê que Jogos deixarão um legado negativo.

Da AFP, em Hong Kong

A menos de duas semanas da abertura dos Jogos Olímpicos de Pequim, a China utiliza o evento para reforçar sua repressão contra os defensores dos direitos humanos e expulsar os "indesejáveis" de Pequim, lamentou nesta segunda-feira (28) a organização Anistia Internacional (AI).

"As autoridades utilizaram os Jogos como pretexto para intensificar as medidas e as práticas existentes que levaram a violações freqüentes dos direitos humanos", considerou a Anistia em um relatório apresentado nesta segunda-feira em Hong Kong.

"A repressão contra os defensores dos direitos humanos, os jornalistas e os advogados se intensificou devido à organização das Olimpíadas em Pequim", afirmou a organização de defesa dos direitos humanos, com sede em Londres.

"A menos que haja uma mudança radical das autoridades, o legado das Olimpíadas não será positivo para os direitos humanos na China", avisou a organização. A organização conclamou o Comitê Internacional Olímpico (CIO) e os dirigentes políticos a serem mais exigentes com Pequim, advertindo para medidas ainda mais repressivas depois dos Jogos.

A Anistia enumerou cinco medidas para melhorar a situação dos direitos humanos no país, já apresentadas em uma carta aberta enviada ao presidente chinês, Hu Jintao.

A organização exortou a China a "libertar todos os prisioneiros políticos, impedir a polícia de promover detenções arbitrárias, publicar a totalidade das estatísticas sobre a pena de morte e instaurar uma moratória das execuções".

A organização também pediu uma "liberdade total" para a imprensa em Pequim. Durante a preparação para as Olimpíadas, as autoridades intensificaram o uso da detenção administrativa, principalmente contra os militantes dos direitos humanos e os mendigos, denunciou a AI.

Em janeiro, Pequim lançou uma campanha contra "as atividades ilegais que abalam a imagem da cidade e perturbam a ordem social". Em maio, as autoridades aprovaram uma lei de "reeducação pelo trabalho". Em junho, as autoridades de Xangai ordenaram aos militantes e às pessoas que assinam petições que se deslocassem a delegacias de polícia a cada semana. Eles também foram proibidos de deixar a cidade sem autorização ou de viajar a Pequim durante os Jogos.

A perseguição contra os jornalistas também aumentou, segundo a AI, que citou estatísticas do Clube da imprensa estrangeira da China segundo as quais 230 repórteres e fotógrafos foram impedidos de trabalhar pelas autoridades este ano. Em 2007, este número era de 108.

Para a organização de defesa dos direitos humanos, "o perigo é que, depois das Olimpíadas, quando a comunidade internacional já não terá mais os olhos voltados para a China, as violações continuem ou até se intensifiquem".

7.2 Parte II – Íntegras das entrevistas feitas pela autora

ENTREVISTA 01

Entrevista com o sinólogo Belga-Canadense e professor da Universidade de Stanford, Eric Vanden Bussche

P.: Você já teve alguma experiência com mídia, trabalhando em algum veículo chinês?

R.: Sim. Eu, na verdade, não sou brasileiro, eu sou belga-canadense, mas passei a minha infância e a minha então adolescência no Brasil. Eu estudei na USP, fiz graduação em História, depois eu fui pra China, aprendi a língua e fiz o meu mestrado na Universidade de Pequim, em História Chinesa. E depois eu quis continuar morando na China, então eu trabalhei em um jornal chinês. Eles não me deixaram fazer cobertura política ou econômica, eles me colocaram para fazer cobertura sobre área cultural, esportes. Eu cobri duas copas do mundo para eles, futebol não me interessa muito, mas foi muito interessante esse convívio dentro de um jornal. Eu aprendi bastante como que o Jornalismo funciona na China etc. Eu passei dez anos na China, de 1997 a 2007, depois eu comecei a fazer meu Doutorado em Stanford, e agora estou terminando meu Doutorado aqui e estou dando também aulas em Stanford, em uma disciplina sobre nacionalismo chinês para graduandos em História na Universidade de Stanford há dois anos. É basicamente isso que eu estou fazendo agora.

P.: Eu vejo as Olimpíadas de Pequim como um divisor de águas, porque ajudaram a China a construir uma imagem diferente perante o Ocidente e o Brasil. Antes de a China sediar os jogos, aos países desenvolvidos e grandes líderes internacionais duvidavam da capacidade do país de organizar o evento com sucesso, assim como duvidam da capacidade do Brasil hoje em dia. Depois do evento, todos ficaram maravilhados e surpresos com o desempenho da China. Foi uma maneira de a China se posicionar como superpotência perante o mundo e reforçar a legitimidade do regime do Partido Comunista, em meio a tantos problemas internos. Você concorda com essa visão?

R.: Eu concordo com você. Eu vejo as Olimpíadas como a combinação de uma série de eventos e de uma conjuntura na China que começou a ser elaborada a partir do início dos anos 90, com dois objetivos. O primeiro objetivo é a projeção da China como potência econômica. E eu acho que isso ficou bastante claro na Capital. Pequim mudou completamente. Pequim, em 2008, é uma cidade moderna, cosmopolita etc., o que não era, por exemplo, na primeira vez que eu estive lá em 1991. E

mesmo quando eu voltei em 1997 para morar, Pequim ainda era uma cidade em desenvolvimento, você não poderia dizer que era uma cidade cosmopolita, não era como Shanghai.

Hoje você pode dizer que Pequim é uma cidade moderna no nível, por exemplo, de Nova Iorque, ou qualquer outra metrópole norte-americana. Esse foi o primeiro objetivo, essa projeção econômica. Também essa questão, projeção da China não só como potência econômica, mas também como potência política. Porque, na primeira vez que Pequim se propôs a sediar a Olimpíada, Pequim não conseguiu, não venceu, embora fosse uma das favoritas. Exatamente por causa dessas dúvidas que havia, se não me engano, em relação à questão política, ou seja, a questão dos direitos humanos etc., mas também a China, que era uma potência considerada em ascensão regional na época, gerava aquela dúvida: será que a China tem estabilidade política ou deve entrar em colapso? Essa era uma pergunta que era feita com bastante frequência até meados da década de 90, desde quando Deng Xiaoping faleceu e houve essa transição, não houve abalos políticos ou econômicos na China. Foi quando começou a ficar bastante óbvio que a China estava em ascensão e, então, não entraria em colapso. E que, mais especificamente, ia aderir a uma transição política pacífica em 2002/2003, que é o que acabou ocorrendo: a primeira transição pacífica, da geração do Jiang Zemin para a geração do Hu Jintao.

E o segundo ponto é a consolidação de um projeto ideológico do Partido Comunista chinês no âmbito doméstico. Ou seja, a revolução cultural literalmente acabou com a febre chinesa com a ideologia comunista. A partir da década de 70, ninguém mais acreditava no socialismo como uma ideologia que iria levar a China a um status de potência econômica e política no mundo. Então o que aconteceu a partir do início da década de 80, quando Deng Xiaoping começou aquele projeto de abertura econômica etc., o Governo chinês passou a tentar a transformar o nacionalismo em ideologia de Estado. E eles conseguiram isso. Na década de 80, ainda era um projeto que estava germinando etc., e começou a criar raízes a partir de meados da década de 90. As Olimpíadas representam a culminação desse projeto. Ou seja: uma China nacionalista, uma China na qual o nacionalismo substituiu o socialismo, a ideologia política, como a ideologia de Estado. Foi a substituição de uma ideologia política por uma ideologia de identidade nacional. Essa transformação acabou gerando efeitos colaterais, com os quais o Partido Comunista está extremamente preocupado. E o maior efeito colateral disso é o surgimento do nacionalismo popular, no final da década de 90. Muitas pessoas que foram até a China tiveram dificuldades de entender essa distinção entre nacionalismo de Estado e nacionalismo popular.

Em 1999, quando as forças da OTAN lideradas pelos Estados Unidos bombardearam - eles dizem acidentalmente - a embaixada da China em Belgrado, na Iugoslávia, houve a primeira manifestação de nacionalismo popular, em frente à embaixada norte-americana. Foram três dias em que os estudantes chineses jogaram pedras, garrafas com tinta etc., na embaixada norte-americana. Na época foi muito interessante ver a cobertura da imprensa internacional em relação a esses eventos. A cobertura acusava o Governo chinês de estar fomentando esses protestos. Eu estive na China neste período e fui aos protestos. A impressão que eu tive foi exatamente o contrário: o Governo chinês não estava fomentando esses protestos, não estava estimulando esses protestos. Muito pelo contrário: eles

estavam tentando restringir esses protestos. Eles sabiam que não poderiam dizer aos estudantes para voltar para os seus dormitórios e proibí-los de fazer uma manifestação em frente à embaixada. Então eles tentaram, por exemplo, controlar a manifestação, levaram ônibus até as universidades chinesas, para levar os estudantes até a embaixada norte-americana.

O interessante foi que muitos jornalistas achavam que isso mostrava um estímulo do Governo aos protestos. Mas, ao contrário, o Governo estava dessa forma controlando, fazendo o que os ingleses chamam de “damage control”, ou seja, evitar que os protestos acabem se espalhando pela capital e que os estudantes acabassem elegendo o Partido Comunista como alvo. Porque, nessas manifestações, muitos estudantes criticaram o Partido Comunista por não estar respondendo de forma mais agressiva ao Governo norte-americano. O que acaba acontecendo é que esses protestos bebem da ideologia oficial nacionalista chinesa, mas ao mesmo tempo adotam uma postura extremamente crítica ao Governo chinês, por não estar projetando a influência chinesa, o poderio chinês, na esfera internacional. Ou seja, é toda essa questão de “o Ocidente está tentando nos humilhar de novo, o Ocidente está tentando barrar a atenção da China e o nosso Governo não está fazendo nada em relação a isso.

Então a partir desse momento, a partir de 99, você tem - na década seguinte - uma série de protestos nacionalistas por parte dos estudantes, semelhantes ao que ocorreu em 99, e que, aos poucos se tornam mais e mais críticos em relação ao Governo chinês. Eu acho muito interessante, se nós olharmos, por exemplo, aos protestos nacionalistas que ocorreram no ano passado contra o Japão, em setembro, uma coisa que eu achei extremamente interessante foram os retratos de Mao Tsé-Tung que os manifestantes estavam carregando. Essa foi a primeira vez que eu vi tantos retratos de Mao Tsé-Tung em uma manifestação de nacionalismo popular.

P.: Interessante porque o Mao Tsé-Tung foi o idealizador do nacionalismo de partido? Foi ele que estimulou a associação do Partido Comunista ao nacionalismo?

R.: Sim, mas eu acho que durante a época de Mao, o nacionalismo foi colocado em segundo plano. Havia uma ideologia muito mais de solidariedade em relação ao Partido Comunista. O Partido comunista tinha uma postura muito mais universalista do que nacionalista. Aquela questão de “vamos nos unir e nos ajudar nos movimentos de libertação” na África, por exemplo, do imperialismo europeu. Não havia essa fúria nacionalista contra o Japão, por exemplo. A questão do massacre de Nanquim, por exemplo, foi colocada de baixo dos panos durante a época maoísta, porque a época maoísta enfatizava a revolução permanente. Essa foi a ideologia por trás, por exemplo, dos grandes saltos para a frente, da revolução cultural etc. O que eu acho interessante, esse resgate por parte dos manifestantes chineses no ano passado, para mim foi uma crítica velada ao PCC, que estaria se afastando dos ideais de Mao, que incluíam acabar da desigualdade social, da desigualdade econômica etc. Então esses manifestante, que na maior parte tinham menos de 30 anos, quer dizer, nasceram no período pós-revolução cultural, pós-reforma. Então a ideia que eles têm da era maoísta é de que era uma era sem desigualdades sociais. Esses retratos de Mao, na verdade, mostravam que os manifestantes estavam utilizando os protestos não apenas para criticar o Japão e para retratar a fúria

nacionalista, mas também como uma forma de criticar o Governo. E essas críticas, era possível percebê-las desde o final da década de 90, em 99 com aqueles protestos. Só que desta vez elas aos poucos se tornaram mais e mais abertas, o que também reflete o momento econômico da China, em que um dos grandes problemas até hoje é a desigualdade social e econômica. É um problema que se acentua na última década, não era uma coisa discutida na década de 90.

Nesse sentido, sim as Olimpíadas serviram como divisor de águas. Porque você percebe muito claramente que hoje, principalmente os protestos nacionalistas do ano passado tinham essa crítica ao Partido Comunista, que é feita de forma muito mais aberta, e os manifestantes são muito mais audaciosos do que eram, por exemplo, em 99. E o PCC está tendo muita dificuldade em lidar com esses protestos hoje do que tinha há dez anos, por exemplo.

P.: Essa maior dificuldade se deu por causa da maior visibilidade que a China está tendo no cenário internacional?

R.: Eu acho que esse é um dos fatores. Mas também outro fator é que a desigualdade social está se tornando mais visível hoje na China. Não porque as pessoas estejam ficando mais pobres, mas sim porque o nível de vida das pessoas está aumentando. Eu acho que hoje até mesmo as regiões no Oeste da China, longe das regiões costeiras, estão sendo desenvolvidas de forma até extremamente veloz. O grande problema é essa percepção da população de que hoje eles não vão ter tantas oportunidades econômicas quanto a geração anterior. Por exemplo, para a geração anterior, era muito mais fácil arrumar emprego com melhor remuneração, o preço dos imóveis também era mais baixo.

Então se você observar a nova geração, ela está tendo muito mais dificuldade em se firmar economicamente. Por exemplo, é muito mais difícil você arrumar um emprego, mesmo tendo um diploma universitário. Os salários hoje estão mais baixos e o custo de vida está aumentando, a inflação está aumentando etc. Então há essa preocupação da nova geração de que eles não poderão ter um nível de vida tão bom quanto os pais deles tiveram.

P.: O engraçado é que as pessoas de fora acham que é justamente o contrário: que a China está crescendo cada vez mais, que os salários estão cada vez maiores, que o nível de vida das pessoas é cada vez mais alto...

R.: Na verdade o nível de vida das pessoas está aumentando, mas o grande problema é que a qualidade de vida está diminuindo, porque o aumento dos salários não está acompanhando o ritmo da inflação, por exemplo. Comprar um apartamento - que é um pré-requisito para as pessoas que querem casar - hoje é quase impossível com o salário que eles ganham. Por exemplo, há dez anos era muito fácil você comprar um apartamento na China pagando quatro Renminbi por metro quadrado. Hoje, em Pequim, se há dez anos o metro quadrado estava na faixa de quatro mil Renminbi, hoje é quarenta mil Renminbi. Hoje, uma pessoa que ganha um salário considerado de classe média nunca vai conseguir comprar um apartamento por esse preço, embora o salário dele esteja aumentando. Esse é o paradoxo que você encontra na China: se por um lado a China está se desenvolvendo, está crescendo e mais

pessoas estão saindo da pobreza, por outro lado você tem uma concentração de renda muito maior nas mãos de poucas pessoas.

E há também essa percepção que, por exemplo, líderes comunistas hoje estão se beneficiando e enriquecendo, enquanto o resto da população está tendo que batalhar para conseguir alguma coisa na vida. Outro problema também foi a reforma constitucional o início da década passada: aumentou o número de vaga nas universidades, porque tinha-se o objetivo de aumentar o acesso da população ao ensino superior, o que foi - em teoria - uma ótima medida. O problema é que o mercado de trabalho não está conseguindo absorver todos esses trabalhadores. Então você acaba tendo maior competitividade para conseguir entrar, e os salários das pessoas que estão começando são mais baixos do que os salários há três anos, se você considerar o nível da inflação etc. Eu tenho colegas do meu jornal que o salário deles hoje é mais ou menos a mesma coisa daquilo que ganhavam há dez anos. Então como você vai conseguir comprar um apartamento, lidar com o aumento da inflação, se você não tem um aumento no piso salarial.

É disso que os manifestantes estão reclamando. Isso começou a ficar bastante visível a partir da segunda metade da década passada, justamente na época das Olimpíadas. Você tem Pequim, que hoje é uma cidade extremamente cosmopolita, moderna, uma metrópole, mas para comprar um apartamento de dois quartos, por exemplo, as pessoas precisam pegar todas as economias da família e investir no apartamento. Por exemplo o meu vizinho do apartamento onde eu moro com a minha esposa lá na China, mora em um prédio considerado de classe média alta. Num apartamento de dois quartos moram três gerações da família dele. Ou seja, os pais dele e os filhos dele moram lá. Se a classe média alta está sofrendo com isso, imagina as classes mais baixas da população.

P.: Mas e esses problemas que ficaram mais visíveis na época das Olimpíadas foram, de certa forma, abafados com o desempenho da China, com os elogios que o país recebeu por causa da boa organização das Olimpíadas?

R.: Talvez essa fosse a percepção da imprensa internacional e das pessoas que estiveram na China naquele período. Mas a população em geral sabe que, apesar dos elogios etc., é bastante crítica e percebe esses problemas. Então eu acho que o Governo não tentou abafar nada. Obviamente durante as Olimpíadas a população esteve engajada. Mas muitos chineses estiveram decepcionadas com a forma com que o Governo lidou com as Olimpíadas. Achavam que o PCC estava usando esse evento para mostrar uma China para os estrangeiros que na verdade não correspondia à realidade.

P.: Os Jogos Olímpicos não tiveram, então, um impacto positivo no nacionalismo chinês?

R.: Eu não sei se podemos colocar isso assim, em questões de positivo ou negativo. Eu acho que não teve impacto. O que teve maior impacto foi o que aconteceu nos meses antecedentes às Olimpíadas, em que houve todos aqueles protestos quando a tocha olímpica estava fazendo o seu caminho para Pequim. Isso fez com que houvesse protestos de nacionalismo popular em frente ao Carrefour de Pequim, por exemplo. Na época eu já estava em Stanford, e um dia eu estava passando pelos dormitórios onde os estudantes de graduação moram e, na janela de muitos apartamentos onde

chineses moravam, havia a bandeira da China. E também quando eu abria o meu messenger, havia sempre ao lado dos nomes de amigos chineses a frase “Love China”, novamente aquela ideia que o governo chinês lança na cabeça dos chineses desde o jardim de infância de que, a partir da Guerra do Ópio, 1839/1840, os ocidentais estão tentando destruir a China, estão tentando criar problemas, obstáculos para a ascensão da China no âmbito internacional. Aquele sentimento meio de paranóia do Governo chinês.

Nesse sentido, o que aconteceu antes das Olimpíadas serviu muito mais para reforçar esse nacionalismo, esse discurso do Partido Comunista, e também esse sentimento de nacionalismo popular por parte da população. Mas eu acho que, como há essa tensão entre o nacionalismo popular e o nacionalismo de Estado, isso não necessariamente foi algo benéfico para o regime chinês.

P.: Mas durante os Jogos Olímpicos, muitos protestos e questões polêmicas que eclodiam na China não foram divulgados pela mídia. Eu imagino que os jornalistas ocidentais que estavam lá tiveram dificuldades de cobrir os jogos por causa da censura promovida pelo Governo, mesmo tendo prometido reduzi-la. Como isso se deu?

R.: Para o Governo chinês, as Olimpíadas eram o “evento do século”. O simbolismo que as Olimpíadas carregavam para o Governo chinês era extremamente importante. Então é por isso que, por um lado, houve o relaxamento da censura, mas por outro o Governo chinês também quis ficar muito mais atento contra essas manifestações contra o Governo etc., que acabaram ocorrendo em alguns pontos, mas que o Governo conseguiu abafar, eu diria, com bastante sucesso. E também havia outros problemas, por exemplo, muitos residentes de Pequim estavam extremamente chateados porque seus bairros acabaram sendo completamente destruídos para que fossem erguidos novos prédios para as Olimpíadas etc. Houve também o questionamento das pessoas em outras regiões da China, de que o Governo estaria priorizando os investimentos para Pequim, investimentos que deveriam ser canalizados para regiões menos desenvolvidas. Então houve esses questionamentos. Mas as diretrizes da imprensa chinesa eram: “ênfatem a importância das Olimpíadas”. Eles precisavam mostrar que as Olimpíadas na verdade representavam a entrada da China no clube seletivo das potências mundiais, clube que inclui, além da China, apenas os Estados Unidos. Isso na visão chinesa.

P.: Eu sei que na China existem dois tipos de imprensa: os jornais vinculados diretamente ao Partido e os veículos privados. Houve uma diferença nas coberturas desses dois tipos de Jornalismo na China? E também no caso de sites como o CCTV e o China Daily, que têm também uma versão em inglês, voltada para os estrangeiros, houve também uma diferença?

R.: Sempre há uma diferença entre as mídias em inglês e chinês, porque eles falam em tons diferentes. O conteúdo, eu diria, não é tão diferente assim. O que difere mais é a forma de apresentação desse conteúdo. O Governo chinês finalmente percebeu que, usando a mesma retórica que direcionam aos chineses para os estrangeiros, isso acaba se tornando ridículo. Agora, em relação a essas empresas de mídia, a maioria das empresas de mídia na China são controladas pelo Governo. Você tem, obviamente, essas organizações, principalmente esses websites, como Sina.com, Sohu.com etc. Essas

mídias privadas, embora não estejam sob o controle do PCC, precisam aderir às diretrizes do Partido, se não elas são fechadas.

Por exemplo, eu trabalhava no Soho.com em 2006, e foi muito interessante porque, toda semana o diretor de Jornalismo tinha que ir se encontrar com membro do regime chinês e recebiam uma lista diariamente de temas que podiam ser noticiados e outros temas que teriam que ser abafados. Sejam empresas com capital privado etc., elas funcionam de uma forma extremamente semelhante. Outro exemplo, quando eu estava fazendo a cobertura da Copa do Mundo de 2006 para um site chinês, eu fui elogiado pelo meu chefe. Ele mandou um e-mail para todos os jornalistas me elogiando, mas o elogio era extremamente engraçado. Por exemplo: “o Eric trabalha muito e encarna esse nosso espírito socialista.” Então parecia que eu era aquele modelo do jornalista socialista que o regime Comunista queria.

Esse ambiente no qual os jornalistas chineses trabalham nas empresas privadas, essa retórica, tem uma forma de fazer Jornalismo quase idêntica aos veículos que são do Partido. Eu diria que alguns jornais que pertencem ao Partido são muito mais audaciosos do que as mídias privadas, porque as mídias privadas querem evitar problemas com o Partido, porque se o PCC quiser, ele pode simplesmente fechar, bloquear o website... acaba então causando um enorme prejuízo econômico.

Com as mídias que pertencem ao Partido é diferente. Por exemplo, recentemente houve aquela greve em um jornal na China por causa da mudança naquele editorial comunicativo. Por parte desse Jornalismo mais audacioso, embora esse jornal já pertença ao PCC da província de Guangdong, eles também são orientados a fazer dinheiro. Então como você faz dinheiro? Você não faz dinheiro em vendas de um jornal que reproduza exatamente o discurso do Hu Jintao e do Xi Jinping. Então eles acabaram usando o modelo de outros tablóides que são campeões de venda, porque em vez de falarem da visita dos líderes à província, eles fazem reportagens investigativas em outras províncias, sobre o problema da AIDS na província de Henan, por exemplo os abusos do governo local na província de Sichuan. Isso fez com que jornais como esse se tornassem os mais lidos na China. Por exemplo, a maioria das pessoas leem esse jornal, mas não leem o Diário do Povo (na China, People's Daily).

No caso da CCTV e o China Daily, há um controle muito maior do Governo, exatamente porque são jornais de projeção nacional. A CCTV tem literalmente um monopólio - talvez monopólio seja uma palavra muito forte - mas eles são controlados diretamente pelo Governo Central e não por províncias locais. Então precisam ser extremamente fieis às diretrizes do Governo. Só quando, por exemplo, há duas semanas quando o nível de poluição de Pequim estava tão grande que até mesmo a CCTV e o China Daily comentaram sobre isso. Mas isso é uma raridade, é muito difícil você ter críticas muito abertas ao Governo nesses jornais. E acaba acontecendo de sair uma crítica aqui ou lá, de uma forma bastante sutil, que representa muitas vezes uma dissidência dentro do próprio PCC.

P.: Em quase todas as reportagens do CCTV do China Daily relacionadas às Olimpíadas e, mais especificamente, às cerimônia de abertura, aquele primeiro momento que surpreendeu o mundo e, ao mesmo tempo chocou por algumas questões polêmicas - como o caso da menina que cantou escondida e foi dublada por outra considerada mais “bonita” pelos padrões chineses - que no

Ocidente são muito criticadas, mas que na China são, algumas vezes, consideradas normais. Nenhuma dessas questões foi abordada por esses dois sites. Pelo contrário, os sites só elogiavam o desempenho da China nas Olimpíadas. E para legitimar o discurso, sempre citavam elogios à China por parte de líderes internacionais, em detrimento de líderes chineses. Você acha que isso tem a ver com essa forma de direcionar o discurso aos ocidentais diferentemente da forma com que falam aos chineses?

R.: Em primeiro lugar, os chineses sempre procuram legitimar o discurso com comentários de líderes estrangeiros. Se você tem, por exemplo, o ex-presidente norte-americano elogiando a organização dos jogos, isso de certa maneira tem um peso enorme para mostrar: “olha, a China está no mesmo patamar dos norte-americanos, porque as autoridades norte-americanas nos elogiaram”. Os chineses, para eles, há uma hierarquia. Então quando você tem a palavra de um governante estrangeiro, ela vale mais que a palavra, por exemplo, de um cidadão chinês, nesse sentido. Isso é um primeiro ponto.

Mas há também outra questão. Como as Olimpíadas foram organizadas pelo Governo etc., então eles querem mostrar que a China organizou o evento segundo critérios internacionais, estabelecidos pela comunidade internacional. Eles querem também mostrar que a China joga conforme as regras do jogo da comunidade internacional. Obviamente é, de certa maneira uma forma hipócrita de colocar, porque quando as regras internacionais convêm ao PCC, eles estão muito contentes em aderir a elas e mostrar que aderiram a elas. E quando, por exemplo há críticas como direitos humanos etc., coisas que são criticadas pela comunidade internacional, eles deixam de lado.

P.: E em relação à cobertura brasileira, que foi extremamente crítica às Olimpíadas da China, apesar de ter também momentos de elogio. Mas questões como a censura aos jornalistas brasileiros, o gasto excessivo com os jogos e outros assuntos que não foram abordados pela mídia chinesa, estiveram muito fortes aqui no Brasil. O que o Brasil pode tirar de lição dessa cobertura? Você acha que nos Jogos de 2016 vai ser diferente?

R.: Um dos problemas não só da mídia brasileira, mas também da mídia estrangeira que vai fazer uma cobertura, é que os jornalistas já chegam na China com esses estereótipos: “a China é um país comunista, tem ditadura de Partido, tem a violação dos Direitos Humanos”... Isso acaba, obviamente, refletindo na pauta das coberturas dos veículos de comunicação. Eu concordo com o que foi escrito na mídia brasileira, de que havia censura, havia questões que envolviam direitos humanos, mas eu acho que a mídia brasileira não colocou isso num contexto apropriado, quer dizer, isso apenas serviu para reforçar os estereótipos da China. Eu acho que não houve um esforço, talvez pelo fato de não haver conhecimento por parte dos jornalistas, de olhar outras questões referentes aos jogos e à China e colocar essas questões de Direitos Humanos, de nacionalismo... poderiam ter falado mais do desenvolvimento de Pequim. Por exemplo, se por um lado, melhorou a infraestrutura com a extensão do metrô, por outro foram destruídos prédios antigos, teve a questão do patrimônio histórico... são questões que não foram muito bem abordadas pela mídia brasileira. Não só pela mídia brasileira, mas também pela mídia internacional. Eu acho que o grande problema é exatamente esse.

Uma das coisas coisas que mais me chamou a atenção foi uma coluna publicada na Folha de São Paulo na terceira página, aquela página “tendências e debates”, um artigo que foi escrito por um pesquisador chinês que estava pesquisando o Brasil na época das Olimpíadas e por um professor, acho, da Unesp, falando do nacionalismo, do significado das Olimpíadas para o nacionalismo chinês, falando que o Ocidente não precisa se preocupar com o nacionalismo chinês... eu não me lembro exatamente das palavras e argumentos utilizados, mas era uma coluna bastante favorável e positiva em relação à China.

E eu acho que isso mostra essa tendência que temos não só no Brasil mas nos EUA e na Europa também, da mídia publicar artigos que ou alimentam as pessoas que odeiam o regime chinês ou alimentam o outro extremo, de “a China está se desenvolvendo, há certos abusos de direitos humanos, problemas de poluição, mas temos que ter paciência com isso porque a China está se esforçando ao máximo. Então você tem esses dois lados. É muito difícil você encontrar, por exemplo, artigos que eu iria denominar de “meio-termo”, ou seja, que abordam de forma mais crítica e mais profunda certas questões, que englobem tanto o lado positivo quanto o negativo, mas que contextualizam muito melhor o que está acontecendo. Então eu acho que isso é um grande problema.

Eu acho que, por exemplo, em relação às Olimpíadas de 2016 no Brasil, os artigos que serão publicados pela mídia estrangeira provavelmente também serão artigos cheios daqueles estereótipos do Brasil. E infelizmente é muito difícil você evitar que isso aconteça.

P.: Na China houve um engajamento popular, como você mesmo falou, apesar das críticas, a população esteve engajada nos jogos, não só na parte dos esportes, mas também com a construção, se preocupando com a imagem internacional da China. No Brasil eu acho que isso não acontece da mesma maneira. Você acha que isso tem a ver com as diferenças entre o nacionalismo brasileiro e chinês? Talvez um enfraquecido nacionalismo brasileiro face a um nacionalismo chinês mais forte?

R.: Eu não utilizaria esses termos. Eu não diria que o nacionalismo brasileiro é fraco. Eu acho que há uma diferença em relação à forma com que o brasileiro presta o seu nacionalismo, e também em relação as raízes ideológicas do nacionalismo brasileiro e as raízes ideológicas do nacionalismo chinês, e a forma como os chineses prestam o seu nacionalismo. Por exemplo, se você perguntar para um chinês o que é nacionalismo, ele não vai saber te responder. Provavelmente a resposta que ele vai dar é que o nacionalismo chinês é mostrar a força da China na esfera internacional. É se posicionar contra os esforços do Governo norte-americano e do Ocidente em tentar barrar a ascensão da China. Mas o nacionalismo chinês funciona mais no sentido de identidade nacional.

P.: Parece que no Brasil, e no Ocidente como um todo, o nacionalismo é mais individualista, diferente do nacionalismo chinês, que prioriza os interesses da coletividade. É isso mesmo que acontece?

R.: Eu não diria que são os interesses da coletividade. Eu diria que é mais uma questão de percepção do seu país como potência no âmbito internacional. Eu acho que não é possível falar em nacionalismo

chinês. Você tem que usar o termo no plural: são nacionalismos chineses. Porque na China você tem também nacionalismos étnicos. Então como você define a China? Se o nacionalismo é uma expressão de identidade, qual é a identidade dos chineses? Essa percepção do que é ser chinês varia de região para região, e varia de grupo étnico. Então é muito difícil você estabelecer o que é o nacionalismo chinês. É por isso que o Governo chinês simpatiza tanto com esse caráter anti alguma coisa. Ou seja, antiocidental, antiimperialista etc. E também porque todo esse discurso nacionalista chinês está enraizado nessa ideia de que a China viveu um “século de humilhação nas mãos das potências ocidentais e que 49 marcou o início do ressurgimento da China como uma potência no âmbito mundial.

P.: Você acha que essa cobertura dos sites chineses feita em inglês, voltada para o exterior, teve um impacto importante na construção de uma identidade internacional da China como potência econômica?

R.: De certa maneira sim, só os chineses têm uma dificuldade muito maior de projetar a sua imagem, exatamente por causa dos estereótipos do Ocidente de que a China vive um regime ditatorial e que tudo o que está escrito na mídia... porque a mídia literalmente é papagaio, funciona como braço do Governo. Então, de certa maneira, essas publicações como o China Daily e o website em inglês do People's Daily funciona para alimentar essa ideia de que a China está crescendo economicamente etc. Mas eu acho que ainda há uma certa desconfiança dos leitores em relação às informações que esses sites publicam. Por isso é muito mais difícil ter o impacto que essas mídias e o Governo desejam.

ENTREVISTA 02

Entrevista com o correspondente brasileiro do SPORTV na China, Edgar Alencar.

P.: Como foi a cobertura chinesa das Olimpíadas de Beijing voltada para os chineses? Quais os principais aspectos abordados? Houve espaço para a crítica ou apareceram apenas os elogios à China e ao modo como organizou o evento? E como foi a cobertura da mídia chinesa escrita em inglês, voltada para os estrangeiros (referências: site do CCTV, China Daily)? Foi diferente da cobertura veiculada na mídia interna? Foram enfatizados outros aspectos e, se foram, quais?

R.: Quando se fala em mídia chinesa, é importante observar alguns pontos. Liberdade de expressão, especialmente no conceito que temos no Brasil pós-Ditadura, ampla e irrestrita, é algo que não existe na China. A relação entre meios de informação e Estado é muito mais próxima, quase visceral. No caso das televisões, por exemplo, não existe um modelo como o de concessões. Os canais são estatais e basicamente só variam entre as opções da CCTV (a gigante estação central do governo) e as televisões locais de cada província.

No meio impresso, entretanto, a situação um tanto diferente. Ainda que as notícias oficiais ainda sejam produzidas pelas agências oficiais, já há vários jornais que pertencem a grupos privados e que

sobrevivem com meios e anúncios próprios, sem subsídio do governo. É exatamente este quadro que muda todo o panorama da cobertura midiática chinesa. Ainda que estes periódicos privados não façam exatamente um papel de fiscalização dos órgãos públicos, como se vê comumente o papel da mídia, existem sim nestas páginas espaços para artigos de reflexão e até questionamentos a determinadas posições das diferentes instituições de poder.

Num exemplo aplicado como a cobertura de uma edição dos Jogos Olímpicos, o modelo segue este panorama, seja em língua nativa ou em inglês. A cobertura factual não mais esconde fatos como ocorreu no Massacre da Paz Celestial, em 1989, todas notícias foram mostradas, até mesmo os protestos ocorridos durante a passagem da tocha olímpica, tão constrangedores ao governo. Importante observar aqui que especialmente a mídia esportiva conquistou uma liberdade até maior do que as demais no campo da cobertura jornalística.

Anos antes das Olimpíadas de 2008, por exemplo, foi um jornal de Pequim que revelou um escândalo de corrupção e jogos arranjados no futebol do país. O caso se estendeu por anos e hoje mesmo as televisões noticiam as condições e até prisões dos envolvidos.

Nada disso, porém, diminui o argumento inicial de que a liberdade de expressão ainda está longe de ser uma realidade na China. Ainda hoje a vigilância sobre as notícias é diária, jornais e sites estrangeiros são frequentemente bloqueados para acesso na China depois de noticiarem reportagens considerados sensíveis pelo governo e mesmo correspondentes no país sofrem com retaliações e até têm seus vistos negados em algumas ocasiões. Estes fatos são muito comuns na editoriais de economia e política internacional.

P.: Como a mídia chinesa se posicionou face às críticas internacionais ao descaso com os direitos humanos, em casos polêmicos como as revoltas do Tibete, que antecederam os Jogos?

R.: O caso do Tibete, mesmo antes dos episódios que antecederam os Jogos Olímpicos, já está estabelecido. Seja em qual for o meio, eletrônico ou impresso, este é um discurso conhecido e repetido a exaustão pelo governo. Não é raro ler ou ouvir nas mídias chinesas a figura do Dalai Lama ser tratada como "líder separatista" ou mesmo um "terrorista". A visão ocidental que se tem de um Tibete de monges, calmo e ordeiro só em busca da liberdade não é a mesma na China continental. Em todas as gerações, mesmo nas mais jovens, que contestam abertamente a importância de Mao Tse-Tung, por exemplo, se ouve o discurso oficial incorporado. A controvérsia do Tibete é um caso que os chineses claramente não têm um posicionamento imparcial, assim como a mídia ocidental também com a mesma clareza não tem um entendimento completo da questão, considerando os argumentos do Partido Comunista.

P.: Na sua opinião, quais as principais características da cobertura brasileira das Olimpíadas de Pequim e o modo como foram organizadas pelo país? Que aspectos foram mais enfatizados, além do que dizia respeito especificamente ao desempenho das equipes e dos atletas? Em que pontos ela foi semelhante ou diferente da cobertura feita por os outros países ocidentais?

R.: Penso que a cobertura brasileira dos Jogos Olímpicos de Pequim explorou tudo o que podia de um evento que tinha como prerrogativa um ineditismo em tantos aspectos. Na questão do desempenho de atletas, a discussão fica mais restrita a linhas editoriais, mais ou menos ufanismo; mas entendo que não faltou nada no leque de pautas das diferentes equipes e mídias que trabalharam na capital chinesa. Entendo que houve um peso mais claro e até obrigatório, do ponto de vista jornalístico, no aspecto cultural. Reportagens em todos os veículos procuraram "casar" os resultados dos atletas com aspectos que pontuam o dia-a-dia do país. Foi, sem qualquer receio na expressão, a primeira vez na história em que o país abriu a sua porta da frente, por assim dizer, para toda a mídia internacional. Houve sim matérias, em especial artigos de jornais e sites, questionando a veracidade de tudo aquilo considerando os números obscuros de sentenças de morte e outros dados sensíveis do governo chinês. Mas não senti em nenhuma cobertura específica alguma preocupação mais obstinada neste sentido, e credito isso ao próprio interesse do público e dos leitores. Assim como me lembro de reportagens que levantavam as relações diplomáticas complicadas do país sede com Taiwan, Japão e Estados Unidos, vi com muita clareza como os repórteres brasileiros e de todo lugar noticiando diariamente o esforço acolhedor de um povo ainda desacostumado com tanto contato estrangeiro.

P.: Em que medida a cobertura das olimpíadas feita pelos jornalistas brasileiros se assemelhava ou diferia das matérias chinesas produzidas para divulgação internacional?

R.: Penso que a cobertura de brasileiros e chineses se encontrou na medida em que as pautas de choques culturais naturalmente se cruzaram. Se os brasileiros tanto trabalharam para mostrar ao seu público os costumes, os problemas com a língua, a culinária, entre outros aspectos desta natureza, também os meios chineses tentaram traduzir a seus leitores, ouvintes e telespectadores o fascínio com tantos convidados de tão diferentes lugares. Enfatizo aqui que, mesmo antes, bem antes dos Jogos Olímpicos, as marcas, empresas e produtos ocidentais já ocupavam as prateleiras e mentes dos chineses, em especial dos mais jovens; mas foi este o primeiro evento de maior impacto que pode atingir tanto a população urbana, obviamente mais acostumada a toda invasão capitalista ocidental, quanto aos moradores das áreas rurais, estes mais isolados, mas ainda representantes de uma parcela gigantesca da população - praticamente metade do bilhão de chineses que ocupam toda a área do país.

P.: Qual você pensa que será a tendência da mídia brasileira ao comparar o Brasil e a China como dois países que foram escolhidos para ser sede das Olimpíadas, no que diz respeito à capacidade de organizar o evento e o contexto político mais ou menos democrático do país e do processos dessa organização?

R.: Acredito que Pequim não será o primeiro parâmetro de comparação das mídias brasileiras na comparação com o Rio de Janeiro como duas cidades sedes de Jogos Olímpicos. Mas vejo claramente que este é um parâmetro importante e obrigatório neste contexto. Por um lado, é o país que pode servir como comparativo mais recente de uma edição das Olimpíadas fora do primeiro mundo se forem consideradas as mais recentes, mas há também a inevitável questão de ser uma economia de estado, com uma realidade política abissalmente diferente da brasileira.

Entendo que as mídias farão, como já estão fazendo, comparações no que diz respeito a soluções urbanas, construções de centros e legado olímpico, com ênfase no fato de que se tratam de duas cidades até então fora do mapa principal dos atletas olímpicos. Os jornalistas mais experientes em coberturas também certamente vão comparar as condições de trabalho jornalístico, questões como qualidade da internet, acomodações no centro de imprensa, locomoção até os locais dos jogos, hotéis e segurança. Neste ponto, pela minha experiência, já posso assegurar que há um temor dos jornalistas especialmente europeus e australianos quanto ao sucesso do Rio de Janeiro, assim como houve antes dos Jogos de Pequim.

No campo político, não acredito que os assuntos da mídia internacional terão tanta relação com o que houve em 2008. Se a China levantava pautas obrigatórias e automáticas quanto à situação político-econômica do país, qual a relação comunismo x capitalismo no cotidiano de consumo e meios de produção, o caso do Brasil me parece bem menos interessante do ponto de vista do público que lê e assiste notícias olímpicas. Mas existem dois pontos em que a tendência é clara de as coberturas repetirem pautas: "exotismo" e a já citada eficiência de serviços. Assim como na capital chinesa, em 2008, os repórteres também vão explorar exaustivamente os aspectos culturais, culinários e linguísticos do Brasil e da América do Sul, que ainda hoje são um planeta à parte para grande parte do mundo, o que pode soar ofensivo a olhos e ouvidos brasileiros, mas é a uma verdade inquestionável.

P.: Você poderia dizer como foi a sua experiência na cobertura dos jogos de Beijing voltada para o Brasil, e como o Brasil interpretou o momento vivido pela China, não somente no que se refere aos esportes, mas principalmente às questões políticas, econômicas e de direitos humanos?

R.: Minha experiência pessoal na cobertura dos Jogos de 2008 ficou absolutamente restrita aos resultados brasileiros. A rotina da cobertura eram os plantões da madrugada a espera de vagas nas finais e mesmo medalhas. O envolvimento mais profundo que pude ter com a intensidade das Olimpíadas foi depois da medalha de ouro da Maureen Maggi, quando fui imediatamente deslocado com uma equipe para sua cidade natal, no interior de São Paulo. Lá fiquei por alguns dias e conheci toda sua família e história de vida. Este é só o retrato de uma redação, considerando que eu trabalho para um canal exclusivamente esportivo. Assim, a cobertura do Brasil não nos exigiu qualquer aprofundamento maior nos outros aspectos do evento na China que os de competição.

Naquele momento, só não poderia imaginar que três anos depois eu estaria exatamente no local desses Jogos históricos com um projeto jornalístico fortemente amparado em histórias olímpicas. Foi só quando me tornei correspondente em Pequim que pude ter acesso de fato ao que representou e ainda representa tudo o que se passou em 2008 para a história da capital e de toda a China. Em Pequim, pude produzir reportagens e documentários que trataram desde a batalha do governo para conseguir a aprovação da candidatura até a criação do escritório responsável por fazer daqui uma cidade olímpica para sempre, nas palavras da própria entidade. Tudo isso passando pelas construções e reorganizações urbanas, todo o processo pelo qual passou e ainda vem passando o país nos anos pré e pós Jogos. Se a palavra "revolução" é semanticamente um exagero, "uma enorme transformação" pode traduzir o que significou o processo olímpico para Pequim. Política, economia e outros aspectos sensíveis como

direitos humanos não tiveram seus problemas resolvidos num passe de mágica, mas sem dúvida a abertura provocada pelos Jogos teve profundo impacto em todas as áreas até por este ser um efeito indissociável de qualquer legado olímpico: uma vez que os olhos e mídias de todos o mundo se voltam para uma cidade durante o período dos Jogos, jamais eles deixam de observar os efeitos e transformações depois que as delegações deixam o país. O meu trabalho aqui é um exemplo prático disso.

ENTREVISTA 03

Entrevista com o ex-correspondente da Agência Chinesa de Notícias Xinhua no Brasil e vice-Diretor do Instituto Confúcio da UNB, Chen Jiaying.

P.: A China e o Brasil são os primeiros BRICS a sediar uma Olimpíada. Como você vê as semelhanças e diferenças entre a China e o Brasil neste momento, em que esses dois países foram escolhidos para receber o evento (pode levantar questões no aspecto político, econômico e social)?

R.: Primeiro porque os dois países possuem as condições necessárias para sediar o evento, senão não conseguiriam ganhar o voto suficiente para a escolha. Segundo porque os dois países estão marchando rumo a uma etapa do desenvolvimento econômico mais avançado como o termo “emergente” manifesta, com o poderio econômico cada vez mais crescente e o nível de vida da população cada vez mais elevada. Terceiro porque o peso político dos dois países, tanto no cenário regional, como no mundial, torna-se cada vez maior com a participação ativa na solução das questões internacionais.

P.: Sabemos que o Jornalismo chinês passou por uma série de mudanças - e até uma certa flexibilização maior nas coberturas - para se preparar para as Olimpíadas. O que mudou na Imprensa chinesa da época que o Prof. Chen trabalhava para a época pós-olimpíada?

R.: Diria que a imprensa chinesa pós-olimpíada tem se mostrado mais moderna, mais aberta e mais prática, tendo conseguido um avanço maior no processo de integração ao mundo de fora.

P.: Como funciona a imprensa internacional chinesa e qual é a sua relação com a imprensa interna (das notícias relacionadas à China)?

R.: Em grandes mídias (agências noticiosas, diários, revistas ou redes de televisão) as notícias nacionais e as internacionais são tratadas por departamentos diferentes com o pessoal próprio sem mistura e intercâmbio com outros departamentos. Os departamentos diferentes têm próprios critérios de seleção de profissionais. Os correspondentes destacados para o estrangeiro são em geral profissionais do departamento de notícias internacionais.

P.: Qual é o nível de influência que o Governo Chinês exerce na imprensa chinesa voltada para os estrangeiros? Essa influência reflete uma preocupação do Governo com a imagem internacional da China?

R.: Como qualquer parte do mundo o público chinês presta mais atenção a notícias nacionais e locais, embora a preocupação com informações sobre o mundo tenha-se aumentado com o acelerado processo de globalização. O governo estimula a divulgação das notícias internacionais para promover o conhecimento do povo chinês sobre o mundo de fora para favorecer a modernização da China.

P.: Como assuntos sensíveis ao regime (como protestos relacionados aos direitos humanos, a questão da libertação do Tibete, liberdade de expressão etc.) foram retratados pela mídia chinesa, principalmente na época das Olimpíadas, quando toda a imprensa internacional estava prestando atenção na China?

R.: Os órgãos de mídia, especialmente os quadros de alto nível destes, estavam lúcidos da situação do País e sabiam quais as partes da imprensa internacional correspondiam à realidade e quais não.

P.: Na sua opinião, qual foi o peso do engajamento popular para o sucesso dos Jogos Olímpicos de Beijing?

R.: O entusiasmo e patriotismo popular com a realização deste sonho de muitos anos, que significou o levantamento do povo chinês no mundo e que mostrou a capacidade da China em realizar o maior evento esportivo mundial e em disputar o campeonato nos campos de jogos.

P.: Como a população chinesa - em geral - avalia o sucesso da China nas Olimpíadas? Os resultados no esporte, as grandes obras construídas na época e todo o dinheiro gasto tiveram reflexos positivos para os chineses?

R.: Positivamente.

ENTREVISTA 04

Entrevista com o especialista em Estudos Afro-Asiáticos da Universidade Cândido Mendes e fundador do Instituto Brasileiro de Estudos da China, Ásia e Pacífico, Severino Cabral

P.: O que as Olimpíadas representaram para a construção de uma imagem internacional da China e para a própria sociedade chinesa?

R.: A campanha pela modernização da China, que é o grande projeto, a grande meta já dita agora pelo novo líder Xi Jinping, é o seu sonho. O sonho chinês é o rejuvenescimento da nação chinesa moderna: trazê-la para o mundo de hoje e de amanhã. É materializado pelos esforços desenvolvidos nos últimos 30 / 40 anos, iniciados por Deng Xiaoping, para a venda de uma indústria nova, de uma cultura nova, de um sistema novo de comercializar e produzir, tanto na indústria quanto na agricultura, ou na defesa, ciência e tecnologia. Todos os esforços foram impulsionados na direção de modernizar a China. Foi a

missão que a China se deu e isso traz benefícios pro povo chinês, é inegável que está amadurecendo uma nova civilização chinesa, mas tem também o problema do legado antigo da cultura chinesa tradicional, que eles tentam conservar. Eles tentam fazer o esforço de integrar as duas coisas: manter o pensamento da cultura tradicional, mas ativar todos os elementos que puderem para conquistar o novo ciclo de desenvolvimento.

A meta que eles já conseguiram alcançar atualmente é aquela primeira etapa da quadruplicação de seu PIB antigo. E eles se propuseram a continuar a expansão, a se integrar à Organização Mundial de Comércio (OMC), a ampliar o seu mercado, mas também a mostrar a sua potencialidade cultural e social. E daí os dois grandes projetos deles: as Olimpíadas de 2008 e a Expo Shanghai 2010. Primeiro as Olimpíadas, longamente trabalhadas, que na primeira tentativa eles tiveram a surpresa de alguns desertarem e outros passarem para Sidney, então Sidney tomou o lugar de Pequim; na segunda eleição já estava decidido que seria Atenas; e finalmente na terceira candidatura Pequim conseguiu se eleger, e realizou um dos maiores acontecimentos globais para quem viveu aqui e para quem esteve em Pequim. Mas mesmo à distância nós pudemos acompanhar e, comparando com as experiências do passado, realmente foi uma coisa grandiosa.

O próprio processo de modernização da China já obteve um grande resultado. E esse resultado está materializado na fabulosa infraestrutura do país, amplamente reconhecida. Hoje, diante de uma nova época, eles saíram de uma civilização agrária antiga para uma civilização industrial, técnica, científica e tecnológica, modelo que veio de fora. Chineses abriram mão do sistema que antes era perfeito, que deixou grandes legados como a Muralha, obras de arte e literatura, para modernizar o país - fazer do velho o novo. Essa nova missão que os chineses se deram, de se modernizar, levou quase um século para apresentar resultados. Esse foi o sentido desses dois grandes eventos. O principal desafio da China hoje é continuar esse desenvolvimento, realizado através do crescimento industrial.

P.: As relações entre Brasil e China parecem estar se intensificando nos últimos anos. A que atribui esse processo? Quais os interesses desses países nessa aproximação? O que mudou em relação aos períodos anteriores?

R.: A China é o principal parceiro comercial do Brasil, tanto em exportação quanto em importação. E também o maior investidor no Brasil. E o principal parceiro em transferência de tecnologia, parcerias técnico-científicas.

O sonho do Chinês é ser moderno. E “O Brasil está condenado a ser moderno” - uma concepção totalmente nova de urbanidade. Brasília é a capital do século XXI. O momento em que vive a China é uma chamada para o Brasil traçar o mesmo caminho. O Brasil é mais antigo nesse processo de modernidade. Mas o fato de a China ter nos superado resulta da massa física, do volume físico que dispõe a China. A China conta com 800 milhões de pessoas para trabalhar, enquanto o Brasil tem 80 milhões. Mas tem a ver também com a cultura e a ética Confuciana, à qual os chineses se sujeitam. E a coletividade. Os países asiáticos se desenvolvem ligados à ética confuciana. Os asiáticos souberam adaptar o aspecto coletivista de suas civilizações à individualidade consumista do mundo moderno desenvolvido.

Apesar de todo o crescimento, a renda per-cápita chinesa é muito menor que a brasileira. Eles vão ter que fazer um esforço imenso para chegar aos padrões americanos, europeus e até brasileiros. Mas o crescimento e o êxito do país é inegável, principalmente nesse período de crise, em que a China continua mantendo seu exponencial crescimento. Eles adaptam as condições de retração mundial para manter o crescimento acima de 7%. O Brasil está desafiado a correr mais para alcançar esse limiar de 7%, porque há anos não cresce mais do que 3%. Por isso, muitas vezes nos sentimos ultrapassados pelos chineses.

P.: Na sua opinião, as diferenças entre os regimes brasileiro e chinês - democrático e autoritário - explicam a maior velocidade do crescimento econômico chinês, se comparado ao crescimento brasileiro?

R.: O totalitarismo não explica o crescimento chinês, porque vemos outros países totalitários que não apresentam crescimento. O crescimento chinês é explicado por outros meios: o fato de eles terem um comando e uma autoridade em torno da liderança do PCC, um partido comunista diferente dos ocidentais, porque é aberto a todos os seguimentos da sociedade. Essa capacidade unitária é um benefício. A China é, bem ou mal, uma sociedade aberta. Mas tem padrões de convivências estabelecidas e cobranças efetivadas. Sendo moderno, não é totalmente poroso a certas pressões do cotidiano da cultura moderna.

P.: Você pode falar um pouco mais sobre a evolução das relações entre a China e o Brasil?

R.: O Brasil teve um crescimento acelerado durante décadas, parte em governos autoritários como o Estado Novo e a Ditadura Militar, mas tivemos a continuidade do crescimento ao longo de regimes não-totalitários, como o de Juscelino Kubitschek, mas fomos apanhados por severas crises que atrapalharam nosso crescimento: Confisco no governo de Collor, inflação, implantação do Real. Não podemos esquecer que temos o país estabilizado há décadas, crescendo menos do que o desejado, mas crescendo sempre. por isso somos a 6ª economia do mundo e a 5ª reserva financeira. Não estamos tão mal, embora grande parte desse crescimento esteja vinculado ao crescimento da China.

Em 1993, foi estabelecida a primeira parceria estratégica China-Brasil, com os presidentes Itamar Franco e Zhen Zemin. Foi a primeira parceria estratégica estabelecida entre China e um país estrangeiro. Foi uma parceria lógica, pois desde a década de 70, havia uma extrema convergência de interesses políticos, econômicos e globais. Ambos os países assumiram posições moderadoras perante os conflitos internacionais. A China pretende contribuir para o desenvolvimento dessas regiões que estão vinculadas ao seu crescimento.

Há um projeto de grande cooperação e intercâmbio em vários aspectos da China e do Brasil, que é o Plano de ação conjunta 2010 - 2014 - chancelado por Lula e Hu Jintao. Este ano que passou, 2012, Wen Jiabao veio ao Brasil e concluiu com Dilma que se elevou o estatuto da relação Brasil - China. A relação tem dado frutos que têm impactos grandes no sistema internacional. Por isso foi assinado o plano decenal de cooperação em várias esferas (universidades, cultura, indústria, intercâmbio), até 2021. O que der certo nesse plano vai configurar um mundo diferente amanhã.

P.: As relações entre a China e o Brasil se intensificaram durante a recente crise econômica mundial? Qual seria o interesse mútuo dessa aproximação?

R.: A crise intensificou a relação porque os países precisaram cooperar para se manter crescendo em meio à crise. Essa união é importante para o sonho chinês e para o sonho brasileiro. Os recursos brasileiros, que precisam ser mantidos elevados, virão da capacidade de produzir, exportar e gerar reservas financeiras, a partir da construção de uma nova base técnico-industrial. O Brasil é um país encapsulado num sistema facilmente integrável: a América do Sul. Os países da Europa e EUA diminuem sua força na crise e dão maior espaço à liderança dos BRICS. O Brasil, para crescer, precisa do crescimento da economia global, que por sua vez depende do crescimento da China.

P.: Em 2000, a China perdeu a candidatura das Olimpíadas para a Austrália, e o principal motivo teria sido as práticas de desrespeito aos direitos humanos e os traços autoritários do regime liderado pelo Partido Comunista Chinês. Você concorda com essa visão que a comunidade internacional ainda cultiva sobre a China?

R.: Eu discordo. Conter 1 bilhão de pessoas dentro de um mesmo território exige força física. É fácil para o Ocidente criticar, porque como diria o ditado brasileiro, “pimenta nos olhos dos outros é refresco”. No caso das grandes multidões, é preciso um comando forte, pois um comando jurídico apenas não resolve. E os próprios Estados Unidos têm esse comando e usam em situações críticas de perda de soberania. As Revoluções Francesa e Inglesa que aconteceram no século XVIII também tiveram como forte característica o uso da força física. Só que no caso chinês, a revolução acontece neste século. A própria sucessão das diferentes gerações do PCC é um modelo admirável. Deveríamos nos inspirar nesse sistema, em vez de criticar.

P.: Qual é o papel da China e do Brasil nessa nova ordem mundial que se consolida no século XXI, em que os BRICS tendem a emergir como superpotências?

R.: Os chineses, que começaram a crescer depois, alcançaram os países desenvolvidos e se preparam para ser a principal economia do mundo. E nós brasileiros estamos nesse meio-termo, e também podemos ser um pilar importante da economia mundial, temos todas as condições. E a cultura Europeia está envelhecendo, não tem mais para onde crescer. E isso tudo ainda é agravado pela crise. A nova ordem, se baseada na cooperação e não no conflito, pode atender aos mais diversos interesses. O Brasil não é viável, senão pelo seu desenvolvimento, pelos seus meios, recursos naturais etc. Porque se nós não transformarmos nossos recursos naturais, outros vão querer transformar. Índia, China e o Brasil são os grandes pilares do desenvolvimento do século XXI. E a Rússia está no limiar entre a velha Europa e a nova aurora da Ásia, mas também vai chegar lá, porque, além de ser cobiçada pelos dois lados, tem uma importância grande no cenário mundial. Também dispõe de enormes recursos naturais e é um país muito perigoso. Foi uma potência do passado e é um elemento do mundo emergente, com população e economia menores do que o Brasil.

P.: Quais as principais semelhanças e diferenças dos processos de desenvolvimento do Brasil e da China hoje, em diferentes dimensões: política, econômica e cultural. Como isso afeta as diferenças nas formas de inserção da China e no Brasil no processo de globalização?

R.: Semelhanças: ambos partiram de uma base agrária. Mas a indústria brasileira nasceu antes da Chinesa (anos 20, 30 - 50 - 70). Isso contribuiu para o Brasil acelerar o crescimento a partir da segunda metade do século XX. Mas a dupla crise, do petróleo e da crise financeira (elevação do custo do empréstimo do dólar), nos abalou, e limitou um pouco nosso crescimento. Já a China importou uma indústria pesada da URSS nos primeiros 10 anos da República Popular, e depois da separação da URSS, o PCC resolveu reintegrar a China à economia mundial.

Aplicaram medidas e contra-medidas que se diferem das do Brasil. A indústria automobilística, por exemplo, a priori, seguiu o modelo brasileiro: de implantar grandes multinacionais no seu território. Mas a diferença é que a China criou a sua própria indústria automobilística, as suas próprias marcas, e hoje exportam. O Brasil não fez isso, não existe uma marca, um carro brasileiro. O Brasil é apenas uma reserva de mercado das grandes empresas de produção automobilística do mundo. Os chineses tiveram grande êxito nisso. Japoneses e coreanos também fizeram o mesmo que a China.

O Brasil, por sua vez, tem a terceira maior indústria aeronáutica do mundo: a Embraer. E a transferência dessa tecnologia é uma das principais pautas de cooperação com a China: a China leva a Embraer para montar lá, mas também tem interesse em desenvolver o seu próprio avião. A relação do Brasil com a China também mostra os erros e acertos do nosso desenvolvimento.

P.: Que lições o Brasil pode tirar do processo de desenvolvimento da China, e vice-versa?

R.: Essa questão da criação de uma marca de automóveis brasileira - por exemplo - é uma lição que os chineses nos ensinam. E o Brasil ensina à China como transferir uma sociedade pensada em padrões europeus para os trópicos e ter sucesso. Soubemos nos miscigenar, pegar o melhor de cada cultura. O milagre brasileiro é uma sociedade de 200 milhões de habitantes, em 8 milhões de km e meio de território, que fala a mesma língua, sem movimentos separatistas. O Brasil engloba as minorias, coisa que os chineses não fazem. E os europeus também não.

Além disso, o Brasil ensina uma cultura integradora, tanto geneticamente falando, quanto espiritualmente falando: não há conflito étnico, nem religioso no Brasil. Nós abolimos a diferença, criamos uma cultura de integração das diferenças. O Brasil é um dos expoentes do “mundo global”.

P.: Esses fortes traços de apropriação de bens de outros países para a própria China, e de miscigenação da parte brasileira, são reconhecíveis desde as épocas “coloniais”, por assim dizer, de ambos os países?

R.: Colonização da China: mongóis e manchus dominaram a China, mas se tornaram chineses. Foram “chinesados”. Essa é uma característica forte da China. E no Brasil, ao contrário, a cultura que prevaleceu não foi a Ameríndia, mas sim a Lusa. Nossa identidade lusitana nos separa do resto da América Latina, que é hispânica. Porque os próprios portugueses são misturados. Foram dominados por outros povos, os Mouros, que já haviam se dominados pelos romanos e germânicos, e se

miscigenaram. A lusitanidade é quase um sinônimo de brasilidade. Porque ameríndios não tinham uma unidade entre si. Pelo contrário, estavam em constante conflito e falavam línguas diferentes. E os portugueses unificaram o idioma.

P.: No seu livro, você cita Gilberto Freyre, e afirma que o Brasil é a China da América Latina. Você pode desenvolver um pouco mais esse argumento?

R.: O que há de parecido entre o Brasil Jovem e a China antiga? A liderança que o Brasil exerce na América Latina, assim como a China exerce na Ásia. Brasil é a “China preta”: ameaça a soberania dos países vizinhos. Freyre teve papel importantíssimo na construção do imaginário brasileiro do século XX. Um traço fraco da cultura brasileira é achar que tudo o que é metropolitano é melhor: cultura hiper-crítica do nacional. O famoso “complexo de vira-lata”, segundo Nelson Rodrigues. Para Freyre, porque somos mestiços, somos melhores e por isso pudemos criar uma civilização pacífica, que respeita as diferenças.

P.: Que semelhanças e diferenças percebe entre o modo com a China e o Brasil estão lidando com o fato de sediarem as Olimpíadas?

R.: A China chegou muito depois do Brasil e já tem um histórico de medalhas muito mais forte que a nossa. É uma das maiores potências olímpicas, junto aos EUA e a Rússia. Coisa que o Brasil não é. E nunca vai ser, porque o foco dos esportes no Brasil é coletivo, sobretudo no futebol. E os maiores esportes olímpicos são individuais, porque os coletivos têm pouca representatividade nas Olimpíadas. Os chineses conseguiram se adaptar a uma concepção de mundo moderno que eles não tinham, cientificamente, culturalmente... o deixar de cuspir na rua foi um exemplo. E o Brasil já surgiu nesse contexto de mundo moderno.

Tem aquele slogan “o Brasil é o país do futuro”, mas podemos sim dizer que o Brasil é o país do presente. E o Brasil tem grande importância internacional na mediação de conflitos. A votação do Estado Palestino na ONU é um exemplo. As Olimpíadas são um espaço de exibição de poder. O Brasil nunca foi forte nesse campo olímpico. A China, por sua vez, quis mostrar ao mundo que era capaz de ganhar muitas medalhas, mas também a sua modernização, a capacidade de fazer grandes obras, sua civilização etc. Houve um movimento de boicote da passagem da tocha olímpica, entre França, Inglaterra e Taiwan. Alguns atletas chineses foram agredidos, entre eles, aquela moça com a cadeira de rodas, que foi derrubada.

7.3 Parte III – Tabelas, mapas e figuras com dados relevantes acerca do tema

Tabela 01

Número de mortos e feridos na Revolta da Praça Tiananmen, em Junho de 1989

Nº mortos	Informação	Fonte	Data
241	241 mortos - civis, estudantes e militares (Informação oficial).	Governo Chinês	1989
2600	Um funcionário não identificado da Cruz Vermelha chinesa divulgou a existência de 2.600 mortos, 2.000 feridos e 400 soldados desaparecidos.	Embora tenha sido divulgado pela imprensa mundial, foi em seguida negado pela Cruz Vermelha.	1989
1000	1000 mortos (Estimativa da HRW). Foi divulgada uma lista de nomes de 195 mortos, e de outras 57 vítimas que ficaram feridas ou paraplégicas (Mães de Tiananmen).	Human Rights in China (HRIC)	2010
Notas			
a) O número de mortos e feridos ainda não está claro por causa das grandes discrepâncias entre as diferentes estimativas.			
b) Os protestos de 03 e 04 de junho 1989 na Praça Tiananmen, em Beijing, representaram o maior desafio ao Partido Comunista Chinês desde sua chegada ao poder, em 1949.			

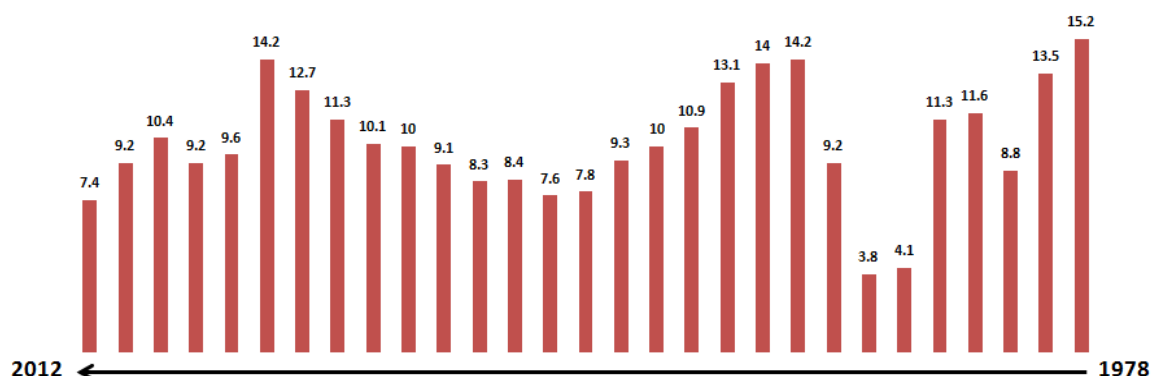
Fontes: CNN 2012; BBC 2012; HRW /HRIC 2010

Tabela 02

Números de mortos e feridos na revolta do Tibete, em 2008.

Nº mortos	Informação	Fonte	Data
16	16 mortos (informação oficial)	Governo Chinês /Agencia Nova China.	2008
100	120 mortos (informação paralela)	Administração Central Tibetana, (governo no exílio em Dharamsala, Índia) / ONG ICT (The International Campaign for Tibet).	2008
Notas			
Os tibetanos foram às ruas em março de 2008 para lembrar os 49 anos de uma grande revolta contra a China, ocorrida em 10 de março de 1959. Estes protestos, ocorridos em 2008, principalmente em Lhasa capital do Tibete, foram considerado o auge da resistência tibetana.			
O Governo chinês reconheceu que as revoltas se estenderam para outras províncias habitadas por população tibetana, como Gansu, Sichuan e Qinghai,			
O Levante Nacional Tibetano ocorrido em 1959 deixou um saldo de 87.000 mortos e a fuga para o exterior do Dalai Lama e de cerca de 100.000 tibetanos. Temendo por sua própria segurança, o Dalai Lama deixou Lhasa em 17 de março de 1959..			

Fontes: Veja (varias ed.) 2008 / Xinhua News 2008.

Tabela 3**Gráfico da evolução do crescimento do PIB da China desde a reforma de 1978**

Fonte: China Statistical Yearbook ,2011 e CNN Money, 2012

Tabela 04**Principais datas da Olimpíada e Paraolimpíada de Beijing**

Item	Data	Fato
1	13 de julho de 2001	Beijing , China foi escolhida para sediar os Jogos da XXIX Olimpíada.
2	03 de agosto de 2003	O Tema dos Jogos Olímpicos de Beijing foi apresentado ao mundo: 1. Olimpíada Verde, 2. Olimpíada da alta tecnologia e: 3. Olimpíada das Pessoas .
3	Dezembro de 2003	Início da construção do Estádio Nacional – Ninho de Pássaro
4	29 de agosto de 2004	Encerramento dos Jogos Olímpicos de Atenas e Beijing iniciou a sua trajetória olímpica com o recebimento da bandeira olímpica.
5	26 de junho de 2005	O slogan e a logomarca olímpico de Beijing foi divulgado – “One World One Dream” Um mundo, um sonho.
6	11 de novembro de 2005	Apresentação dos 5 mascotes olímpicos – Fuwa: Beibei (peixe), Jingjing (panda), Huanhuan (a própria chama), Yingying (antílope-tibetano) e Nini (andorinha).
7	29 de abril de 2006	Os eventos esportivos do Jogos Olímpicos de Beijing foram finalizados.
8	01 de agosto de 2006	Lançado o programa de voluntariado
9	07 de agosto de 2006	Os pictogramas dos esportes dos Jogos Olímpicos de Beijing foram divulgados.
10	27 de março de 2007	Apresentação das medalhas Jade para o Jogos Olímpicos de Beijing.
11	15 de abril de 2007	Início das vendas on-line dos ingressos.
12	27 de abril de 2007	Foi iniciado a rota mundial de revezamento da Tocha Olímpica.
13	24 de março de 2008	Iniciado o revezamento da Tocha na China.
14	31 de março de 2008	Encerradas as inscrições para voluntários. 1.125.799 candidatos se inscreveram, entre os quais, 22.000 eram candidatos internacionais.
15	23 de abril de 2008	Início da venda dos ingressos nos pontos de venda definidos pelo Comitê Organizador.
16	28 de junho de 2008	A construção do Estádio Nacional Ninho de Pássaro foi concluída.
17	08 de julho de 2008	MPC e IBC começaram a operação na China.

18	08 de agosto de 2008	Cerimônia de Abertura dos Jogos Olímpicos foi realizada no Ninho de Pássaro.
19	24 de agosto de 2008	Cerimônia de Encerramento dos Jogos Olímpicos. A bandeira olímpica foi entregue para a cidade de Londres.
20	06 de setembro de 2008	Cerimônia de Abertura dos Jogos Paraolímpicos foi realizada no Ninho de Pássaro.
21	17 de setembro de 2008	Cerimônia de Encerramento dos Jogos Paraolímpicos. A bandeira paraolímpica foi entregue para a cidade de Londres.

Fonte: Official Report of the Beijing 2008 Olympic Games Volume 2., Versão digital , LA84 Foundation, 2011

Tabela 05
Dados gerais da Olimpíada e Paraolimpíada de Beijing

Item	Fato	Quantidade / número/tipo /local
1	Anos de planejamento	Mais de 7 anos
2	Rota da Tocha Olímpica	21.880 pessoas carregaram a Tocha Olímpica, no percurso de 137.000 km
3	Período dos Jogos Olímpicos	04 a 24 de agosto de 2008
4	Período dos Jogos Paraolímpicos	06 a 17 de setembro de 2008
5	Locais dos jogos	Beijing (31 locais); e nas cidades de Shanghai, Hong Kong, Tianjin, Qingdao, Qinhuaangdao e Shenyang (1 local cada)
6	Atletas olímpicos	11.468 atletas
7	Atletas paraolímpicos	4.000 atletas
8	Eventos olímpicos	302 eventos (165 masculino, 127 feminino e 10 mistos)
9	Esportes paraolímpicos	20 modalidades
10	Esportes olímpicos	28 modalidades
11	Medalhas paraolímpicas e recordes	Total de 1.429 medalhas; 279 recordes mundiais e 339 recordes olímpicos
12	Medalhas olímpicas e recordes	Total de 926 medalhas para os vencedores de 87 países e territórios. 38 recordes mundiais e 85 recordes olímpicos
13	Países representados	204
14	Total de expectadores da Olimpíada	6.7 milhões
15	Total de expectadores da Paraolimpíada	3.45 milhões
16	Audiência de televisão	4,7 bilhões de espectadores assistiram mais de 500 horas de transmissão (a maioria ao vivo) em mais de 220 países
17	Número de jornalistas na Olimpíada	26.298 jornalistas credenciados, 5.980 não credenciados
18	Número de jornalistas na Paraolimpíada	10.300 jornalistas credenciados
19	Membros oficiais, treinadores e pessoal de serviço da Olimpíada	9175 pessoas
20	Membros oficiais, treinadores e pessoal de serviço da Paraolimpíada	2.500 pessoas de 143 países

Fonte: Beijing Environmental Protection Bureau. Independent Environmental Assessment, Beijing 2008 Olympic Games, UNEP, 2009

Tabela 06**Investimentos feitos em função da Olimpíada e Paraolimpíada de Beijing**

Item	Tipo do investimento	Valor U\$D (dólar)
1	Investimento em infra-estrutura ambiental urbana.	11,923,000,000.00
2	Investimento em controle de fontes de poluição.	2,607,000,000.00
3	Controle de poluição, instalações e custo de operação.	1,674,000,000.00
4	Investimento no desenvolvimento de capacitação de gestão ambiental, incluindo treinamento de pessoal.	350,000,000.00
5	Construção de 12 novos estádios e reforma de 11 outros e construção de 8 instalações	1.900,000,000.00
6	Implantação de comunicação, telecomunicações digitais e banda larga, transmissão sem fio e tecnologias de rede, e "tecnologias inteligentes".	3,600,000,000.00
7	Restauração de patrimônio histórico e renovação de 25 zonas históricas; demolição de habitação em ruínas e prédios urbanos.	200,000,000.00
8	Sistema de transporte: construção e extensão do sistema de Beijing metrô-ferroviário, reforma e ampliação de mais de 318 km de ruas incluindo 23 rotas torno dos locais de Jogos Olímpicos, e sistemas de alta tecnologia de controle de tráfego.	1,100,000,000.00
10	Novos aeroportos, terminais de passageiros e de carga: Novo sistema de gestão e segurança do espaço aéreo.	4.000.000,000.00
	Custos operacionais, como a cerimônia de abertura, gerenciamento dos eventos esportivos e segurança geral da olimpíada.	2,100,000,000.00

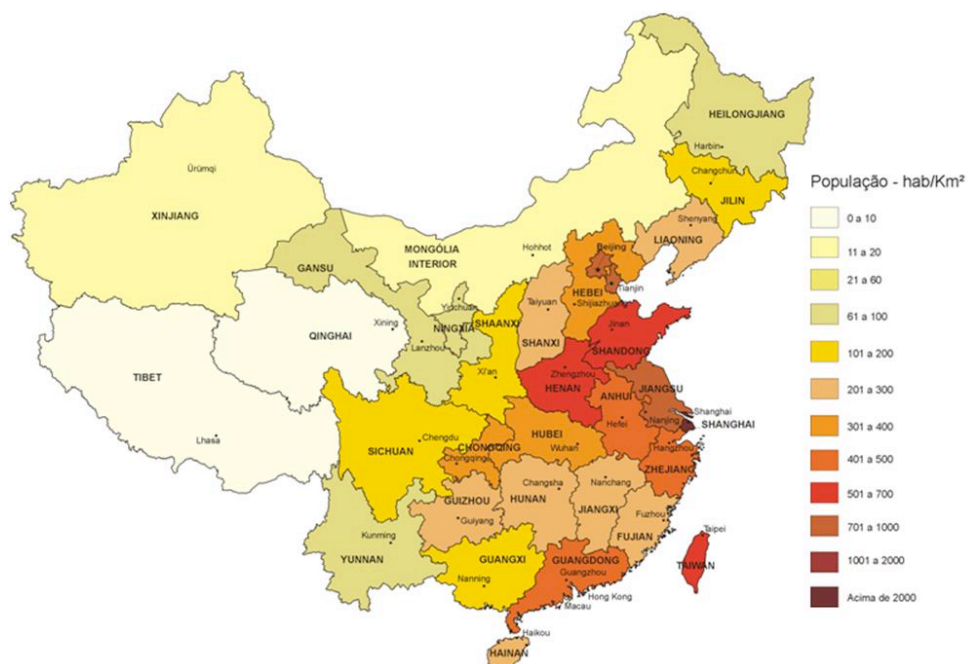
Fonte: Beijing Environmental Protection Bureau. Independent Environmental Assessment, Beijing 2008 Olympic Games

Figura 01**Mapa da China com a localização das cidades onde foram realizados os Jogos Olímpicos de 2008**

Fontes: BOGOC China / 2008 e China Statistical Yearbook ,2011.

Figura 02

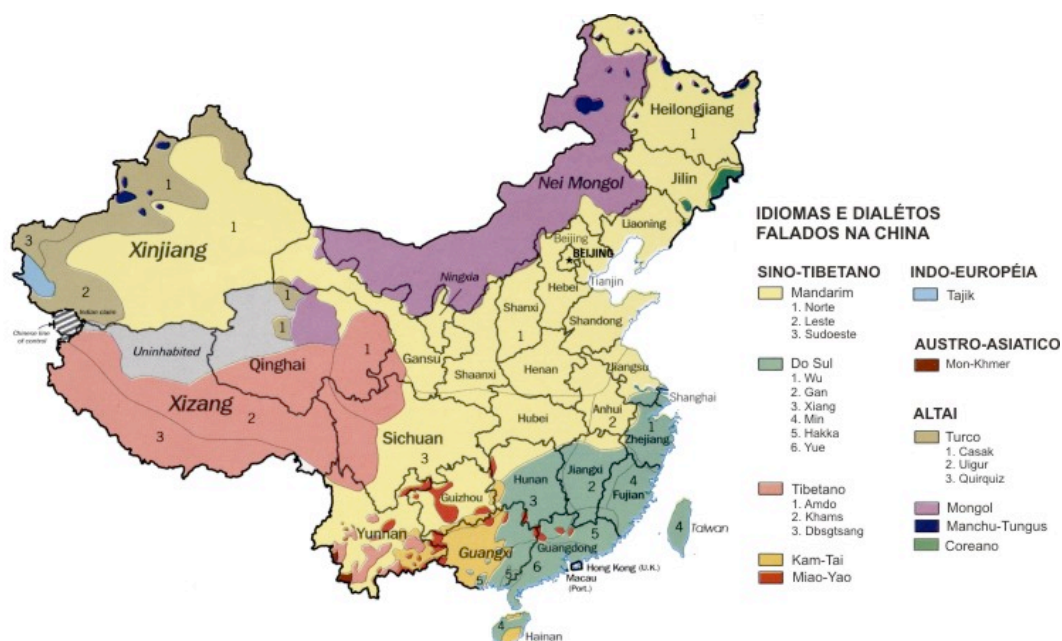
Mapa da densidade demográfica da China 2011



Fonte: China Statistical Yearbook ,2011

Figura 03

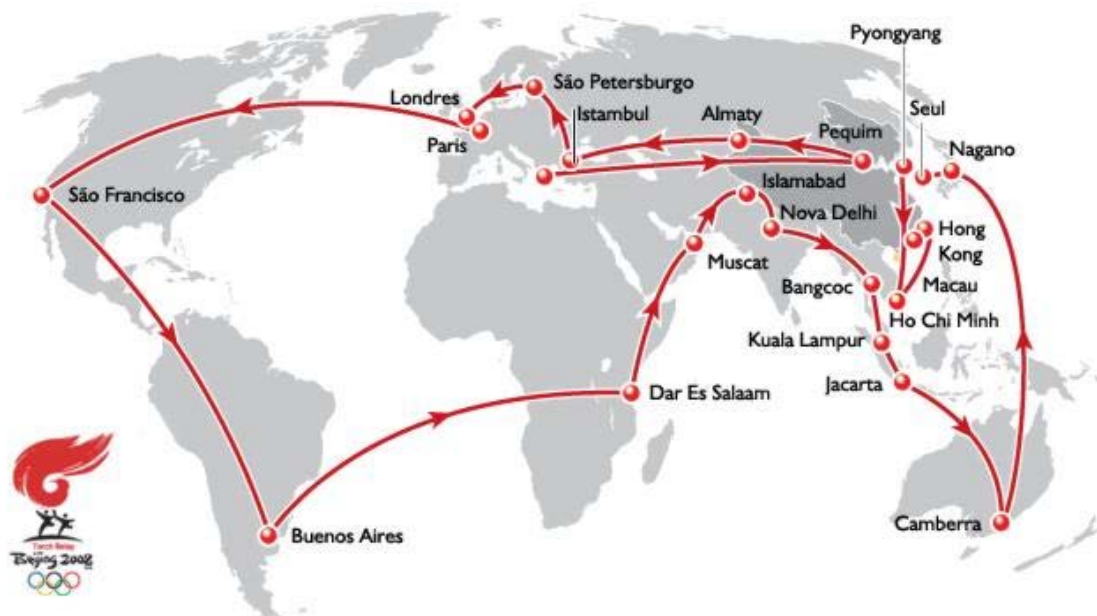
Idiomas e dialetos falado na China



Fonte: China Statistical Yearbook ,2011

Figura 04

Rota do revezamento da Tocha Olímpica da Olimpíada de Beijing



Fonte: <http://torchrelay.beijing2008.cn>

Figura 05

Logomarcas dos Jogos Olímpicos de Beijing 2008



Logomarca dos Jogos Olímpicos de Beijing 2008



Logomarca dos Jogos Paraolímpicos de Beijing 2008



Logomarca da Rota da Tocha Olímpica,
da Olimpíada de Beijing 2008



Logomarca do Programa de Voluntariado,
da Olimpíada de Beijing 2008

福娃 Fuwa



Mascotes dos Jogos Olímpicos de Beijing 2008

Fonte: <http://en.beijing2008.cn>

Figura 06

Manchetes nos principais jornais internacionais no dia seguinte à cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de Beijing, em 09/08/2008.



Het Parool
Amsterdam, Netherlands



Der Tagesspiegel
Berlim, Alemanha



Süddeutsche Zeitung
Munich, Alemanha



To Vima
Atenas, Grecia



The Telegraph
Calcutá, India



Anandabazar Patrika
Calcutá, India



Corriere Della Sera
Milão, Italia



La Repubblica
Roma Itália



The New York Times
Nova Iorque, EUA



The Boston Globe
Boston, EUA



The Washington Post Washington,
EUA



Clarín
Buenos Aires, Argentina



The Courier-Mail
Brisbane, Australia



Der Standard
Vienna, Austria



The Ottawa Sun
Ottawa, Canada



La Presse
Montreal, Canada



Jam-e-Jam
Teerā, Irā



Asahi Shimbun
Toquio, Japão



Star
Kuala Lumpur, Malasia



Reforma
Cidade do México, México



Oriental Morning Post
Shanghai, China



The Beijing News
Beijing, China



El Mercurio Santiago, Chile



An-Nahar
Beirute, Libano



Fonte: http://www.newseum.org/todaysfrontpages/main_archive.asp

Figura 07

Cenas da Cerimônia de Abertura dos Jogos Olímpicos de Beijing, 08/08/2008



Fonte: Official Report of the Beijing 2008 Olympic Games, Vol. I, COI, 2008

